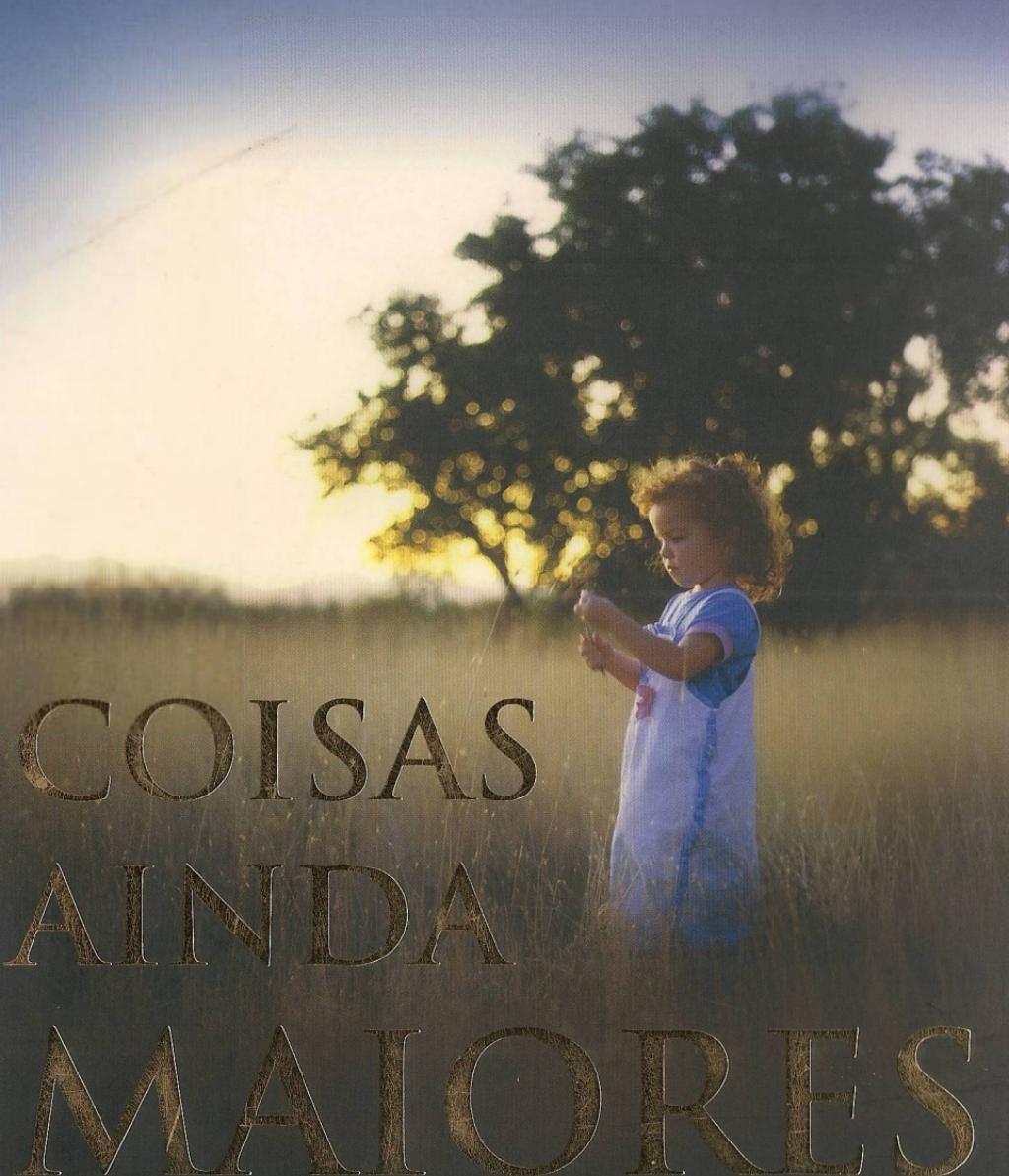


REINHARD
BONNKE



COISAS
AINDA
MAIORES

12 HISTÓRIAS VERÍDICAS QUE O INSPIRARÃO
A FAZER GRANDES COISAS PARA DEUS

REINHARD
BONNKE

COISAS
AINDA
MAIORES

12 HISTÓRIAS VERÍDICAS QUE O INSPIRARÃO
A FAZER GRANDES COISAS PARA DEUS

BP

BELLO PUBLICAÇÕES

Belo Horizonte, 2009

Título Original

Even Greater

Copyright © E-R-Productions LLC 2006

Diretor:

Lester Bello

Editor:

S.K. Tomazsewski

Desenho da Capa:

Bill Chiaravalle/Brand Navigation

Diagramação:

Filipe Araújo

Tradução e Revisão:

Ilia Karina Rocha

Revisão da Língua Portuguesa:

Helena Ferreira Melazzo

BP

BELLO PUBLICAÇÕES

Rua Luther King, 20 A - Bairro Cidade Nova
Belo Horizonte / MG / Brasil - CEP 31170-100

contato@bellopublicacoes.com
www.bellopublicacoes.com

Segunda Edição, 2007

Reimpressão Junho 2009

Copyright © E-R Productions LLC 2007

ISBN 978-85-61721-33-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer registro informático, sem autorização escrita do autor e do editor.



Todos os direitos reservados pela E-R-Productions Brasil

Curitiba - Paraná - 80730-970 - Caixa Postal 10360 BRASIL

Tel.: (41) 3243 7600 FAX: 41 3243 0076

Visite: www.bonnke.com.br

Bonnke, Reinhard
B718 Coisas ainda maiores / Reinhard
Bonnke; tradução de Ilia Karina Rocha -
Belo Horizonte: Bello Publicações, 2009.
194p.
Título original: Even greater

1. Evangelização. 2. Milagres.
I. Título.

CDD: 269.2

CDU: 266

Bibliotecária responsável:
Maria Aparecida Costa Duarte
CRB/6-1047

ÍNDICE

Prefácio		07
Introdução		09
Capítulo Um	<i>Sobretnaneiramente Abençoada</i>	13
Capítulo Dois	<i>O Sonho de um Domingo de Páscoa</i>	25
Capítulo Três	<i>Um Menino nos Faróis</i>	45
Capítulo Quatro	<i>Diamantes e Dança de Boate</i>	61
Capítulo Cinco	<i>O Destruidor do Cativeiro</i>	75
Capítulo Seis	<i>Os Laços que nos Unem</i>	83
Capítulo Sete	<i>A Cova dos Leões</i>	99
Capítulo Oito	<i>Cruel e Incomum</i>	123
Capítulo Nove	<i>Uma Teologia Muito Insignificante</i>	141
Capítulo Dez	<i>Uma Promessa Confiável</i>	147
Capítulo Onze	<i>O Grito Silencioso</i>	155
Capítulo Doze	<i>Café da Manhã no Bismark</i>	185

PREFÁCIO

O privilégio de prefaciar um livro é que o autor não pode defender-se das palavras ditas. Por isto, sinto liberdade para dizer o que se segue, ciente de que se meu amigo Reinhard Bonnke as lesse, antes que fossem impressas, não as permitiria.

Eu creio que honestidade exige reconhecimento de que Reinhard Bonnke é o evangelista internacional de maior projeção e penetração no mundo. Estatísticas, não somente de milhões de almas trazidas para Cristo no quarto de século passado, mas o nasamento de milhares de igrejas ou dramático crescimento, testificam a viabilidade da minha afirmação.

Por mais que eu creia na avaliação acima, não o faço para sugerir uma competição entre reputações, ou banalizar as grandes realizações de muitos outros notáveis líderes que o Espírito Santo usou na presente geração, mas para levar a uma demonstração do simples poder do primeiro século do cristianismo no século 20 e 21. Há um registro inigualável de graça e poder miraculosos que deixaram um rastro de fogo santo em qualquer lugar que Reinhard Bonnke tenha ido - através de toda a África, assim como em outras fortalezas do mundo.

Não sou dado a bajulações nem a exageros, mas simplesmente tenho visto muito do fogo do Espírito de Deus agindo nas cruzadas de Reinhard Bonnke, e ouvido muitos relatos de frutos eternos de Deus permanecendo após as cruzadas. Por este tipo de fruto, uma espécie que dura, nascido de um ministério cheio de integridade, santidade de vida e dirigido por um zelo desprendido por almas como nunca vi em outra pessoa — por

este tipo de fruto é que Jesus disse: *conheceremos os verdadeiros servos do Evangelho.*

Neste livro, o evangelista conta algumas histórias de milagres que aconteceram nas cruzadas. Em algumas dessas cruzadas foram contabilizadas mais de um milhão de pessoas em um só culto e, é comum, (se é que esta palavra está correta para qualificar tais milagres) que mais de 100.000 almas confessem a Cristo em um só evento!

Minha opinião em relação à notabilidade de Reinhard Bonnke no nosso tempo pode ser desafiada por alguns. Eu entendo, pois conheço outros extraordinários e grandes líderes, ainda vivos ou mesmo na glória, e suas dificuldades para medir o ministério. Mas em todo o caso, sem alardear a fama do ministério mas, simplesmente pelos resultados da proclamação do “Nome de Jesus”, o nome sobre todos, eu o convido a relaxar com este livro.

Depois de lê-lo, você não será o mesmo, porque aqui há histórias do agir do Espírito Santo, glorificando a Jesus a cada mudança, transformação, cura e libertação de almas pela maravilhosa vida e glória de Cristo.

Este livro foi escrito por um de Seus servos. Penso que você vai gostar de encontrá-lo também, e aprender porque ele é tão eficiente em apresentar as pessoas ao querido Salvador — o Senhor Jesus Cristo.

Jack W Hayford, Chanceler
The Kings Seminary
Los Angeles, Califórnia

INTRODUÇÃO

AGENTES DE ONIPOTÊNCIA

Eu sou Reinhard Bonnke, um evangelista. Você deve ter ouvido sobre minhas cruzadas, ou talvez não. Quero que você esteja comigo.

Pode ser que você não queira. Talvez não goste da idéia de que eu seja um evangelista. Meu nome pode parecer estranho a você, e quando falo inglês, algumas pessoas sentem-se desestimuladas pelo meu sotaque alemão. Talvez você não concorde com a base ou credos da minha igreja. Não importa. Eu quero que você esteja comigo em um grande palco ao ar livre com as pessoas juntando-se ao nosso redor, vindos de todas as direções.

Eu o quero tão de perto que eu possa colocar meu braço ao redor do seu pescoço. Quero que sinta a emoção correndo por minhas veias. Você deve ficar perto o suficiente para ouvir a minha respiração. Por quê? Porque quero que você saiba que sou tão humano quanto você. Quero que saiba ainda que, o que aconteceu comigo também pode acontecer com você.

É por isso que nos colocamos juntos nesta plataforma. Nesta noite, nós vemos algo que talvez nenhum olho visse na história do mundo. A multidão se juntou, e olhamos através de um mar de faces que vão até o horizonte. E uma multidão de 1.600.000 pessoas!

Você pode imaginar uma multidão dessas? Não há igreja ou catedral suficientemente grande para uma fração dela. Nenhuma cidade na terra tem um estádio de esportes grande

o suficiente, para receber mesmo uma pequena porção dessa multidão. As pessoas estão reunidas em um vasto espaço aberto, que forma naturalmente um anfiteatro à nossa frente, permitindo-nos vê-los e eles a nós. Todos estão de pé e não sentados. Estamos olhando para uma multidão três vezes maior do que a que veio assistir ao famoso Festival de Música Woodstock na América, em 1969. Woodstock mudou a geração, mas esta multidão faz com que Woodstock pareça pequena. Pense no quanto este mundo estaria mudado se estas pessoas viessem a Cristo.

Para esta reunião, minha equipe preparou-se por meses. Eles montaram um equipamento de som de última geração e usaram tecnologias de computadores para projetarem a minha voz a longas distâncias. Posso cochichar ao microfone e ainda assim ser ouvido por cada pessoa da multidão, como se estivéssemos face a face. O que você dirá se eu lhe der o microfone? O que vai dizer? Eu começo a pregar. Falo com as pessoas que Deus as ama e deu Seu único Filho para morrer para que eles entrem na vida eterna com Ele. Convido-os a aceitarem a Jesus como Salvador. Você está sentado? 1.093.000 almas perdidas aceitaram o convite.

Na realidade isto aconteceu na nossa Cruzada do Milênio em Lagos, na Nigéria. Naquela noite, 1.093.000 pessoas oraram arrependidas. Depois preencheram nossos cartões de registro afirmando terem aceitado a Cristo e querendo receber acompanhamento. Ao final do sexto dia dos eventos, registramos um total de 3.450.000 pessoas que se decidiram por Jesus! Você pode dizer Aleluia?! Tenho sido evangelista desde 1975, pregando face a face com talvez 100 milhões de pessoas neste espaço de tempo. Mas somente nestes últimos três anos e meio, tenho visto mais de 34 milhões de almas

vindo ao Senhor. Jamais vi multidões tão famintas por Deus como estas. Jamais.

Embora eu tenha uma organização que trabalhou comigo por trinta anos para ver esta colheita, estamos surpresos com o que está acontecendo. Eu quero convencê-lo de que, se você é um seguidor de Jesus, o mesmo pode acontecer com você - mesmo sem uma organização como a minha.

Por favor, fique perto de mim. Talvez você não creia nisto ainda, mas você está ao meu lado nesta plataforma.

A verdade é que, enquanto você e eu somos seres humanos, como filhos de Deus somos muito mais que isso. Somos agentes de onipotência. Isso significa que temos um poder ilimitado. E também significa que não há grandes homens trabalhando no Reino de Deus. Antes, há um grande Deus trabalhando nos seres humanos que têm fé como de uma criança. Você pode ainda não ter visto o que Deus quer fazer através de você. Por isso, espero que você venha a crer com todo o seu coração ao terminar de ler as histórias neste livro.

Talvez você seja uma dona de casa, uma balconista em uma mercearia, um policial, um professor, um estudante, uma secretária, um entregador, um cozinheiro em uma lanchonete, um pastor, um executivo — olhe-se no espelho. Se você pertence a Jesus, Deus está preparando uma plataforma para você. Ele vai juntar a sua multidão, maior ou menor, desde uma alma perdida até uma multidão de milhões. Não importa. A mensagem é a mesma e você sabe disso, assim como eu sei.

N*i* Sua Palavra, o Senhor nos fala que Ele tem grande prazer em usar o simples para confundir ao sábio, o fraco para atacar ao forte, pessoas sem grandes credenciais para falar

da Sua verdade para reis, presidentes e vastas multidões desesperadas por ouvir o Evangelho. Não há como se esconder do Seu chamado. Não tome isto levianamente. Se você conseguiu ler até aqui, então eu creio que este livro é um compromisso divino para você.

Eu sou Reinhard Bonnke. Tudo o que eu faço você pode fazer dez vezes mais. Eu quero ajudá-lo a preparar-se para os dias de colheita à frente. Venha para perto de mim e deixe-me contar-lhe histórias que o convencerão de que, o que eu disse é verdade.

Você é capaz.



CAPÍTULO 1

SOBREMANEIRAMENTE ABENÇOADA

Ela ficou de pé, chorando, bem no final da multidão, além do alcance da minha visão. Naquele dia, duzentas mil pessoas se reuniram no Parque Uhuru. Eu preguei a Palavra e vimos milhares achegarem-se ao Senhor. Curas manifestaram-se entre o povo. Eu estava felicíssimo com mais um dia obedecendo ao Senhor e vendo o Seu poder salvar pecadores. Teresia Wairimu não era uma incrédula e, por isso, não veio à frente. Eu nem sequer fiquei sabendo que ela estava lá.

Ela havia ensopado o seu travesseiro por incontáveis dias antes que eu viesse à sua cidade, Nairóbi, em 1988. Nos últimos meses, seu sonho de servir a Deus através de sua família havia sido despedaçado. A dor dessa perda rasgara sua alma como uma impetuosa tempestade de vento.

Desde sua infância, Teresia desejara servir ao Senhor. Ir à igreja enchia sua imaginação com uma vontade maravilhosa de se casar com um pastor. Quando a idade finalmente chegou, ela encontrou um charmoso missionário europeu. Com esse homem, tudo em sua mente entrou nos eixos. O seu desejo de servir a Deus e de servir a esse missionário tornou-se um. Ela não via nada de mau nisso.

Os seus pais, no entanto, não aprovavam. Para eles, uma união mista de raças era receita para um desastre. Além disso, eram uma respeitada família de negócios e estavam com vergonha só de pensar que sua filha se casaria fora dos valores africanos tradicionais. No entanto, na escravidão do amor e em seu

intenso desejo de servir ao Senhor, Teresia sentiu certeza de que Deus havia providenciado a resposta às suas orações através desse maravilhoso homem cristão.

Ela estava disposta a ir contra os desejos de seus pais e casar-se com ele.

Essa foi uma decisão que a perseguiu por dezenas de anos mais tarde quando seu marido missionário virou-se contra ela. Nenhum apelo à fé cristã de seu marido fez diferença. Ele cruelmente aproveitou-se do sistema machista de justiça para divorciar-se dela, deixando-a com sua filha sem nenhum apoio.

Como essa história toca meu coração! Assim como Teresia, eu tive o desejo de servir a Deus desde criança. Quando eu tinha apenas dez anos de idade na Alemanha eu ouvi a voz do Senhor chamando-me para a África. Eu também tive o desejo de casar-me com alguém que compartilhasse desse mesmo chamado. Não posso nem imaginar onde eu estaria hoje ou como cumpriria o chamado de Deus se minha preciosa Anni tivesse se virado contra mim. O simples pensar nisso produz em meu coração dor suficiente para silenciar todos os meus sermões e sinto-me profundamente tocado pela agonia de Teresia.

Enquanto chorava, de pé no Parque Uhuru naquele dia quente e abafado, ela podia perceber o grande golfo entre nós dois. Era algo mais do que físico. Preguei com uma intrepidez que ela não conhecia. Ela havia sido cruelmente descartada pelo homem que ela mais desejara agradar. À medida que ela ficava de pé atrás da multidão, culpava a si mesma por haver escolhido tão mal em seu desejo de ter um companheiro no ministério. Ela se culpava ainda mais por não ter sido capaz de fazer o casamento funcionar apesar dos problemas do seu marido. Talvez os problemas do seu marido fossem, na verdade, sua

culpa, ela pensava. Ela não havia sido boa o suficiente, não o suficiente para que Jesus mudasse o coração dele. Os pensamentos dela giravam em um círculo como os braços de um incessante moinho, colocando-a para baixo, bem pra baixo.

Ela não tinha para onde ir. Agora, a sua família a rejeitaria, falaria que ela havia apenas alcançado o que merecia. Ela nem sequer conseguia contar a eles acerca do divórcio. A igreja não era nada melhor, já que o divórcio era uma vergonha terrível entre os cristãos quenianos; o beijo da morte para qualquer um que desejasse estar no ministério.

O único refúgio que Teresia encontrou foi em Deus. Apesar de sentir-se rejeitada, de alguma forma ela sabia, no âmago de sua alma, que Deus não a havia rejeitado. Ela fora colocada de lado por um péssimo marido, e não abandonada por um Deus bom. Ela agarrava-se à esperança de que um dia, de alguma forma, em algum lugar, Deus levantar-se-ia e daria novamente a seus pés um lugar sólido para se firmar, o qual nenhum demônio do inferno jamais poderia tomar.

Esse é o motivo pelo qual ela chorava enquanto estava de pé no perímetro final da multidão no Parque Uhuru. Como ela descreve, Teresia ouviu a minha voz ao pregar a Palavra de Deus com poder e autoridade. O próprio som daquele tipo de pregação fez com que a esperança fosse despertada em seu coração. Ela nunca havia escutado o Evangelho pregado daquela forma. Os pastores que ela conhecia tinham sido treinados em seminários, onde foram ensinados a não alimentar a esperança da sua audiência, caso alguém ficasse decepcionado e culpasse a Deus em seu desespero. Até mesmo a esperança das Boas Novas tinha sido diluída para que os incrédulos não se ofendessem.

No entanto, o Reinhard Bonnke que ela viu naquele dia pregou o Evangelho sem comprometimento e deixou que a semente caísse onde deveria. Ele gritou com vontade as Boas Novas no microfone. O jeito com que falava e o modo com que se movia no palanque mostravam a todos que ali estavam um homem que acreditava na mensagem que pregava e que colocaria sua vida no fogo por ela. Ele agia como quem realmente conhecia o Deus sobre quem pregava.

Se Reinhard bonnke pode ser desse modo, pensou Teresia, então, eu também posso. E lágrimas de desejo ardente e esperança rolavam de seus olhos.

Quando pedi que os enfermos viessem à frente, Teresia os observava enquanto eu impunha as mãos sobre eles. Os olhos dos cegos se abriam, os coxos começavam a andar, pessoas que eram surdas podiam, de repente, repetir meus cochichos, palavra por palavra. Foi como se outra página estivesse sendo escrita no livro de Atos.

Teresia viu que eu possuía um “fogo” vivo além dos parâmetros da religiosidade fria de sua própria experiência. Esse era o dom que ela buscava com lágrimas naquele dia. Ela não se contentaria com nada menos do que isso. Do mais profundo de sua alma ela clamava: “Deus, por favor Deus, se o Senhor pode dar a Bonnke 100.000 almas, dê-me cem, somente cem, Senhor, e eu serei uma mulher feliz”.

Uma vez que Teresia disse isso, ela sentiu algo no profundo do seu coração: para receber sua resposta de Deus, Reinhard Bonnke teria que impor suas mãos sobre a sua cabeça e orar por ela.

O que é isso? Eu não sei. É algo que não posso explicar, a não ser dizer que ela teve fé como a mulher que tocou nas abas das vestes de Jesus. Não foi idéia de Jesus que a mulher na Bíblia fizesse isso, foi idéia dela. De fato, Jesus estava no seu caminho para curar uma outra pessoa quando ela o seguiu e tocou nas abas de Suas vestes. Quando ela o tocou, foi curada. Jesus voltou-se para ela e disse: “Filha, a tua fé te curou”.

A fé de Teresia era como a fé dessa mulher. De alguma forma, ela sabia que eu tinha de impor minhas mãos sobre ela e orar e, assim, ela poderia ter a benção plena de Deus em sua vida.

Isso não é uma fórmula para se obter algo de Deus. Eu lhe digo que não há um poder especial em minhas mãos ou em minha oração maior do que nas abas das vestes de Jesus. O que importava era a fé da mulher na Bíblia. E foi a fé de Teresia que trouxe a idéia de eu impor as mãos sobre ela, esse poder em específico.

Teresia deixou o Parque Uhuru naquele dia sem chance alguma de receber oração. As multidões, necessitadas, espremiam-se ao redor do palanque e Deus me direcionava àqueles a quem Fie estava curando. Nem sabia que ela estava lá.

Oito anos passaram-se antes que nossos caminhos cruzassem-se novamente. Teresia gastou aqueles anos reconstruindo sua vida em Nairóbi. Criou sua filha até à juventude, levantando-se das cinzas de seus sonhos despedaçados e buscando novos relacionamentos com um pequeno grupo de mulheres cristãs.

Íssas mulheres procuravam-na para obter conselhos espirituais e, de tempo em tempo, ela ministrava entre suas amigas. No entanto, faltava em seu ministério o poder que ela tinha visto 00 Parque Uhuru naquele dia. O seu espírito ainda estava

esmagado pelo seu casamento fracassado e ela sabia que ainda não havia chegado no pico do chamado de Deus para sua vida.

Durante aqueles oito anos, Teresia também acompanhara a minha agenda de pregação através da revista do ministério. Ela estava sempre à procura de uma cidade onde eu estaria pregando para uma multidão menor. Isso aumentaria a sua chance de receber oração.

E aconteceu em Oslo, Noruega, na primavera de 1996. Ela ficou tão empolgada de saber que eu estaria falando lá em uma igreja local, pois tinha amigos lá. Imediatamente ela ligou para eles e pediu-lhes hospedagem. Eles concordaram de levá-la à reunião.

Ela economizou dinheiro e comprou uma passagem de ida e volta. Todos os seus amigos em Nairóbi oraram com ela antes de ir, crendo que ela retornaria com o fogo do Espírito de Deus, o qual tanto desejava.

Teresia foi a primeira a entrar pelas portas da igreja em Oslo quando as abriram. Seus amigos acompanharam-na até a primeira fila. Ela esperou lá enquanto o lugar enchia. Uma mulher da igreja local aproximou-se dela.

“Há algo que você precisa de Deus”, disse a mulher, “e Deus me disse que Ele lhe dará”. Isso foi uma confirmação maravilhosa. Teresia agradeceu e disse: “Isso é bom, mas eu continuo esperando”.

Quando cheguei ao altar no início do culto, vi imediatamente que Teresia estava lá. E difícil não notar uma mulher africana em uma igreja norueguesa. Ela se destacava como uma ilha de

cor em um mar esbranquiçado, vestida em suas túnicas típicas. Pude perceber que estava tremendo desde o começo do culto. Teresia viera com apenas uma coisa em sua mente: quando Bonnke chamar os enfermos ao altar, eu correrei à frente para receber oração. Em sua mente, ela estava enferma, sentia-se doente de frustração e ineficiência em seu ministério. É assim que ela justificava, em sua própria mente, vir receber oração no apelo para os enfermos.

O seu foco nessa idéia, na verdade, fez com que fosse impossível para ela concentrar-se em meu sermão. De fato, preguei uma mensagem de salvação. Aquele fato não ficou registrado em sua mente. Desafiei aqueles que gostariam de aceitar a Jesus como Salvador para que ficassem de pé. Ela se levantou rápida como um relâmpago. Então, de repente, percebeu que isso não era um apelo para os enfermos e, quieta como uma ovelha, sentou-se novamente. Ela havia esperado por oito longos anos; esperaria por mais vinte minutos pelo meu próximo convite.

Quando, finalmente, anunciei que oraria pelos enfermos, ela correu para o altar e ficou de pé na minha frente, tremendo de antecipação.

Ela sabia que estava a poucos momentos de receber resposta à oração que fizera no Parque Uhuru há oito anos atrás. Receberia, enfim, a unção para ministrar com poder e autoridade, exatamente como Reinhard Bonnke ministrara.

Eu nunca esquecerei o que aconteceu em seguida, nem Teresia jamais se lembraria. Na verdade, até hoje, ela não sabe que eu impus minhas mãos sobre ela, pois não se lembra disso. O fogo de Deus não tinha nada a ver com o toque das minhas mãos, no entanto, eu as coloquei na cabeça dela. Somente por um instante, porque ela foi arrancada de debaixo de minhas

mãos por uma força poderosa que a jogou aproximadamente dezoito metros pelo ar e a aterrizou de costas perto da primeira fileira de assentos de onde ela havia saído. A força dessa ação foi tão forte que ambos os seus sapatos voaram de seus pés. Eu ainda me lembro de ver um de seus sapatos voar pra tão longe que foram parar no meio daquela audiência norueguesa de cabelo esbranquiçado. Ele nunca mais foi visto. Quem sabe alguém deve ter levado como lembrança?

Eu continuei orando por outros. Muito tempo depois, Teresia se lembra de ter sido despertada de um estado inconsciente e ouvir a minha voz dizendo: “Milagres estão acontecendo, milagres estão acontecendo!”. Isso é tudo de que ela se lembra.

Os milagres de Deus sempre são um sinal e uma maravilha, cabe a nós somente o balançar de nossas cabeças e dizer: “Louvado seja Deus, louvado seja Deus, louvado seja Deus!”. O grande milagre que aconteceu naquela noite em Oslo continua acontecendo até hoje em Nairóbi, Quênia. Teresia Wairimu está no fogo.

O culto em Oslo terminou. Eu saí para voltar à Alemanha. Teresia não conseguia se levantar do chão daquela igreja. À medida em que ela voltava à consciência, seu corpo não respondia direito às ordens de seu cérebro. As pernas dela estavam tão bambas que seus amigos tiveram de carregá-la da igreja até o carro. Eles a levaram de carro para casa, e a colocaram na cama do quarto de visitas.

Foi então que eles devolveram a ela o único sapato que restou do par que ela havia usado naquela noite. Ela o guardou para lembrá-la do que Deus fez por ela naquela noite. Ela sabia em seu coração que nunca mais seria a mesma.

A história talvez termine aqui, aliás tem terminado aqui para muitos que recebem uma grande visitação do Espírito de Deus e depois não fazem nada para trabalhar isso em suas vidas. Deus não havia ungido Teresia para nada. Ela não havia recebido sua benção para nada. Ela tinha vindo para receber poder para ministrar, e ela ministraria.

Assim que retornou à Nairóbi, ela chamou suas amigas para uma reunião de oração na sexta-feira em sua casa. Elas vieram, dezessete delas. Teresia pregou com um poder que jamais experimentara antes. Quando ela chamou os enfermos para virem à frente, não ofereceu uma fraca oração religiosa, não pediu a Deus que, por favor, curasse alguém, se fosse da Sua grande vontade divina fazê-lo. Ela ordenou que o enfermo fosse curado no Nome de Jesus, e curas começaram a se manifestar.

Na sexta-feira seguinte, havia 55 mulheres em sua casa. Na outra sexta-feira, 105, e na próxima, 200 mulheres compareceram. Ela e seu círculo de amigas começaram a procurar por um prédio de escola no qual poderiam se reunir. Agora, algumas das notáveis e documentadas curas em seu ministério estavam sendo comentadas ao redor da cidade. Elas encontraram um auditório na cidade que comportava 2.000 pessoas, mas 4.000 mulheres compareceram, então, tiveram que abrir todas as portas e janelas para tentar acomodar o excesso de pessoas. Ela se mudou para o Centro de Convenções jomo Kenyatta que comportava 5.000 pessoas. Doze mil pessoas vieram. Nesse ponto, alguns pastores da cidade começaram a denunciá-la e dizer a seus membros para não irem às suas reuniões, porque ela era uma mulher divorciada.

As pessoas ignoraram-nos. Alguns vinham por curiosidade, outros por necessidade. Mas quando chegavam ao culto de Teresia Wairimu, não ouviam acerca do divórcio de uma mulher,

elas ouviam o Evangelho de Jesus Cristo. Eles viram cânceres serem curados, pessoas com AIDS serem saradas, olhos cegos abrirem-se e ouvidos surdos ouvirem.

Finalmente, Teresia foi à prefeitura e pediu para usar o Parque Uhuru, onde Bonnke havia pregado em 1988. Eles assinaram um contrato com ela, dando-lhe permissão para usar o parque no primeiro domingo de cada mês. As multidões incharam e agora incluíam tanto homens como mulheres.

A mulher chorosa no Parque Uhuru em 1988 tinha orado desesperadamente: “Deus, por favor, Deus, se o Senhor pode dar a Bonnke 100.000 almas, dê-me cem, apenas cem, Senhor, e eu serei uma mulher feliz”. Hoje, Teresia Wairimu é uma mulher muito feliz e o seu nome é um nome conhecido na África. Os pastores que uma vez pregavam contra ela se desculparam e imploraram por seu perdão.

Quando eu ouvi sobre a sua conquista, eu orei ao Senhor: “Por que, Senhor”, eu perguntei, “Por que o Senhor escolheu uma mulher divorciada para esse grande ministério? Nós temos tantos homens maravilhosos em nossos seminários, homens que Lhe buscam de todo coração. Por que escolhestes Teresia e não um deles?”.

Sua resposta afetou-me profundamente. Ele disse: “Eu escolhi Teresia porque Eu queria mostrar ao mundo que eu podia pegar um vaso quebrado e transformá-lo em um vaso de honra”.

Como isso me trouxe humildade! Nós não somos escolhidos por causa das nossas grandes qualidades, pois somos servos defeituosos que devem depender totalmente d’Ele. Eu tenho desfrutado dos benefícios de um casamento forte com minha Anni por todos esses anos. Entretanto, essa grande felicidade

não é o segredo do meu sucesso. Teresia sofreu o cúmulo da humilhação que o divórcio representava, mas Deus a ergueu para um poderoso ministério. Toda glória seja dada a Deus!

Dois anos após Oslo, em 1998, exatamente dez anos após eu ter pregado pela primeira vez no Parque Uhuru, eu visitei Nairóbi com minha esposa Anni. Hospedamo-nos em um hotel na frente do parque. Certifiquei-me de que chegaríamos lá no primeiro domingo do mês.

Fiquei de pé bem no final da multidão, além do campo de visão dela. Duzentas mil pessoas se reuniram no Parque Uhuru naquele dia. Teresia pregou com poder e autoridade e viu milhares achegarem-se ao Senhor. Curas manifestaram-se. Foi como se outra página fosse escrita no livro de Atos. Ela, com certeza, estava entusiasmada por mais um dia obedecer ao Senhor e ver o Seu poder salvar pecadores. Eu não era um incrédulo, e não fui à frente, e ela nunca ficou sabendo que eu estive lá, sorrindo de uma orelha à outra.

R&2

*Por que damos tanta importância
às qualificações de uma pessoa para o ministério ?*

*Quando eu sou fraco
aí é que sou forte,
disse o apóstolo Paulo.*

*Somos qualificados pela onipotência
de Deus e não por nossas
forças de dar dó.*

CAPÍTULO 2

O SONHO DE UM DOMINGO DE PÁSCOA

Ela nunca faltou a um culto, mas era de acabar com os nervos fazê-la chegar lá. Primeiro a sua cadeira de rodas tinha que ser levada até perto do carro. Depois, ela precisava de ajuda para sair da cadeira de rodas e ser cuidadosamente posicionada para conseguir entrar. A sua espinha dorsal torta e endurecida fazia com que fosse impossível curvar-se no ângulo certo. Ela era cruelmente sacudida ao jogar-se no assento. Suas pernas, então, tinham que ser colocadas dentro do carro. O seu quadril havia sido permanentemente desalojado das suas juntas e, mover suas pernas fazia com que ela gritasse de dor.

Seu marido implorava para que ela ficasse em casa. O mesmo faziam suas amigas que, algumas vezes, a levavam à igreja. Lágrimas de dor desciam de seus olhos, mas sua vontade permanecia firme. Ela não aceitava perder uma oportunidade de estar na casa do Senhor. “Leve Quasimodo para a igreja”, dizia Jean Neil, apertando os seus dentes, com um brilho ardente em seus olhos.

Durante cada culto, Jean conseguia sentar-se apenas sobre uma almofada grossa, por alguns minutos. Quando a dor tornava-se impossível de agüentar, ela se erguia com suas muletas e cambaleava até aproximar-se de uma parede. Uma vez na parede, ela se apoiaava na mesma para aliviar a dor cortante entre sua coluna lombar e seus quadris. Ficava de pé dessa maneira, presa entre suas muletas por mais ou menos uma

hora. Ninguém poderia ir àquela igreja sem ser constantemente lembrado de que Jean Neil estava sofrendo uma terrível dor.

Por essa mesma razão, muitas orações eram feitas pela sua cura. O pastor orava, os jovens oravam e o grupo de mulheres orava. Todo momento de oração da igreja incluía um pedido pela cura de Jean. Seus amigos sempre buscavam respostas.

“Havia algo errado com a oração deles? Por que Deus não curava uma serva tão fiel como esta?”. Jean nunca perdeu a esperança, mas sua fé teve altos e baixos com o passar dos anos.

O seu principal problema era a coluna problemática. Jean o tinha desde a sua juventude. Entretanto, ela nunca permitira que isso a impedissem de ter uma perspectiva positiva diante da vida. Ela era atlética e travessa, brincalhona, uma instigadora. Era o tipo de pessoa que ousava fazer as coisas.

Seus amigos mais próximos apreciavam sua coragem. Eles sabiam que ela fora criada durante quinze anos em uma terrível casa para moças em Jersey, onde apanhava com urtigas ardentes por fazer xixi na cama quando criança. Ela havia sido torturada em banheiras com gelo por falar fora de hora com quem cuidava dela, e era alimentada com pão murcho e água. Por contar piadas, tiraram as suas roupas e bateram nela na frente das outras garotas. Mas eles não conseguiram tirar o gracejo de Jean, a qual nunca perdeu sua aptidão de fazer um rápido comentário. Ela desenvolveu uma forte e desafiante vontade para crescer frente às grandes disparidades. Era o seu dom.

Casou-se com John Neil e juntos construíram suas vidas em Rugby, na Inglaterra. Jean havia se convertido, mas John não. Mesmo assim, as coisas continuavam indo bem para eles

quando, de repente, ela teve uma queda feia. O osso coaxe foi rompido e isso acelerou a deterioração da sua espinha. Uma série de operações, algumas das quais não deram certo, fundiram-se vários discos vertebrais. Após sua última operação, ela ficara engessada durante seis meses.

Quando ela foi removida do gesso eles lhe disseram que jamais andaria. No auge de tudo isso, o seu coração e pulmões enfraqueceram-se devido à dor prolongada e aos muitos remédios para dor.

Pílulas, especialmente manipuladas, eram necessárias para manter o seu coração batendo. Ela também tornou-se dependente de inaladores e oxigênio. Um dos melhores cirurgiões britânicos deu-lhes cinqüenta por cento de chance de melhorar com uma última operação arriscada para reconstituir a sua espinha dorsal. Cada dia de sua vida, Jean pesava a sua dor contra o risco daquela desesperada operação final.

Enquanto isso, ela continuava a ir à igreja. Apesar da sua condição, ela assumiu um trabalho ativo como líder dos jovens. Ela tinha prazer em trabalhar com os adolescentes e investia tudo neles, os quais a apreciavam por isso e eram inspirados através do seu exemplo, sabendo o quanto ela suportava só para estar com eles.

Então, algo que mudaria a sua vida para sempre aconteceu . Uma criança de três anos na igreja, um pequeno menino, veio até Jean e pediu para orar por ela. Ela pegou as pequenas mãos dele com as suas e deixou que ele fizesse a sua simples oração de criança. Ele pediu que Deus a curasse. Desde esse momento, algo começou a acontecer no profundo da alma de Jean.

Naquela noite ela teve dois sonhos vívidos e distintos. No primeiro sonho ela se submeteu à cirurgia na espinha e morreu na mesa de operação. Ela viu o médico contar ao seu marido que o seu coração simplesmente tornara-se fraco demais para agüentar o processo. Ela acordou assustada. Não poderia haver erro sobre o significado do seu sonho — se ela escolhesse pela cirurgia, a morte certamente viria. Ela ficou imaginando, *será que esse sonho poderia ter vindo das minhas próprias ansiedades?* Ela voltou a dormir novamente.

Dessa vez, Jean teve outro sonho bem diferente. Ela estava em um amplo quarto cavernoso com outras doze pessoas em cadeira de rodas. Ela escutou a voz de um homem falando. Era uma voz distinta com um sotaque estrangeiro. Ela viu o homem emergir em frente às cadeiras de roda. Ele se dirigiu à primeira cadeira, orou por uma mulher e ordenou que ela se levantasse. Ela se levantou, mas, sentou-se novamente em completa derrota. O homem então veio até a cadeira de Jean. Ele orou por ela, que saiu correndo de sua cadeira de rodas totalmente curada.

No dia seguinte, Jean visitou o seu pastor. Ela estava atemorizada e disse a ele que temia o fim de sua vida estar perto. O pastor sugeriu que ela não se concentrasse no primeiro sonho, mas sim no segundo. Ele disse que uma vida totalmente nova poderia estar perto para ela — uma vida de saúde e de abundância. Ela tinha de escolher em que sonho ela acreditaria: o sonho de morte ou o sonho de vida?

Jean rejeitou os seus medos e escolheu a vida. Começou a descrever o segundo sonho aos seus amigos e família, era capaz até de descrever o perfil físico do homem que havia orado por ela, a descrição do quarto onde eles estavam e o som de sua

voz. Ela começou a ansiar por qualquer que fosse ou quem quer que fosse esse agente do poder de Deus.

Duas semanas mais tarde haveria uma convenção de jovens no Centro de Exibição em Birmingham, na Inglaterra. O pequeno grupo de jovens de Rugby, acompanhado de Jean Neil estaria, é claro, participando. Ela ouviu dizer que o preletor seria Reinhard Bonnke. A reputação dele como um evangelista incluía muitas histórias de curas milagrosas. Esse evento aconteceu em 1988.

O marido dela preparou uma ambulância especial para ela viajar. Como ele trabalhava em uma companhia de ambulâncias, isso era algo que ele podia fazer. Ela disse a suas amigas que acreditava que, se Reinhard Bonnke orasse por ela, começaria a melhorar. Nesse momento, ela não podia afirmar com certeza que eu era o homem que ela havia visto em seu sonho. A sua fé por cura ainda não estava completa.

Cheguei em Birmingham e fiquei hospedado na casa de um amigo. Na manhã do culto, eu senti uma forte urgência de orar. À medida em que orava, senti a presença do Espírito Santo comigo de uma maneira fora do comum. Eu comecei a indagar: “Senhor, o que queres fazer hoje? Que milagre o Senhor vai realizar nesse culto?”.

Entrei no Centro de Convenções pela porta do palco. Disseram-me que atravessasse uma cortina grossa e então eu estaria no púlpito. Ao atravessar a cortina, havia um jovem de pé amparado por muletas. Eu não o vi a tempo e colidi com ele ao passar. Ele caiu de costas de uma vez. As pessoas que estavam por perto acudiram-no rapidamente e me conduziram ao púlpito. Mais tarde, durante o culto, me disseram que o jovem não havia

sido derrubado por mim, mas pelo poder de Deus. Ele se levantou e não mais precisou de suas muletas.

O local cavernoso estava cheio com quase 12.000 jovens conferencistas e seus supervisores adultos. Sentei em minha cadeira e aguardei ser anunciado. Ao esperar, passei os meus olhos sobre o povo e continuei em uma profunda conversa com Deus: “Senhor, o que estás fazendo aqui nesta noite?”.

À medida que meus olhos se fixavam nas cadeiras de rodas, o Senhor chamou minha atenção para uma senhora no canto esquerdo. Senti o Espírito me dizer: *“Aquela mulher naquela cadeira de rodas será curada hoje”*.

Da sua cadeira de rodas Jean me observava no púlpito. Ela pensou que, com certeza, eu possuía uma forte semelhança com o homem em seu sonho. Ela olhou ao redor do salão para as outras cadeiras de rodas, mas não as contou; talvez houvesse outras doze pessoas na mesma condição que ela. Quando me levantei para pregar, Jean reconheceu a minha voz. O tom e o sotaque pareciam idênticos. Ela começou a sentir uma poderosa sensação de antecipação.

Eu estava no fogo do Espírito. Preguei uma mensagem de salvação para aqueles jovens. Quando fiz o apelo, quase 500 deles responderam. Fiquei extasiado. Foi um dia glorioso! Então, de repente, o anfitrião do culto veio até mim no púlpito e disse: “Reinhard, só aluguei este salão até às seis horas. Temos que esvaziá-lo”.

Olhei no meu relógio e vi que tínhamos apenas quinze minutos antes que o salão tivesse de estar vazio. Eu estava chocado. “Ah não!”, pensei, “ainda não orei pelos enfermos!”.

Sem mais demora, desci correndo do púlpito e me dirigi à primeira cadeira de rodas que vi na minha frente. Havia uma moça sentada nela. Eu disse: “Quero orar por você”.

Impus as minhas mãos sobre ela. Podia sentir o poder do Espírito como eletricidade em minhas mãos. Eu orei e então disse: “Levante-se em nome de Jesus”. Ela se levantou, mas estava muito trêmula. Havia em sua face uma expressão de irritação, como se eu não tivesse o direito de fazer isso com ela. Ela sentou-se novamente. Eu sabia que ela não estava curada. *“Ah não!”*, pensei, *“essa não é a mulher que Deus me mostrou”*.

A essa altura, alguém no salão estava gravando o culto com uma câmera. Assim, o que se passou em seguida foi gravado e tem sido visto repetidamente por muitas pessoas nos anos que se passaram desde esse culto.

Eu mudei de tática. Lembrei-me de que a mulher que Deus havia me mostrado estava do lado esquerdo. Dei um pulo e olhei para a esquerda até que eu a visse. Eu, então, atravessei o salão correndo com a câmera me seguindo. Corria a todo vapor contra o relógio para chegar até ela antes que eles esvaziassem o local.

Jean Neil estava sentada naquela cadeira de rodas. John, o marido dela, estava de pé, atrás dela, segurando os puxadores da cadeira. Eu nunca os havia visto antes, não sabia nada acerca de suas circunstâncias, nem o que os havia trazido ali. Olhei de relance para John e ele me olhou com um olhar frio como uma pedra. Ajoelhei-me em frente à Jean e disse: “Eu vim orar por você. Você será curada hoje”.

Nunca vou me esquecer da sua resposta: “Eu sei, eu sei, eu sei!”, ela exclamou.

O que Jean sabia era que o seu segundo sonho estava se tornando realidade diante de seus próprios olhos. A sua fé aumentou.

Eu falei: “Tudo bem, eu vou orar por você e você irá se levantar”.

John disse: “O que você quer dizer com levantar? A minha esposa não tem quadris. Os quadris dela não estão ligados um no outro”.

Eu disse: “Tudo o que eu sei é que com Deus tudo é possível. Vou orar por você e você se levantará”.

Impus as minhas mãos sobre ela e orei. Ordenei, então, que ela se levantasse. Devagar, com grande determinação, ela se levantou e, então, teve um dpo de queda repenüna para frente no chão. Eu pensei: “*Oh não, Senhor, o que é que eu fiz?*”.

Mas então eu percebi que ela não havia tido um colapso de volta para a sua cadeira, mas sim que ela havia caído para frente. *Essa foi pelo menos na direção certa*, pensei. De repente, me dei conta de que esta queda não ocorrera porque os seus quadris não podiam segurá-la; mas devido ao poder de Deus. Ela foi levada pelo Espírito, o mesmo que acontecera ao jovem de muletas quando esbarrei nele na plataforma.

Eu me curvei rapidamente sobre ela e disse: “Jesus está te curando”.

“Eu sei, eu sei”, disse ela. Ela então olhou para mim e disse: “Eu sinto como se eu estivesse sob anestesia”.

“O médico Jesus está te operando!”, exclamei.

Nesse momento, como Jean conta, ela sentiu coisas poderosas e incríveis acontecendo dentro do seu corpo. Ela sentiu como se tivesse sido colocada em um tensor e o seu corpo estivesse sendo colocado no lugar. Sentiu os seus quadris se encaixarem e uma de suas pernas, que era três centímetros mais curta do que a outra, esticou-se até o comprimento da outra. Ela disse que foi como se uma vara quente de ferro percorresse por toda a sua espinha. Os seus ossos, tecidos e músculos, os quais estavam atrofiados, começaram a se mover e pulsar com vida nova.

Eu disse a ela: “Levante-se em nome de Jesus”.

Olhei para o John e pensei que ele ia me dar um soco, mas me disse: “E se ela cair?”.

Eu falei: “Eu estarei lá. Eu estarei lá. Agora, levante-se”.

Devagar, Jean começou a se ajeitar no chão. Ela se levantou.

“Agora, ande em nome de Jesus”.

A câmera estava filmando. As pessoas estavam de pé nas cadeiras ao nosso redor. Estávamos totalmente cercados por observadores. Jean estava com um chapéu vermelho, uma boina. Todos no recinto viram a boina voar para cima quando ela, repentinamente, desapareceu de debaixo dela. Para mim, parecia que ela havia saltado como um gafanhoto quando você menos espera. Antes que eu pudesse dizer o que acontecera, aquela mulher sumiu.

Jean Neil correu por todo aquele prédio com suas mãos levantadas, louvando a Deus e chorando de alegria. O seu

segundo sonho acabara de se realizar. Não a morte, mas uma vida novinha em folha.

Ela disse que suas pernas não estavam nem um pouco cambaleantes, mas pulsavam com força e com um poder incrível. Eu fiquei chamando do microfone: “Onde está aquela mulher? Onde está aquela mulher?”.

O povo ficou respondendo: “Ali, ali, ali”. E cada vez eles apontavam para um lugar diferente. Eu ainda procurava por ela na direção em que ela tinha ido quando, de repente, ela estava bem atrás de mim. Ela tinha dado uma volta completa no prédio.

O lugar estava uma confusão. Tanto choro, tanto louvor a Deus e tantas lágrimas de alegria.

Eu perguntei a Jean se ela subiria no palco para que as pessoas soubessem a respeito do que acabara de acontecer. Ela rodopiou e saltitou nos degraus até o púlpito, os quais eram bem inclinados. Isto, por si só, era um testemunho. Ela estava completamente restaurada. John a seguiu em estado de choque, trazendo consigo a cadeira de rodas. Eu os segui.

No palco, Jean estava dançando ao redor de si com suas mãos no ar, como um lutador de boxe que acabara de ganhar o título de peso-pesado. O povo aplaudia, enquanto Jean acenava. Eu lhe perguntei para quem ela estava acenando e ela me disse que ao seu pastor e amigos de sua igreja em Rugby. Fiquei, então, sabendo pela primeira vez da extensão da sua enfermidade. Foi bom não saber de antemão. Talvez tivesse afetado os meus pensamentos e a minha fé ao orar por ela. Eu não sei, Deus sabe e Ele é bom.

“Dê-nos uma demonstração”, eu disse.

“Do quê?”, Jean replicou com seu modo maravilhoso e sarcástico.

“Faça algo que você não podia fazer antes”, eu expliquei.

“Ah”, ela disse, como se ela não soubesse o que eu queria dizer.

Por fim, começou a abaixar-se, tocando nos seus dedos do pé, a abaixar-se muito com os joelhos e a correr no lugar. Ela passou por um exercício de rotina para que o povo visse. Eles vibraram, aplaudiram e louvaram a Deus, até que alguém se lembrou de que deveríamos esvaziar o salão.

Eu não sei quem pagou a conta pelo tempo extra. Eu era somente o preletor convidado e já estava na hora de eu voltar para a Alemanha. Eu me despedi das pessoas, e só quando cheguei em casa fiquei sabendo da total extensão desse milagre.

O meu telefone começou a tocar. As pessoas estavam escutando sobre esse milagre em vários países ao redor do mundo. Eu conheço a natureza humana, sei que algumas vezes aqueles que estão sentados em cadeiras de rodas não são aleijados. No caso de Jean Neil, as muitas pessoas da sua igreja que a conheciam estavam confirmado o poder desse testemunho. Pouco tempo depois, os médicos dela acrescentaram a confirmação deles à história. As notícias da mídia foram à loucura por causa disso. Essa foi uma cura que tirou muitos de suas letargias acerca do poder de Deus para curar na igreja.

Quando eu deixei a cidade, Jean Neil estava começando uma vida novinha em folha. Ela voltou para sua casa em Rugby e subiu correndo as escadas na entrada da sua casa. A sua filha

estava na sala com o namorado. Ao escutar pegadas correndo na escada, ela pensou que fosse um ladrão.

“Vai lá ver”, ela apressou o seu namorado.

Ele estava um pouco amedrontado, e sugeriu: “Talvez seja sua mãe, eu espero.”

“Minha mãe é uma mulher idosa, aleijada”, ela disse. “Ela não pode subir as escadas correndo”.

Tendo aberto a porta, Jean escutou esse remarco. Pela primeira vez em sua vida, ela percebeu o que a sua família pensava dela. Quasimodo era mais do que uma piada agri doce. Para os seus amados isso tinha sido uma dura realidade.

Ela entrou andando na sala e disse: “Quando Jesus te cura, você pode subir as escadas correndo”.

“Mãe!”, sua filha caiu no choro. Jean subiu e desceu as escadas correndo até ela. Elas se abraçaram e choraram, choraram e choraram mais um pouco.

Eventualmente, John estacionou a ambulância. Ele subiu as escadas, carregando a cadeira de rodas, para ajuntar-se a elas.

Jean diz que, quando acordou na manhã seguinte, ela ficou paralisada com um temor repentino e não podia se mover. “John”, disse ela, com uma voz trêmula.

Ele sentou-se rapidamente. “Sim, querida. O que foi?”

Por um momento ela não pôde falar. “John, foi só um sonho? Eu tive mais um sonho?”.

“Não, querida, não foi um sonho. Aconteceu de verdade. Eu estava lá”.

Ela pulou da cama, dançando ao redor do quarto. “Vou preparar o café da manhã. Vou lavar as louças. Vou limpar a casa. Vou à mercearia”. E, com isso, ela o deixou ainda esfregando o sono de seus olhos.

Era domingo, dia de ir à igreja. Depois do café da manhã, Jean colocou o seu casaco e saiu pela porta. Ninguém a levaria para a igreja neste dia, ela andaria.

Desceu os degraus da frente da casa apressadamente, e atravessou a rua. Ela inspirou profundamente o ar fresco, sem precisar mais de inaladores, oxigênio e remédios. O coração dela estava cantando e transbordando de gratidão.

Ela então escutou um som estrondoso atrás dela. Parou e virou-se. Lá estava John, correndo atrás dela com a cadeira de rodas.

“John, o que você está fazendo?”, disse ela.

Ele respondeu: “E se você cair?”, ele ficou lá parado com um olhar impotente em seu rosto. Ele ainda era o seu protetor e tinha dificuldades em acreditar que ela havia sido curada, apesar de ter estado lá para ver.

“Leve isso de volta para casa, John. Você está me envergonhando. Eu nunca mais vou me sentar nessa cadeira de rodas”.

Tale a levou. Ela nunca mais se sentou naquela cadeira, nem mesmo quando a equipe de um documentário da TV lhe ofereceu mil libras só para tirar uma foto na cadeira.

A sua história foi uma sensação na Europa. Alguns meses depois, um outro evangelista pediu que Jean desse seu testemunho em uma de suas reuniões na Inglaterra. Muitas pessoas enfermas estavam presentes. Ela se sentou quando terminou de contar sua história. O evangelista lhe perguntou o porquê dela estar se sentando. “Eu terminei”, disse ela.

“Não”, ele respondeu, “Jean Neil, você ainda nem começou. Levante-se! Está na hora de você orar pelos enfermos”.

“Mas eu nunca orei por enfermos. Por favor, não me peça para fazer isso, por favor”.

Ele chamou à frente as pessoas enfermas da audiência e lhes disse que Jean Neil oraria por eles. Eles tinham sido inspirados por sua história e, alcançando um novo nível de fé, vieram à frente.

Jean levou o evangelista para o lado no púlpito: “Por favor, você ora primeiro e eu vou observar. Eu vou aprender olhando você”.

Ele respondeu: “Orar pelos enfermos é uma unção”. “Você não precisa pradcar. Agora vá orar por eles. Deus lhe mostrará grandes coisas, Jean Neil”.

Jean se virou e dirigiu-se à primeira pessoa na fila. Ela se viu olhando para as coxas desse homem, já que é um pouco mais baixa que a maioria. Ela curvou a sua cabeça para trás, olhando para ele e disse: “Qual é a sua altura?”.

Ela escutou a sua voz como vindo das nuvens: “Dois metros e treze”.

Ela deu uma risada alta, e, então, se virou e foi até o evangelista.

“Você disse que Deus me mostraria *grandes* coisas. Ele tem senso de humor? Dê só uma olhada nesse cara”.

O evangelista, que estava orando por outros, não achou engraçado. “Pergunte o que ele tem de errado e, então, imponha suas mãos sobre ele e ore”.

Jean era apenas uma dona de casa a quem havia sido dado um novo corpo há algumas semanas atrás. Ela não sabia que isso requereria dela tornar-se uma agente de onipotência. Ela ainda não tinha tanta certeza de que queria ser uma, mas isso parecia vir junto no pacote.

Ela retornou ao jovem com dois metros e treze de altura e olhou para ele. “O que você tem de errado?”.

Ele disse: “Os meus ombros estão paralisados”. “Marcaram uma cirurgia para mim na segunda-feira para tentar conseguir algum movimento de volta”.

Jean concordou, acenando com a cabeça. Ela, então, ponderou o que fazer. Com uma inspiração repentina, ela foi à primeira fileira e pegou uma cadeira vazia. Trazendo-a consigo, colocou a cadeira em frente ao jovem e prosseguiu, subindo na cadeira.

O evangelista a viu e chacoalhou as mãos para cima. Ele foi correndo até ela: “O que você pensa que está fazendo?”.

“Os ombros dele estão paralisados. Eu não consigo alcançá-los”.

“Você não poderia alcançar os ombros dele nem mesmo se você subisse no apoio de costas daquela cadeira. Pelo amor de Deus, desça daí. Você não precisa impor as suas mãos nos

ombros dele para orar por ele. Apenas pegue nas suas mãos e ore”.

Jean respondeu: “Ah!”.

Ela desceu da cadeira e a colocou de lado. Dando um grande suspiro, segurou o jovem pelas mãos e fez uma simples oração de cura. De repente, toda a estrutura de dois metros e treze do jovem caiu de costas como uma grande árvore - plof! Não havia ninguém para segurá-lo.

Jean ficou aterrorizada. Ela sabia do potencial físico de tal queda. Ele poderia ter sofrido uma contusão, uma lesão na espinha ou coisa pior.

Ela correu até o evangelista: “Ele caiu de costas e atingiu o chão”, disse ela. “Se Deus curou os ombros dele, receio que Ele agora tenha quebrado suas costas. Isso é terrível”.

“Isso não é terrível. É o poder de Deus sobre ele. Ele ficará muito bem”, o evangelista falou e continuou com suas orações. Jean não acreditou. Ela correu de volta para o jovem debruçado de costas e se abaixou perto da cabeça dele: “Eu sinto muito meu jovem. Você está bem? Está?”.

Por alguns momentos ele não podia responder, parecia estar semiconsciente. Ele, então, levantou-se. Jean o ajudou a levantar-se. Ele se ergueu totalmente e começou a exercitar os seus braços, levantando-os bem acima da sua cabeça, fazendo coisas as quais não era capaz de fazer antes, um experimento após o outro. Em pouco tempo, ele estava gritando e louvando a Deus por sua cura.

A esposa dele estava em uma cadeira de rodas do outro lado do salão. Ao ver a libertação de seu marido da escravidão, ela

pulou de sua cadeira totalmente curada. Ela correu para o outro lado para se juntar a ele em celebração.

Jean Neil ficou de pé, olhando com seus olhos bem abertos. Deus estava de fato mostrando a ela *grandes coisas*.

Naquela noite, Jean iniciou um ministério que continua até hoje. O seu marido, John, veio a conhecer Jesus como seu Salvador e, hoje, toda a sua família serve ao Senhor. Eles viajam pelo mundo, contando a história de sua cura. O vídeo que foi gravado naquele dia foi mostrado repetidamente na mídia ao redor do mundo, inspirando fé em pessoas enfermas. À medida em que Jean ora pelos enfermos, uma realidade de milagres incríveis é marcada. Ela prega o Evangelho às multidões e milhares de pessoas conhecem a Jesus como seu Salvador.

No entanto, eu não posso deixar a história de Jean sem compartilhar mais um incidente que revela tanto quanto sua cura: Jean nunca negou um convite para compartilhar o seu testemunho. Se o telefone toca, ela atende, alguém a convida para testemunhar, ela checa no seu calendário, diz sim e a reunião é marcada. Esse, agora, é o seu novo modo de vida.

Um dia o telefone tocou e ela foi convidada para falar em uma pequena igreja em Jersey. Ela aceitou sem pensar. Ao colocar o telefone no gancho, de repente, teve dúvidas. Sentimentos desagradáveis acerca de Jersey brotaram de dentro dela, sentimentos de sua infância. Ela nunca havia desejado voltar à Jersey, entretanto, disse a si mesma que isso não era uma viagem de lazer e decidiu que voltaria para compartilhar a respeito da nova Jean Neil, e que simplesmente ignoraria o passado.

Ao final da reunião, o povo veio à frente para receber oração como de costume. Após terminar o seu tempo de oração pelos enfermos, duas mulheres mais idosas aproximaram-se dela.

Estando de pé na sua frente, uma delas disse: “Jean, você acha que conseguiria, em seu coração, nos perdoar?”.

Jean respondeu: “Perdoar vocês?” “Eu nem as conheço!”.

“Sim, você conhece”, a senhora disse. “Nós somos as pessoas que cuidaram de você na escola”.

Uma parte de Jean Neil que havia sido profundamente enterrada, repentinamente veio à tona. As surras com urtiga, as torturas na banheira com gelo, a dieta de pão e água. As noites frias em que ficou deitada nua embaixo de um lençol fino; as humilhações na frente das outras meninas. Todas essas memórias, tão doloridas, retornaram rapidamente.

Sem pensar duas vezes, e antes que fosse capaz de se conter, Jean pegou essas duas mulheres pela garganta, uma em cada mão. “Como é que posso perdoá-las?”, disse irritada. Em sua raiva, ela sentiu que literalmente bateria em ambas ali mesmo.

Naquele momento, a voz do Espírito falou clara e precisamente dentro dela: “*Se você não as perdoar, Jean, eu não lhe perdoarei*”.

Ela tremia de raiva e em seu longo e enterrado desejo por vingança. “*Mas o Senhor não passou pelo que eu passei*”, ela protestou dentro de si.

“*Eu sofri muito mais*”.

De repente ela percebeu essa verdade. O seu sofrimento jamais poderia se igualar ao d’Ele. Foi aí que Jean Neil descobriu que ela não poderia alimentar essa vingança em seu coração. Ela pertencia a Ele, portanto, deixou que a vingança se fosse e liberou as duas mulheres. Ela disse: “Sinto muito”. “Eu tenho

que perdoá-las. Não, eu as perdôo. Jesus faz novas todas as coisas”.

A barreira de sentimentos encurralados quebrou-se delas três. Com grande choro, elas se abraçaram e deixaram que Jesus enterrasse a dor e a vergonha do passado, como só Ele pode fazer.

Com o passar dos anos, a partir de 1988, eu, gradualmente, fiquei sabendo dos detalhes da história de Jean que compartilhei com vocês aqui. Depois de anos ela me contou sobre o sonho. Fico fascinado pela maneira com que Deus trabalhou em duas vidas diferentes para fazer com que esse milagre ocorresse. Ela ouviu até mesmo o meu sotaque em seu sonho. Que detalhe! E ela nunca havia me ouvido pregar antes; apenas me conhecia por vaga reputação.

Após aquela manhã de oração, Deus apontou Jean para mim no meio da multidão de 12.000 pessoas no Centro de Exibição Nacional e me disse que Ele a curaria. Em minha pressa de orar pelos enfermos, pensei que havia cometido um erro enorme ao orar pela mulher errada, mas Deus tinha antecipado até mesmo aquela ação.

Para Jean, aquele foi o detalhe final de seu sonho que confirmou em sua mente o cumprimento real daquele segundo sonho. A sua cura era iminente. Agora, a sua fé tinha força total. Ela estava tão pronta quando me dirigi a ela e disse: “Jesus vai lhe curar”.

“Eu sei, eu sei, eu sei!”, ela exclamou. Eu ainda posso escutar a maravilhosa antecipação em sua voz.

Que Deus poderoso nós servimos!

rx:

*Conheço pessoas que prefeririam não fá^er
nada para Deus a fazerem algo errado
ao servirem ao Senhor. Eles colocaram o seu orgulho
acima do próprio coração de Deus.

Quando eu orei pela mulher errada, Deus havia
mostrado aquele mesmo detalhe a Jean Neil
em seu sonho. Se eu não houvesse
cometido o tal erro, a fé dela talvez^
nunca tivesse sido inspirada a alcançar
o seu destino milagroso.*

CAPÍTULO 3

UM MENINO NOS FARÓIS

Eu desliguei o gerador. O motor movido à gasolina da *Briggs-and-Stratton* crepitou e silenciou-se. As luzes radiantes entre os mastros, ao redor da tenda de lona verde, apagaram-se. Eu fiquei imerso na escuridão.

Era 1977. Mais uma cruzada africana terminara. O cantar de milhões de grilos parecia encher a noite, lembrando-me de onde estava: em um amplo campo aberto no norte da Bacia Transvaal na África do Sul. Eu havia armado a nossa tenda onde os pastos de planaltos produzem uma ocasional árvore espinhosa. A música dos grilos e gafanhotos reinava nas noites de verão, juntamente com o coaxar dos sapos em busca de um banquete de insetos.

Após a minha pregação e oração pelos enfermos, a multidão de africanos esvaiu-se, vagarosamente, em todas as direções, para as suas cabanas de barro com telhado de folhas. Como membros de diversas tribos, essas pessoas viviam em aldeias espalhadas, rodeadas por currais, lugares cercados por estacas pontiagudas e ásperas.

Enquanto isso, o pastor da igreja local tinha levado sua esposa para casa em seu carro. Eles viviam em uma casa modesta, no estilo ocidental, há poucas milhas de distância, e providenciaram um quarto de visitas para mim. Eu havia ficado para apagar as luzes da tenda. Nessa última noite, eu quis gastar algum tempo sozinho com Deus antes de segui-los.

Eu olhei para cima. Não havia estrelas no céu. Nem mesmo a mais leve incandescência penetrava nas nuvens. Eu olhei para a direita e para a esquerda, nada mais do que escuridão. Ao mover a minha mão em frente ao meu rosto, não pude detectar movimento algum. Ainda me impressionava ao lembrar-me de quão escura a noite pode ser na África primitiva. Eletricidade é um tesouro raro.

Como eu amei esse momento sozinho no ermo! Eu me embriaguei, respirando o ar fresco, sentindo uma brisa fresca em meu rosto. O Senhor estava ali comigo. Ele havia me trazido para esse lugar. Eu tinha vindo como resposta a um sonho que invadiu o meu sono por muitas noites, mudando o meu ministério para sempre. Noite após noite, eu havia visto o mapa da África lavado no sangue de Jesus Cristo. Cada vez que eu tinha este sonho, o Espírito Santo sussurrava as palavras em meu coração: *“A África será salva?”*

O sonho tinha, finalmente, se tornado uma visão clara sempre diante dos meus olhos, levando-me a deixar a base de minha pequena missão em Lesoto e mudando-me para Johannesburgo. Eu havia me lançado, em um ato de fé, para estabelecer uma nova organização chamada “Cristo para todas as Nações”. Uns poucos cooperadores ajudaram-me a comprar essa modesta tenda, que, a princípio, provou ser muito pequena. Eu estava pregando a multidões que ficavam de pé ao redor dela, incapazes de se espremerem dentro da área coberta. Isso não importava. Eles escutavam a minha voz amplificada por caixas de som colocadas em postes de luz do lado de fora.

Como havíamos levado nossa cruzada às terras tribais, descobrimos que o meu nome, “Bonnke”, era uma palavra em zulu que significa “todo mundo junto”. Que coincidência feliz! Com certeza uma cruzada de Bonnke colocou essas pessoas

juntas em números recordes, mesmo que alguns viessem esperando ver um pregador Zulu. Centenas estavam respondendo ao Evangelho. Que privilégio foi seguir e obedecer à visão de Deus! Eu agradeci a Ele por me honrar tanto.

“A África será salva”, sussurrei na escuridão: “A África será salva”.

Estendendo as minhas mãos, caso eu calculasse mal a direção, eu vagarosamente me virei e caminhei para o local onde lembrava ter estacionado o meu carro. Até que enfim pude detectar o seu vago esboço. Eu alcancei a maçaneta da porta e a abri, inundando a área novamente com luz. Eu entrei e liguei o motor, acendendo os faróis. Dirigi-me, então, através do campo aberto até o lugar onde uma faixa suja no chão me guiaria à casa do pastor. Eu havia viajado todas as noites nessa rota desde a semana passada e seguia as marcas do meu pneu na grama alta.

Ao aproximar-me do final do campo, de repente, um menino ligeiro, um adolescente, correu em minha direção. Ele acenou com seus braços para que eu parasse. Eu parei e abaixei a minha janela.

“Tem alguma coisa errada?”, perguntei-lhe.

Ele não se aproximava da janela. Percebi que ele queria ser educado. Isso fazia parte de sua herança tribal.

“Por favor, Moruti Bonnke”, ele disse, usando o título de respeito reservado para os pastores, “Eu gostaria que o senhor impusesse suas mãos sobre mim e orasse”.

Eu estava tremendamente cansado. Havia terminado um sermão vigoroso debaixo de uma forte unção e orado pelos enfermos; muitos haviam se achegado ao Senhor. O abatimento físico natural que se segue a tal esforço havia se instalado.

“Quantos anos você tem, filho?”.

Ele disse: “Dezessete”.

“Por que você quer que eu ore por você?”.

“Eu me converti na sua cruzada. Jesus me perdoou de todos os meus pecados. Como eu sabia que você passaria por aqui, eu queria pedir que o senhor orasse para que eu recebesse o Espírito Santo antes que eu retornasse à minha vila. Ela fica bem longe”.

Esse pedido atingiu meu coração quanto ao meu chamado para a África. A minha exaustão foi embora de uma vez.

Eu disse: “Vou orar por você”, e saí do carro. Deixei o carro ligado com os faróis acesos para que eu pudesse ver o que estava fazendo.

Eu indaguei: “Qual é o seu nome, filho?”.

“David”, ele respondeu.

“Vou orar por você, David”, e comecei: “Senhor, de acordo com a promessa da Tua Palavra eu peço que o Senhor encha o David com o Seu Espírito Santo”. Eu impus as minhas mãos sobre a sua cabeça: “Em nome de Jesus, receba o dom do Espírito Santo”.

Ele se ondulou como se um raio tivesse corrido em sua espinha e, então, começou a chorar e a louvar a Deus. Aos meus olhos, essa era uma cena familiar. Durante muitos cultos eu havia orado por muitas pessoas que reagiram exatamente desse mesmo modo. Eu raramente sabia o que Deus havia realizado, apenas tinha que deixar nas mãos d'Ele e continuar confiando que o poder de Deus daria fruto em Seu próprio tempo.

Após alguns momentos, eu disse adeus a David e desejei-lhe que tivesse uma caminhada segura de volta à sua vila. Entrei em meu carro e continuei dirigindo em direção ao meu alojamento. À medida que os meus faróis se afastavam dele, as pegadas leves de David foram engolidas por aquela noite enegrecida. Nunca espereivê-lo novamente. Ele era um entre muitos por quem eu havia orado na semana passada e só Deus sabia a caminhada de cada um. Ao seguir as marcas do meu pneu na grama, senti-me mais cansado do que nunca, meu corpo estava ansioso para dormir.

Meses depois, em Johannesburgo, comecei a escutar relatos de um avivamento que havia rompido na região tribal da Bacia Transvaal. Quando perguntei quem era o pregador, me disseram que ele não era, de jeito nenhum, um pregador. Era apenas um menino a quem Deus estava usando poderosamente. Nunca passou pela minha cabeça que o David era aquele menino. Eu não tinha idéia.

Um ano depois, eu inaugurei uma ferramenta evangelística nova, patrocinada pelo “Cristo para todas as Nações”. Era uma tenda poderosa, uma maravilha moderna que podia espremer 10.000 pessoas debaixo de uma única lona amarela. As multidões já estavam transbordando na tenda nova. Algumas vezes, mais pessoas ficavam de pé do lado de fora do que de dentro. Eu começara a conversar com designers acerca de

planos para construir a maior estrutura transportável do mundo, uma tenda evangelística gigante que um dia abrigaria 34.000 almas de uma só vez. A visão de uma África lavada no sangue de Jesus me movia em direção a lugares cada vez maiores.

Enquanto isso, com a nova tenda amarela, eu retornei para mais uma semana de cultos na região tribal ao norte da África do Sul. A minha intenção era concentrar cruzadas nessa região até que eu a tivesse saturado com o Evangelho. Juntamente com a tenda maior, eu havia trazido conosco um trailer de viagem com ar condicionado. Eu o estacionei ao lado da tenda. Era lá que eu ficava hospedado durante a série de cultos.

Certa noite, após pregar, ouvi alguém bater na minha porta. Eu abri, e ali estava David de pé. O seu rosto estava brilhando de alegria.

Ele disse: “Moruti Bonnke, sou eu, David”.

“Eu me lembro de você”, eu disse, “Orei para que você recebesse o Espírito Santo naquela noite no campo”.

“Sim. Eu poderia entrar para contar-lhe o que aconteceu?”.

“Claro, por favor, entre”.

Ele entrou e eu o convidei para sentar-se. A minha esposa, Anni, estava comigo. Ela fez um chá quente e começamos a conversar. “Conte-me, David. O que aconteceu após eu ter orado por você?”.

Ele disse: “Bem, eu estava muito longe da minha vila naquela noite. Após a sua oração, eu caminhei para casa. Foi como se estivesse andando nos ares. Eu nem vi a jornada. Cheguei lá ao

amanhecer. À luz da manhã, numa primeira olhada em minha vila, notei uma mulher saindo da aldeia. Ela estava carregando um feixe de flores em seus braços, e pensei ter escutado o seu choro. Eu conhecia tal mulher; ela era bem conhecida na vila. Na semana anterior à minha vinda à reunião do “Cristo para todas as Nações”, ela havia perdido uma criança com febre negra. Eu a chamei: ‘Mãe, aonde a senhora vai?’.

Na cultura tribal da África do Sul, “Mãe” é um título de respeito para qualquer mulher que tiver tido crianças. Isso é verdade, especialmente se a pessoa que se dirige a ela for um menino como David, ainda não um homem formado.

“Ela não respondeu”, disse David, “Mas veio até mim. Ela me conhecia. Não estava chorando, como pensei, mas segurava o feixe de flores em seus braços e pude ver que ela carregava o seu segundo filho, um menino novo. Ele estava com uma febre violenta e tinha um choro muito estranho. Esse era o choro que eu havia escutado. Eu pude ver que essa criança também morreria em breve. A mulher perderia ambos seus filhos com essa febre”.

“Há poucas horas, Moruti Bonnke, o senhor tinha orado para que eu recebesse o Espírito Santo. Eu ainda podia senti-Lo em meu interior. Quando vi essa mulher, senti um amor sair de dentro de mim como nunca antes. Eu não pude contê-lo. O Jesus acerca de quem o senhor pregava com certeza se importava com essa criança e com essa mulher.”

“Era contra as leis tribais”, David disse, “mas senti tanto amor que decidi arriscar”. Perguntei-lhe se poderia orar pela criança enferma, dizendo: ‘Mãe, posso orar por seu filho?’.

Ela respondeu: ‘Sim, sim, sim, qualquer coisa, por favor’.

“Eu impus as minhas mãos sobre a criança e pude sentir o fogo da febre queimando em sua cabeça. Pedi a Deus que tirasse a sua febre. De repente, ele parou de chorar. A criança sentou-se e disse: ‘Mamãe, estou com fome. Eu estou com sede’. A mãe ficou maravilhada. Colocou a mão na testa da criança e viu que a febre havia ido embora.

“Os olhos daquela mulher ficaram de todo tamanho! Ela correu com a criança na minha frente para a vila, indo direto para a casa do chefe da vila. Ela lhe disse: ‘O David orou pelo meu filho e o curou. Olha, a febre se foi’. A mãe alimentou a criança, deu-lhe água e ele pareceu recobrar as suas forças imediatamente, pois saiu e começou a brincar com as outras crianças”.

“Eu fui para a minha cabana. Comecei a contar para a minha família a respeito da sua oração por mim e acerca do que acontecera naquela manhã. De repente, um mensageiro chegou. Ele me intimou para uma audiência com o chefe.

Estava com medo, porque o chefe estava muito acima da minha família. Eu nunca havia estado na casa dele. Ele é o nosso respeitado rei, o nosso líder real. Ele é rico o suficiente para sustentar muitas esposas e filhos”.

Eu fui e me prostrei diante dele. A mulher cujo filho havia sido curado estava lá com o menino.

O chefe me disse: ‘David, eu ouvi o que você fez por essa mãe. Eu tenho uma filha que nenhum médico pode ajudar. Ela é aleijada, nasceu com os membros retorcidos’ e acrescentou: ‘Eu a levei aos melhores médicos na Cidade do Cabo e eles não podem fazer nada. Eu a levei a curandeiros. Ninguém foi

capaz de ajudá-la. Por favor, vá à sua cabana e ore por ela assim como você orou por essa criança hoje’.

“Eu disse a ele que faria assim como ele ordenara”.

“A mulher cuja criança fora curada foi comigo. A princípio, quando entramos na cabana, eu não podia ver nada, mas, à medida que meus olhos se ajustaram, eu vi a menina aleijada deitada. Ela estava em um estrado e as suas pernas estavam terrivelmente torcidas debaixo dela. Mais uma vez eu senti aquele amor poderoso de Jesus saindo de mim em sua direção”.

“Eu falei de Jesus para ela. Eu disse como o senhor orou para que eu recebesse o Espírito Santo. Disse-lhe, então, que eu não podia fazer um milagre, mas que Jesus Cristo podia fazer o que era impossível para nós. Então, eu impus as minhas mãos sobre ela e comecei a orar. Ao começar a orar, nós ouvimos um som estalante como de pipoca. A princípio, eu não sabia o que era, mas, então, vi que as pernas dela estavam se endireitando diante dos nossos olhos. Foi aí que eu percebi que era o som dos ossos dela estalando e pipocando”.

“A mulher que estava comigo gritou e correu da cabana para contar para a vila toda. Eles vieram todos correndo. Enquanto isso, eu ajudei a menina se levantar. Ela estava chorando, pois se levantava pela primeira vez em sua vida, e caminhou comigo para fora daquela cabana. O chefe estava lá paravê-la enquanto ela saía. A vila toda havia se reunido. Até a minha família tinha vindo”.

“Você não pode imaginar os gritos, os berros e a dança que então começaram. Por fim, o chefe fez com que se calassem e me fez falar com o povo. Eu lhes contei sobre como o senhor

orou para que eu recebesse o Espírito Santo e que agora eu era capaz de curar as pessoas no nome de Jesus”.

“Naquele momento, o chefe anunciou que ele seria o anfitrião de uma semana de cultos na aldeia. Ele enviou mensageiros a todas as vilas aldeias, ordenando que todos viessem e ouvissem o Evangelho. Desde então, eu tenho pregado e orado pelos enfermos todos os dias”.

Eu disse: “Então é você”. “David, eu não fazia idéia de que você fosse o moço a respeito do qual as pessoas me contaram. Relatórios estão circulando por toda a África do Sul, dizendo que Deus tem usado um moço para trazer avivamento entre as tribos. Isso é glorioso”.

David respondeu: “Sim, pessoas estão aceitando a Jesus em todos os lugares por onde eu vou”.

“Mas David”, eu perguntei, “o que você prega? Você me disse que somente aceitou a Jesus como o seu Salvador no culto na minha tenda naquele dia. Você não freqüentou uma Escola Bíblica. De onde você tira os seus sermões?”. Eu temia que ele üvesse começado a pregar uma mistura de Cristianismo com animismo. Isso é uma heresia comum na África.

Ele sorriu: “Eu prego tudo o que eu escutei o senhor pregar”.

Eu disse: “Se você prega o que eu preguei, então, graças a Deus, você tem pregado o Evangelho. O que você está fazendo com os novos convertidos?”.

“Os pastores estão vindo batizá-los depois que eu prego. As suas igrejas estão crescendo rapidamente com as pessoas novas e eles estão felizes.

Eu quero agradecer-lhe, Moruti Bonnke, por impor as suas mãos sobre mim e orar para que eu recebesse o Espírito Santo”.

“De nada. Orar por você naquela noite no campo era obviamente um encontro divino”, eu respondi.

Uma vez que ele se foi, Anni e eu refletimos sobre sua história maravilhosa. Send uma estranha responsabilidade sobre ele, e me lembrei de que eu era apenas um menino na Alemanha quando recebi o badsmo no Espírito Santo na igreja pentecostal do meu pai. Em 1950, com dez anos, eu havia recebido o chamado para pregar na África. Por muitos anos, meu pai e minha mãe não levaram aquele chamado a sério por eu ser tão jovem. Mas assim como David havia quebrado suas tradições tribais a fim de orar pelo filho da mulher e ver o poder de Deus, eu também havia chegado a lugares em minha caminhada com Deus onde eu havia sido forçado a me lançar e a obedecer a Ele apesar da resistência da minha família.

Em uma certa ocasião, fui pego em conflito direto entre o meu Pai Celestial e o meu pai terreno. Eu me lembro de Deus me dizendo para orar por uma certa mulher enferma na igreja onde meu pai estava ministrando. Estava com tanto medo de desagrada-lo. Para evitar o seu olhar, eu engatinhei com minhas mãos e joelhos por trás dos bancos até que eu chegasse ao lugar onde essa mulher estava sentada. Eu obedeci ao Senhor, colocando as minhas mãos sobre ela e orando silenciosamente. Fila foi curada instantaneamente e fez uma confusão e tanta no culto, contando para o meu pai o que eu havia feito. Eu não pude mais me esconder e confessei ao meu pai, com temor e tremor. Ele aceitou com o tempo o fato de que Deus estava operando poderosamente em um mero menino.

Em ambos os casos, o do David e o meu, não agimos em rebelião. Respeitamos aqueles em autoridade sobre nós, mas fomos levados a uma situação onde tivemos que respeitar mais a Deus. Isso me lembra do tempo relatado nos Evangelhos, onde a própria mãe e irmãos de Jesus vieram procurá-lo. Ele os ignorou, dizendo à multidão que qualquer um que fizesse a vontade do Seu Pai Celesdal era Seu irmão, irmã e mãe. De algum modo, eu creio que essa transição entre obedecer a uma autoridade terrena e obedecer à autoridade de Deus é um teste essencial para aqueles que O servem.

Em 1967, após freqüentar uma Escola Bíblica no Reino Unido e pastorear na Alemanha, Anni e eu fomos comissionados como missionários para a África do Sul. Chegamos com paixão para pregar às massas de africanos com fome espiritual. No entanto, primeiramente, vimos-nos servindo igrejas de brancos em um país que observava a separação rígida entre as raças, chamada de *apartheid*. Fui instruído a não chamar os cristãos negros de “irmão” ou “irmã”, e eu não podia cumprimentá-los com um aperto de mão, quanto mais abraçá-los.

Eu era freqüentemente convidado a pregar em igrejas de brancos, porque eles gostavam do meu ministério. Isso não era um convite comum para um missionário jovem naqueles dias, e devo confessar que me senti lisonjeado por isso. A certa altura, fui convidado a me tornar pastor da maior igreja de brancos em toda a África do Sul. Quanta honra! Mas isso colocou a questão do chamado de Deus em minha vida em crise. Eu recusei a oferta, dizendo que desde meus dez anos eu não havia sido chamado para pregar o Evangelho aos brancos na África. Havia tido brancos o suficiente na Alemanha.

Em seguida, fui comissionado a uma pequena base missionária no remoto Reino do Lesoto. Minha família e eu nos mudamos

para viver entre os negros africanos. Aqui, eu podia chamá-los de “irmão” e “irmã”, podia cumprimentá-los com um aperto de mão e abraçá-los sem ofender as tradições do *apartheid*. Mas, na base da missão, encontrei apenas cinco pessoas desejosas de ouvir os meus sermões em um dado domingo. Obedecendo à Grande Comissão, transpassei as paredes da igreja para pregar para o povo.

Eu levava o meu acordeão aos pontos de ônibus e mercados (ou feiras-livres) e não esperava pelo domingo para fazê-lo. Tocava e cantava até que eu atraísse o povo, então, eu pegava a minha Bíblia e começava a pregar para as pessoas que haviam se achegado para ouvir a música. Esses anos em Lesoto revelaram ainda mais que o meu verdadeiro chamado era o chamado de um evangelista.

Eu fiquei imaginando o que havia empurrado o David além dos fortes tabus tribais que ele respeitara. O que havia feito com que ele pedisse para orar pelo filho enfermo da mulher? Ele mesmo disse que foi um sentimento transbordante de amor. Isso também tinha sido a força que me movera além de todas as expectativas que os outros colocaram sobre mim. Eu chamava isso de compaixão, de amor de Cristo, de chamado de Deus. Era muito mais do que simpatia, empatia ou afeição. Isso vinha da pessoa do Espírito Santo que em nós habita. A descrição que David fez do amor irresistível de Deus parecia caber em minha experiência dessa compaixão divina. Nessas coisas, eu me identificava com o menino tribal de Transvaal.

Eu gostaria de ter terminado essa história aqui. Se eu respondesse somente a mim mesmo, provavelmente, eu o teria feito. Mas eu sinto o Senhor me impulsionando a continuar. A verdade acerca de David deve realmente conter alguma lição que seja mais importante do que um final feliz. Eu soube, por

várias testemunhas confiáveis, que David saiu de sua tribo natal no norte e se perdeu nas favelas impenetráveis de Soweto. Ele não mais congrega com o povo de Deus e não caminha mais com o Senhor.

Isso deve servir como um alerta para cada um de nós. Não importa o quanto o poder de Deus foi demonstrado em nossas vidas, podemos escolher nos afastar da comunhão com Ele. Aquele que pensa estar em pé veja que não caia, diz as Escrituras.

Isso é, sem dúvida, um processo lento. Deve ser como um sapo em uma chaleira de água a qual é, vagarosamente, aquecida até o ponto de fervura. Muitas coisas podem tirar a nossa sensibilidade ao amor de Deus. Os cuidados dessa vida podem obstruir a Palavra e torná-la infrutífera, como Jesus alertou em Sua Parábola. Para alguém como David, deve ter havido falhas, decepções, desencorajamentos, contrariedades, provações, testes, tentações — essas coisas acontecem com todos nós, mas devemos escolher todos os dias tomar a nossa cruz e seguí-lo, ou algum dia, qualquer um de nós, pode se ver como o Filho Pródigo. Poderíamos acordar falidos espiritualmente, vivendo em nosso próprio chiqueiro, imaginando como foi que chegamos lá.

Recentemente, resolvi dirigir por Soweto. Eu gosto de dirigir meu carro e me misturar com as pessoas de uma cidade onde estou para pregar. Entretanto, nesta ocasião, eu não tinha nenhuma pregação para fazer. Eu estava apenas dirigindo, procurando por David. Não que eu esperasse encontrá-lo, isso seria como encontrar uma agulha em um monte de feno. Mesmo assim, eu dirigi com dor em meu coração até que anoiteceu.

Pensei comigo mesmo: O que eu diria se, de repente, o David aparecesse no feixe de luz dos meus faróis? Ele estaria com quarenta e cinco anos de idade. Será que eu o reconheceria? Como eu agiria?

Minha resposta não demorou a chegar. Eu pularia do meu carro e correria até ele, colocando os meus braços ao seu redor. Eu o certificaria de que o amor de Deus é o mesmo hoje como foi naquela noite escura em 1977. Ele pode começar novamente e eu gostaria de ajudá-lo naquela jornada até à restauração.

Se ele me desse tempo o suficiente, eu o encorajaria com a história de Pedro que retornou ao Mar da Galiléia para seguir a vocação de pescador, após ter negado três vezes que conhecia a Jesus, na noite da Sua crucificação. Nem mesmo a ressurreição havia apagado a sua vergonha. Jesus não o censurou ou o condenou — Ele foi e o encontrou.

Jesus veio à beira da praia e encheu as redes de Pedro com peixes para que ele se lembrasse do chamado original do Senhor: “Sigam-me e eu lhes farei pescadores de homens”. Ele, então, cozinhou uma refeição para Pedro na praia e partiu o pão com ele. Ao comerem, Jesus lhe perguntou três vezes se ele o amava. Três perguntas para o homem que o havia negado três vezes. Pedro entendeu a questão. O quebrantamento do coração de Pedro foi um ato positivo e necessário. Ele finalmente admitiu a verdade; o seu amor pelo Senhor não era digno de ser comparado com o amor que Cristo havia demonstrado por ele. Aquele era o final e também o começo. Aquela confissão qualificou o Grande Pescador a retornar ao ministério.

“Alimente as Minhas ovelhas”, disse Jesus.

“Vá e faça o mesmo”, eu diria a David.

rxj

*O Espírito Santo não nos possui. Ele honra
nossas escolhas. Ele habita em nós, nos desperta
com tais coisas quanto o despertar
da divina compaixão. Isso foi o que levou o jovem
David a ver curas milagrosas. Nós devemos,
de alguma forma, aprender a seguir
o despertar da compaixão.
Deus está nele.*

CAPÍTULO 4

DIAMANTES E DANÇA DE BOATE

Eu ainda era um jovem missionário, não conhecido como um evangelista, e estávamos apenas começando a ver uma ruptura no Reino de Lesoto. Notícias do nosso sucesso estavam correndo por toda região. Era o ano de 1973.

O meu telefone tocou. Howard Horn, alguém que eu conhecia desde o meu treinamento na África do Sul, disse: “Reinhard, venha a Kimberley e pregue para nós”.

Eu respondi: “Eu irei”.

Kimberley era uma cidade de aproximadamente 100.000 habitantes, localizada a 150 milhas a oeste. Assim como Maseru, onde eu morava, Kimberley era uma isolada comunidade montanhosa. Por um século era famosa por suas minas de diamantes. Os maiores diamantes do mundo vieram de lá. Toda a área estava farta do conhecimento das fortunas minadas da terra. A mineração continuava sendo o setor mais importante da economia.

As minas de Kimberley eram operadas pelos descendentes de colonizadores brancos e também de sua propriedade. No entanto, o trabalho pesado nas minas era realizado pelos negros, muitos deles do meu próprio país, Lesoto. Entretanto, a igreja a qual eu visitaria em Kimberley era uma congregação “só de brancos”.

Quando cheguei, lembro-me que era uma noite fria. Os céus estavam nublados e um vento gelado soprava dos picos ao

nosso redor.

Howard me levou de carro até à igreja onde eu pregaria. Nós havíamos combinado uma série de cultos na sexta-feira, no sábado e no domingo.

Naquela primeira sexta-feira, ao sentar-me no púlpito, passei o olho na congregação de 200 pessoas. Eu não vi nenhuma pessoa jovem no lugar, nenhuma.

Inclinei-me na direção do Howard, que estava perto de mim e perguntei: “Onde estão os jovens?”.

Ele balançou a cabeça com tristeza, reconhecendo que eu havia percebido exatamente qual era o problema. Todas as cabeças no salão eram brancas. Eu preguei. O culto terminou e as pessoas foram saindo para os seus carros para ir para casa. Uma vez que eles haviam ido embora, Howard veio até a mim:

“Reinhard, você gostaria de ver a resposta à sua pergunta? Você gostaria de saber onde todos os jovens de Kimberley estão?”.

Eu respondi: “Sim, eu gostaria”.

“Eu vou mostrar-lhe. Entre no meu carro e eu vou levá-lo lá”.

“Onde você está me levando?”, eu questionei

“É surpresa”, ele me disse. Ele permaneceu misterioso a esse respeito.

Ele dirigiu pelas ruas, virando aqui e ali até chegarmos a um prédio imenso no final de um distrito de armazéns. O prédio

estava em chamas com placas berrantes de néon. Uma placa grande piscava a palavra: *boate, boate, boate*.

O estacionamento estava lotado de veículos a ponto de transbordar. Nós estacionamos na rua a um quarteirão de lá. Ao desligar o carro, pude ouvir o boom, boom, boom, da batida pesada do baixo, saindo pelas paredes daquele prédio. A tal chamada música parecia sacudir o próprio chão debaixo de nós como um espírito maligno.

“Isso é uma cova de iniqüidade”, eu disse com tristeza. “Que horrível. Foi para cá que os jovens vieram?”.

Ele acenou com a cabeça confirmando. “Reinhard, isso é a última moda. É chamado de discoteca, um clube de dança. É uma loucura que está varrendo todo o mundo neste momento e os jovens em todo lugar estão sendo muito atraídos por isso”.

Senti um arrepió descer na minha espinha. Como é que a igreja poderia competir pela atenção de seus jovens contra tal tentação? O pequeno prédio silencioso da igreja do qual viemos e esse gigante e vibrante armazém não podiam ser mais opostos um ao outro. A boate era tão grande, tão cheia de energia, tão barulhenta e tão irresistível.

Mais uma vez pude ver o rosto das pessoas idosas para quem eu havia pregado há apenas uma hora. Todos eles tinham vindo ouvir Reinhard Bonnke pregar para um salão sem nenhum jovem dentro. E agora, sem dúvida, estavam sentados em suas casas; casas sem jovens dentro delas. Os jovens estavam aqui, se saciando em todos os tipos de prazeres sensuais. Pelo menos eles podiam se sentir confiantes de que seus pais e avós não os incomodariam aqui. A geração mais antiga não se atreveria a entrar nessa atmosfera chocante e assustadora.

Howard saiu e por um tempo ficou parado, encostado no capô do seu carro, escutando. Eu também saí e fiquei de pé ao seu lado.

Nós agora podíamos ouvir uma música mais alta do que o estrondoso baixo, apesar de não podermos realmente chamar aquilo de música. Eu pensei em quão gentilmente eu toquei o meu acordeão, cantando músicas alegres sobre Jesus para atrair as multidões nas ruas de Lesoto. O som do meu pequeno acordeão aqui teria sido totalmente abafado. Ninguém conseguiria, ao menos, notá-lo.

Comecei a me sentir pequeno e insignificante.

Eu perguntei: “Howard, o que os jovens vêem nessa boate?”.

Confuso, ele chacoalhou a cabeça: “Eu não sei. Eu realmente não sei”.

Depois de um tempo ele disse: “Vamos entrar”.

“Ah não”, eu disse. “Vamos embora para casa. Eu nunca estive em um lugar como esse. Para mim isso seria uma abominação. Eu não saberia como agir e o que as pessoas pensariam de mim como pregador? Isso é inconcebível”.

Até esse momento eu havia acompanhado o Howard apenas por curiosidade. *“Onde os jovens estavam?”*, eu havia perguntado. Agora eu sabia. Isso era uma triste realidade da vida moderna, entretanto, eu não podia fazer nada para consertar o abismo entre os jovens e os idosos em Kimberley; nem em qualquer outro lugar no mundo. Somente um avivamento de fé em Jesus poderia fazer isso.

Eu retornaria e pregaria novamente, de todo o meu coração, para as pessoas idosas no sábado e no domingo. Talvez Deus moveria seus corações e eles começariam a fazer a diferença nas vidas de seus próprios jovens. Aquilo parecia ser o melhor que eu poderia esperar realizar.

Mas, ao me virar para entrar no carro, senti-me mal por dentro. Eu parei no mesmo lugar. Foi quando o Espírito Santo começou a falar comigo. Uma vez que eu tinha vindo até aqui, algo pareceria errado se eu agora virasse as costas.

Entretanto, eu não tinha idéia do que o Espírito queria que eu fizesse. Eu apenas não conseguia ir embora. O Howard sugeriu: “Vamos dar uma olhada lá dentro”.

De repente, isso parecia exatamente correto. Tudo em meu espírito disse sim. Eu concordei acenando com a cabeça. “Tudo bem, vamos só dar uma olhadinha na boate”.

Começamos a caminhar em direção ao prédio. O que eu faria? Eu não fazia idéia. Isso era contra tudo em meu corpo e em minha mente, mas não contra o meu espírito. Eu simplesmente obedeci. Chegamos à porta e ficamos de pé lá. Eu senti o Espírito falar comigo claramente: *“Olhe para dentro. Eu lhe mostrarei algo que você não sabe”*.

Eu respirei bem fundo e então abri a porta. O estrondo da música deve ter feito os cabelos da minha testa voarem. Eu nunca tinha escutado tal volume em minha vida. Era ensurcedor. Mas foi naquele instante que eu recebi uma visão espiritual acerca da realidade da boate. No flash das luzes não vi os jovens dançando com alegria, vi imagens congeladas de aborrecimento, temor, solidão e insegurança, um a um, capturadas nos rostos daqueles jovens. Os flashes de luz, por

um segundo, revelaram essas imagens, repetidamente, como um congelador de imagem. Cada uma daquelas faces assombradas, falavam-me de um vazio. Puro vazio.

Agora eu sabia o que o Espírito queria que eu soubesse. Não era o que eu tinha esperado ver. Esses jovens estavam vindo à boate em busca de algo que eles não encontravam. Não importava o quanto eles se lançavam na batida da música, sempre saíam do mesmo jeito — vazios.

Naquele momento eu entendi que eu possuía o que eles estavam procurando. Eu podia mostrar-lhes o caminho para um relacionamento com Deus através de Jesus Cristo. Eu podia lhes mostrar o poder para viver uma vida de alegria apesar das muitas decepções do mundo.

Mas, todas as bênçãos da vida em Jesus jamais viriam a eles em uma boate, não importava quantos tipos de música eles dançassem. E como escutariam a verdade sem um pregador? “Nem morto” algum pregador viria a esse lugar.

A curiosidade foi embora. Em lugar dela, senti a indiscutível compaixão de Jesus surgir dentro de mim. Eu queria chorar pelos jovens preciosos de Kimberley que estão em busca de algo. Eles viviam em uma cidade louca por diamantes. Eles não sabiam que eles eram os diamantes aos quais Deus procurava. Eram mais preciosos à Sua vista do que montanhas de riqueza. Ele se importou o suficiente para morrer por eles.

De repente, eu não podia ligar menos para o que qualquer um pensasse de mim. Eu sabia que iria pregar nessa boate. Nada poderia negar o amor de Jesus que eu sentia.

Eu fechei a porta e olhei para o Howard. Eu ouvi o Espírito Santo falar em meu coração: “*Ache o dono desse lugar*”. Então, eu disse ao Howard: “Ajude-me a encontrar o dono dessa boate”.

“Que bem isso vai fazer?”, ele disse.

“Eu tenho que falar com ele. Vamos encontrá-lo agora”, respondi.

“Mas o quê você vai dizer a ele?”.

“Eu vou pedir a ele que me deixe pregar em sua boate”.

Howard riu. “Reinhard, você não vai fazer isso”.

“Eu vou. Eu absolutamente vou”.

Agora o Howard me seguia. Eu perguntei dentro da boate e fomos levados a um escritório nos fundos do prédio. O dono era um homem de negócios, de meia idade, que parecia bem fazer parte da cultura rock-and-roll. Ele tinha os cabelos compridos, correntes de ouro em volta do pescoço, o colarinho da camisa aberto e calça jeans azul.

Eu disse a ele: “Senhor, eu vim lá da Alemanha. Estou lhe pedindo permissão para me deixar falar com os jovens em sua boate por apenas cinco minutos”.

Ele me olhou de cima em baixo. “Você é um pregador”, disse.

Eu ainda estava vestido com terno e gravata e parecia ter acabado de vir da igreja. Eu concordei, acenando a minha cabeça.

Ele disse: “Se você quer pregar, deveria pregar em uma igreja”.

Eu disse: “Não há jovens na igreja e como eles não vêm à igreja, então o pregador vem até os jovens. Agora, dê-me cinco minutos, eu lhe peço, somente cinco minutos”.

“Você deve estar brincando”. Ele sacudiu sua cabeça em descrença, virou-se e saiu andando. “De jeito nenhum, cara”. Ele não teve simpatia nenhuma por meu pedido.

Enquanto ele estava andando, de repente, o Espírito Santo me tocou e me disse: *“Diga a ele o que você viu quando olhou em sua pista de dança”*. Eu fui atrás do homem e o peguei pelo braço. Ele se virou para me ver novamente.

“Só uma pergunta, senhor”, eu disse, olhando bem nos seus olhos. “Você acha que os jovens encontram o que eles precisam para a vida em sua boate?”.

Vagarosamente o rosto do homem mudou. Ele olhou para baixo pensativo. Quando ele olhou para cima novamente disse: “É muito estranho você falar sobre isso. Eu mesmo tenho filhos. Pensei muitas vezes que a boate não dará aos jovens o que eles precisam para a vida”.

“Eu lhe imploro, senhor, dê-me cinco minutos”, pedi-lhe mais uma vez.

Ele ficou pensativo por um momento. “Tudo bem, mas não hoje à noite. Sábado, amanhã à meia-noite, eu lhe darei o microfone por cinco minutos”.

Eu peguei na mão dele e lhe dei um aperto de mão. “Está combinado, e muito obrigado ao senhor. Eu estarei aqui”.

Estava tão feliz que poderia ter lhe dado um beijo. Eu podia sentir o Espírito Santo em tudo aquilo que estava acontecendo. Era algo que jamais teria pensado por mim mesmo.

À medida que Howard me levava de carro para o meu quarto, fiquei me martelando. Eu tinha pedido apenas cinco minutos. Como eu podia ser tão estúpido?

Comecei a orar: “Senhor, eu tolamente pedi por apenas cinco minutos. Agora, eu estou preso com cinco minutos porque eu coloquei esse número na cabeça dele. Por que é que eu disse aquilo?”. Após andar mais um pouco em silêncio, eu orei novamente, um pouco melhor dessa vez. Eu disse: “Senhor, nada é demasiadamente difícil para Ti. Criastes o mundo em seis dias; Tu podes salvar a boate em cinco minutos. Por favor, não deixe com que a minha tolice seja um problema. Amém”. Por toda aquela noite eu me virei, revirei e orei. Eu orei e orei.

Na noite seguinte, eu preguei para os idosos na igreja. Não me lembro de nada. Eu acho que devo ter pregado mal porque meu coração estava pulando de ansiedade por pregar para os perdidos na boate naquela noite.

Quando as pessoas na congregação haviam ido embora para suas casas, pedi ao Howard que me levasse de carro novamente ao meu quarto. Eu tirei o meu terno e me vesti com roupas casuais. Eu não queria parecer um pregador que acabara de vir da igreja. Eu precisava de uma camuflagem de boate. O Howard foi para casa e rapidamente trocou suas roupas também.

Ao entrarmos no carro dele, ele parou e olhou para mim: “Reinhard Bonnke, o que você acha que o povo da igreja acharia se soubessem onde você está indo hoje à noite?”.

Eu respondi: “Eu acho que eles nunca mais voltariam para me ouvir pregar”. “Você não vai contar para eles, vai?”.

Ele sorriu e balançou sua cabeça: “Não, claro que não”.

“Nem eu”, respondi.

Nós dirigimos para a boate, chegando lá às 23:30 horas. Eu teria que esperar por meia hora. O estacionamento estava mais lotado ainda no sábado do que estava na sexta-feira. Eu acho que em Kimberley eles tinham o que se chama “Febre do sábado à noite”. Coloquei a minha Bíblia embaixo do braço e o meu acordeão. Eu não sei porque eu levei o acordeão, mas ele estava lá. Levei-o comigo para dentro da boate, como um cobertor de segurança.

() lo(,il eslava imensamente lotado. Ombro a ombro, tivemos qiii loii, ii um caminho entre as pessoas para passarmos e M li iimos um lo<. il paru sentar. Finalmente, chegamos a um lui i □ iiiMim kiiH|umli<>. I M me sentei no banquinho e esperei nu ii noiit t lk i>pr .

Quaiulo o uilogio finalmente atingiu meia-noite, a música parou. Eu me levantei correndo e fui para o palco onde os discos estavam sendo tocados. Peguei o microfone do DJ e gritei: “Sentem-se, sentem-se, sentem-se. Eu vim da Alemanha e tenho algo muito importante para lhes dizer”.

De repente, os jovens começaram a sentar-se por toda paru. Foi então que eu percebi que não estava em uma igreja, mus em um salão de dança. Não havia bancos de igreja, somenir poucos bancos de bar no perímetro. A maioria dos jovi-nis sentou-se na pista de dança. Eles se senl.iram HJJ, lum.indo « mascando chicletes, esperando que i u (omec^issi .

Eu comecei a pregar, um minuto, dois minutos e, de repente, o Espírito Santo estava lá; quero dizer, o vento de Deus estava movendo naquela boate. De repente, eu escutei soluços. Eu comecei a ver os jovens pegando os seus lenços para enxugar os seus olhos, chorando por toda parte. E eu sei de uma coisa — quando as pessoas começam a derramar lágrimas, é hora de fazer o apelo. E eu sabia que o meu tempo estava voando.

Eu disse: “Quantos de vocês querem receber a Jesus Cristo como seu Senhor? Quantos desejam encontrar o perdão pelos seus pecados e entrar no plano de Deus para suas vidas, a partir de hoje à noite?”.

Todas as mãos que eu podia ver naquele lugar foram levantadas. Eu disse: “Tudo bem, repitam após mim”.

Juntos nós fizemos a oração de salvação. Meus cinco minutos se acabaram. O meu trabalho estava feito. Eu fui embora andando nas nuvens, regozijando, absolutamente regozijando pelo fato de que eu fui privilegiado em ajudar esses jovens a encontrar o que eles jamais achariam em sua boate.

Um ano depois eu voltei em Kimberley. Howard me encontrou no aeroporto e disse: “Entre no meu carro. Eu tenho uma surpresa para você”.

Ao entrar no seu carro, não me disse nada a respeito, apenas dirigiu pelas ruas sinuosas até que chegou ao distrito de armazéns. O carro parou. Eu olhei para fora da janela e não podia crer no que meus olhos viram. Eu os limpei e olhei novamente. Ao invés de ver a grande placa da boate, havia uma enorme cruz branca na frente daquele prédio.

“Isso não é a surpresa”, o Howard falou. “Venha comigo”.

Caminhamos até aquela porta na frente da qual havíamos estado há um ano atrás, a porta que o Espírito Santo havia me mandado abrir. Eu lembrava da batida acelerada da música que havia agredido meus ouvidos ao ficar de pé ali naquele sábado à noite. Agora eu ouvia um outro som vindo de dentro. Era um tipo de cântico, crescendo em volume.

“Você está pronto para isso, Reinhard?”, Howard balançou a porta para abri-la e eu vi uma casa lotada cheia de jovens. Eles estavam salmodiando: “Bonnke, Bonnke, Bonnke”.

Eu clamei de alegria. Eles correram até mim, abraçando-me e apertando as minhas mãos, trazendo-me para dentro.

Um moço jovem disse: “Lembra-se de mim? Eu era o DJ naquela noite que o senhor veio”.

Outro pegou a minha mão: “Eu estava operando o show de luzes”.

Outro disse: “Nós estávamos dançando pelas noites. Agora estamos servindo a Jesus”.

“Depois que você foi embora da cidade, a boate faliu”, Howard gritou para mim. “Essa boate é uma igreja!”. Ele estava sorrindo de uma orelha à outra.

Um senhor bem vestido se dirigiu a mim: “Nós soubemos do que aconteceu aos jovens aqui. A minha igreja tem me sustentado para que eu seja o pastor desses jovens”.

Eu fiquei de pé mais uma vez naquela boate, olhando para aquelas faces, tão diferentes das que eu havia visto nas luzes da boate há um ano atrás. As luzes agora estavam em sua plenitude.

Mais ainda, a luz do favor do Senhor estava brilhando em cada rosto.

Eu apontei o meu dedo para os céus e gritei: “Jesus!”.

“*Jesus!*”, eles gritaram de volta para mim em uma só voz, fazendo as paredes tremarem.

“Louvado seja Jesus!”.

“*Louvado seja Jesus!*”.

“Ele é Senhor!”.

“*Ele é Senhor*?!*”.

“Aleluia!”.

“*Aleluia^.*”

Agora aquela boate estava gingando do jeito certo. Os verdadeiros diamantes de Kimberley estavam brilhando aos olhos de seu Pai.

K£2

Nós temos que aprender a ouvir a Sua voz^

e temos que aprender a obedecer a ela.

Não a voz^ de uma religião morta.

Não a voz^ dos nossos medos e preconceitos.

Jesus nos enviará ao lugar

onde os perdidos estão e Ele não se importa

se isso nos fizer sentir incomodados.

Sempre é uma aventura seguir

Sua direção, buscando

e salvando o perdido.

CAPÍTULO 5

O DESTRUIDOR DO CATIVEIRO

Em 1970, eu era um atribulado jovem missionário em Lesoto, África. Algumas vezes, apenas cinco pessoas apareciam para me ouvir pregar. Ao invés de trabalhar em um pequeno recinto eu ia para o lugar onde as pessoas estavam. Na capital Maseru, onde eu morava, eu pregava quatro vezes por dia nas feiras, nos pontos de ônibus e nas escolas. Essa história aconteceu durante aqueles primeiros estágios de meu ministério.

Dolphin Monese era um jovem e brilhante estudante em Maseru. Ele tinha um sorriso grande e feliz, e chamejantes olhos castanhos. Mas quando ele discutia, as suas sobrancelhas se franziam e sua mandíbula travava-se. Parecia que ele levava os seus argumentos muito seriamente.

Dolphin estudava os ensinamentos das Testemunhas de Jeová. Ele gostava do modo como eles atacavam a igreja Cristã. A igreja no Reino de Lesoto havia se tornado fraca e ineficiente. Ao invés de seguir a uma religião cristã morta, Dolphin a atacava. Essa era a sua maneira. Em Maseru, ele se tornara um campeão dos Testemunhas de Jeová.

Caminhava para a escola todos os dias com um grupo de amigos. Eles discutiam as grandes questões da vida, e ele os impressionava com o seu conhecimento. Um dia, ao
i aminharem juntos, viram um homem cego em um ponto de
ñmlnis cootudO mu acordeão por dinheiro. Dolphin quis dar
11111:1 olh.ul 1 11(pfr io, i:spÇ(iftlnistüte porque o mendigo cego
i 11 um bOm< ui br:iflí o Mhs, ,10 sc ipmxmiar, Dolphin pôde ..

ver que o homem não era cego e nem um mendigo. Ele estava cantando alegres canções de louvor a Jesus no dialeto local lesoto. *Essa pessoa é um homem simplório*, ele pensou.

De repente, o homem abaixou o seu acordeão, pegou a sua Bíblia e começou a pregar. Um dos homens no meio do povo começou a interpretar para ele. Era uma artimanha. O homem havia usado a sua música para atrair as pessoas. *O homem simplório pelo menos era inteligente*, pensou Dolphin. Ele sabia que não era fácil reunir o povo em Maseru para ouvir uma pregação.

Sem problema! Dolphin havia lido muitos livros acerca da Bíblia. Ele sabia que os cristãos consideravam Jesus como sendo igual a Deus, uma parte do que eles chamavam de Trindade. Uma vez que ele podia facilmente derrotar essas doutrinas bobas, ele escutaria a mensagem do pregador e, então, discutiria para colocá-lo na linha. Isso provocaria diversão e seria mais uma maneira de impressionar os seus amigos.

Como você deve ter adivinhado, naquele dia, eu era o mendigo cego na esquina da rua, pregando de todo o meu coração. O meu trabalho em Maseru havia sido frutífero somente em alguns momentos. Por exemplo, no final do meu primeiro sermão no ponto de ônibus em Maseru, um jovem alto e pensativo veio à frente. Eu nunca vou esquecê-lo; seu nome era Michael Kolisang. Ele usava um cobertor colorido enrolado ao redor dos seus ombros. Essa era a moda popular para o homem da tribo Basuto. Ele falou comigo através de um tradutor: “Eu quero esse Jesus acerca do qual você acabou de pregar. Eu O quero”.

Que resposta melhor eu jamais poderia querer de um sermão? “Eu quero esse Jesus acerca do qual você acabou de pregar”. Eu pensei: *talvez todos os dias serão desse jeito em Maseru!* Eu mal

sabia que isso tinha sido sorte de principiante. Perdoe-me a expressão, mas após aquele dia eu preguei muitos sermões sem ver nenhum resultado.

Eu o levei no assento da frente do meu mini ônibus da Volkswagen. Com a ajuda do intérprete sentado no banco traseiro, eu o conduzi às escrituras da salvação. Então, orei com ele para aceitar a Jesus como seu Salvador. Michael Kolisang, desde então, tem estado do meu lado. Hoje ele é um bispo em Lesoto, pastoreando uma congregação bem-sucedida.

Contudo, resultados como esse eram poucos. Pessoas como Dolphin Monese eram mais comuns. Assim que terminei o meu sermão naquele dia, ele veio à frente, não para aceitar a Jesus, mas para discutir comigo. Uma vez que ele falava Inglês, podia discutir comigo sem um tradutor.

O meu intérprete ficou feliz pelo intervalo. Ele disse nunca ter trabalhado tão duro para um pregador em toda a sua vida. Eu o cansava com quatro sermões por dia e ele queria um aumento no pagamento.

Dolphin mergulhou de cabeça nos seus argumentos de Testemunha de Jeová. Eu apenas sorria e escutava, sabia que não podia mudar a mente desse jovem por encontrá-lo em um tipo de campo de batalha da mente. Eu o convidei a sentar-se comigo no meio fio. Ele sentou-se, mas não se afrouxou.

Eu sabia que bem no fundo, Dolphin estava exausto pelas demandas de seus próprios argumentos, mas eu não sabia se ele estava cansado o suficiente para abandoná-los. Parecia que ele gostava demais de argumentar. Ele continuou com seu ataque ao cristianismo até que todo o povo que havia sido reunido naquele dia tinha ido embora. Até mesmo os seus

amigos partiram. Éramos só nós dois sentados no meio fio daquela rua, e somente um de nós estava falando.

“Posso falar uma coisa?”, perguntei.

Ele estava no meio de um pensamento e tinha que terminá-lo antes que fosse capaz de parar. Até que enfim ele pausou: “Sim. O que é?”.

“Eu quero dizer o quanto Deus ama você. Você, eu e todos no mundo nascemos em pecado. Estávamos condenados ao inferno eterno, mesmo assim, Ele nos amou o suficiente...”.

“O inferno não existe”, ele interrompeu. “Punição no inferno é uma idéia inventada pelos Papas. Eles fizeram isso para deixar as pessoas com medo, para que eles pudessem controlá-los. Eu não vou cair em nada disso”.

“Você terá que discutir com as Escrituras, Dolphin. Tormento eterno está claro na Bíblia. Os Papas não inventaram isso. Mas essas não são as Boas Novas. As Boas Novas são que Deus amou ao mundo, mesmo em seu pecado, e deu Seu Filho Unigénito como sacrifício por nós. A Salvação é um dom gratuito; pago por outra pessoa. Nós não podemos ganhá-la sendo espertos ou aprendendo tudo que é certo ou fazendo tudo o que é certo. Quando aceitamos o maior presente de Deus, Ele nos enche de amor e paz, e nos promete a vida eterna com Ele no Céu. Você já aceitou a Jesus como seu Salvador?”.

Dolphin foi embora, prometendo voltar para completar a correção da minha errada teologia. Eu o incentivei a voltar, mas devo dizer que, dentro de mim, hesitei, pois sabia que ele se aproveitaria da minha porta aberta.

E ele assim fez. Retornou todos os dias desde então. Os intervalos da sua escola eram marcados de tal maneira que ele podia vir me escutar no ponto de ônibus. A sua caminhada após a escola o traria ao meu lugar normal de pregação na feira para ouvir mais um sermão, onde, iniciaria mais discussões. Esse padrão continuou dia após dia.

No tempo certo, eu tive a oportunidade de responder à maioria de seus argumentos através das Escrituras, mas isso ainda não foi o suficiente para convertê-lo. Ele continuou a vir para discutir, e talvez por outras razões as quais ele não admitia para mim. Ele era osso duro de roer.

Um certo dia, ao pregar, senti uma unção poderosa e a presença do Espírito Santo. Naquele dia, após o meu sermão, Dolphin veio à frente.

“Estou pronto para aceitar a Jesus Cristo como meu Salvador”, disse ele.

Espanto e quase descrença surpreenderam meu coração. Esse era um momento incrível. De repente, esse jovem que sempre vinha para discutir não tinha mais argumentos.

Naquele momento, o Espírito Santo sussurrou dentro de mim dizendo-me o que fazer. Eu senti em minha conversa interior com o Senhor que o Dolphin não deveria apenas tomar uma decisão por Cristo, mas deveria, ao mesmo tempo, se desligar dos Testemunhas de Jeová. Isso era uma fonte de escravidão que ainda permanecia nele.

“Entre no meu carro”, eu disse.

Ele entrou. Dentro do carro, eu disse a ele: “Vamos dirigir até a sua casa e queimar todos os seus livros de Testemunhas de Jeová. Você está pronto para fazer isso?”.

Imediatamente, Dolphin começou a enfrentar uma luta interna. Muito do seu conhecimento estava ligado àqueles livros. Eles lhe tinham concedido orgulho e um lugar no mundo. Eles o tinham feito se sentir superior. Pensei que se eu não colocasse uma escolha clara diante dele, ele entraria em um período de luta que duraria um longo tempo antes que ele fosse totalmente libertado, e assim, anos infrutíferos poderiam se seguir.

“Escolha Jesus ou os Testemunhas de Jeová”, eu disse. “Essa é a escolha que você faz. Não dois caminhos, mas um”.

Até que enfim ele concordou, acenando com a cabeça. “Sim, você está certo. Vamos pegar os livros”.

Isso para mim foi um sinal de que o Espírito de Jesus havia entrado em seu coração. Ele estava se abrindo ao Seu poder purificador. Queimando esses livros, estaria queimando ligações com o passado - pontes que o diabo adoraria ter mantido em constante engarrafamento, para lá e para cá, para lá e para cá, entre Jesus e Testemunhas de Jeová, por dias incontáveis à sua frente.

Eu dirigi até à sua casa. Ele entrou e trouxe os braços cheios de livros, depositando-os dentro do meu mini ônibus.

“Esses são todos?”, eu perguntei.

“Eu tenho uma outra prateleira de livros na casa da minha avó na vila”, ele respondeu.

“Iremos até lá para pegá-los. Entre, que eu irei levá-lo”.

“Mas esses livros não são meus. Eles são emprestados”.

“Eu pagarei pelos livros que você pegou emprestado, mas nós os queimaremos todos hoje, emprestados ou não”.

Dolphin concordou. Ele ajuntou todos os livros que estavam na vila e os colocou no carro. Eu comprei um galão de gasolina e fomos até à casa do seu irmão, onde ele sabia que poderia encontrar um barril para queimá-los. Eu o fiz colocar os livros dentro. Nós os encharcamos com combustível e eu dei o fósforo a ele.

Quando ele acendeu e o jogou dentro do barril uma explosão de chamas subiu nos ares. Eu senti uma grande sensação de alívio. À medida em que os livros queimavam, eu podia ver um novo Dolphin Monese surgir. O pesado jugo religioso foi trocado pelo jugo suave e o fardo leve da vida em Jesus Cristo.

Alegria, paz, bondade, mansidão - todo o fruto do Espírito foi despejado sobre ele.

Nos anos seguintes, Dolphin cresceu na sua fé. Pedi que ele fosse meu intérprete em muitas ocasiões e ele aprendeu muito acerca de pregar e ministrar durante esse processo. Ele seguiu adiante e fez Escola Bíblica. Hoje ele é o pastor de uma igreja maravilhosa em Lesoto. O seu intelecto e personalidade estão submetidos à vontade do Senhor, e o seu sorriso campeão e semblante agradável são uma alegria e conforto para milhares.

rx]

*Como testemunhas e evangelistas,
não devemos ser inteligentes, devemos ser claros.
Nossa mensagem é o Evangelho simples
e não uma consciência maior.
Não estamos ajudando as pessoas
a receberem Deus direito, mas a se
acertarem com Deus.
Somente o Espírito Santo abre
os corações e as mentes das pessoas.*

CAPÍTULO 6

OS LAÇOS QUE NOS UNEM

A passarela não tinha estabilizadores, nem nenhum suporte para evitar que ela oscilasse. Ela se esticava perigosamente sobre um abismo profundo e rochoso. Foi construída com dois cabos, com ripas de madeira colocados entre eles, e nada mais. Não havia nem mesmo corrimão. No meu modo de pensar esse não era um lugar apropriado para se atravessar, pois era um lugar perigoso. Eu nem pensaria em andar sobre ela.

Foi então que notei um insensato tentando atravessá-la. Como um amador em cabo de aço, o homem abriu os seus braços para se equilibrar. Ele rastejou-se vagarosamente em direção ao outro lado, olhando fixamente para as suas pernas e pés trêmulos. A passarela de madeira inclinou-se e balançou debaixo de seus pés.

Eu corri para a beira do penhasco e olhei. O fim do desfiladeiro não podia ser visto. Estava coberto com uma neblina matutina, a qual se movia como um rio através dessa grande abertura na terra.

Olhei de volta para o homem. Ele havia tido um inesperado progresso, chegando quase à metade do caminho até o outro lado. Em meu coração eu lhe desejava o melhor, mas de repente, a nuvem de neblina subiu do desfiladeiro em uma térmica corrente de ar ascendente. Ela encobriu a passarela bem à frente do homem. Ele não percebeu. Os seus olhos estavam concentrados em seus próprios pés. Eu tinha certeza de que,

como o ar que eu respirava, se o homem entrasse na neblina ele perderia o seu equilíbrio, cairia e morreria.

Corri para a base da ponte para ver se poderia resgatá-lo. Ao chegar lá, pude ver que se colocasse um dos meus pés naquela passarela sem segurança, acabaria totalmente com o equilíbrio do homem. Eu só poderia adverti-lo.

“Pare, senhor!”, eu gritei. “O senhor tem que parar! A neblina está na sua frente”.

O homem virou-se e olhou de relance para mim. Naquele momento uma dor cortante penetrou em minha alma. O homem era o meu próprio irmão Jürgen. Ignorando a minha advertência, ele se virou rapidamente e desapareceu na neblina.

“Jürgen! Jürgen!”, eu exclamei.

Pouco depois ouvi um grito desvanecendo e ecoando sobre mim, enquanto ele caia.

“ ‘ ‘ *Reinhhaaaaard!* ’ ’ .

Eu acordei. Meus lençóis estavam encharcados de suor. O meu coração batia aceleradamente em meu peito. Milhares de sentimentos por meu irmão que estavam enterrados renasceram em meu coração e tomaram conta de mim. Eu queria chorar alto por Jürgen. Eu sabia que ele havia se afastado de Jesus.

“Senhor, o que é isso que eu vi?”, perguntei.

A resposta foi clara e específica: “*Jürgen está na ponte que leva para a eternidade. Se você não advertir o ímpio, vou requerer de suas mãos o sangue dele*”.

Eu descordei: “Senhor, isso não faz sentido. Eu sei que o Jürgen está longe do Senhor, mas como devo adverti-lo uma vez que ele sabe o caminho para a salvação tão bem quanto eu?”. “*Se você não advertir o ímpio, vou requerer de suas mãos o sangue dele*”, novamente me disse o Senhor.

Por que eu questionei a Deus? Eu não sei. Talvez eu tenha reagido como a Virgem Maria quando o anjo Gabriel anunciou que ela teria um bebê. Não fazia sentido para a sua mente natural. Ela disse: “Senhor, como isso vai acontecer uma vez que eu sou uma virgem?”. Isso não é uma questão de incredulidade, mas sim uma questão de como obedecer a Ele melhor.

Da mesma maneira, as instruções do Senhor para mim não faziam sentido. Mas eu sabia muito bem que tudo de bom na minha vida, cada pedaço de produtividade tinha vindo da simples obediência à Sua voz, e não de discussão. Eu comecei a obedecer a Ele quando era um menino com dez anos de idade, e eu nunca tentei melhorar aquele tipo de obediência. Mas, como adulto, eu de vez em quando faço perguntas e eu compartilho isso aqui com você porque, as chances são de que você também as façam. Deus fala e a sua mente natural recusa em seu coração as Suas palavras. É normal perguntar a Ele a respeito disso.

Eu acho que conto acerca dos meus questionamentos com o Senhor por três boas razões: primeiro, porque você precisa saber que nós somos todos iguais; o que é possível para mim é possível para você, tanto para o bem quanto para o mal. Também, porque aprendi que isso é uma lição que não se aprende de uma vez só, já que somos humanos. Todos os dias, nós retornamos à nossa maneira natural de pensar. E finalmente, porque, mesmo tendo discutido, eu sempre

obedecia à voz do Espírito. Na parábola dos dois filhos em Mateus 2, Jesus elogiou o filho que disse “não” ao seu pai, mas que mais tarde reconsiderou e obedeceu. Ele condenou o outro que concordou rapidamente, mas que nunca obedeceu à sua voz.

Essa história revela uma lição importante. Se você não obedeceu à voz calma e tranqüila do Espírito Santo falando ao seu coração, ainda não é tarde demais. Você pode começar hoje, e de novo amanhã, e de novo depois de amanhã. Suas misericórdias se renovam a cada manhã.

As minhas lembranças do Jürgen imediatamente me levaram de volta à nossa infância. Nós éramos dois de seis filhos, nascidos de Hermann e Meta Bonnke. Antes de conhecer ao Senhor, nosso pai havia se tornado um soldado do Exército Alemão, por profissão. Ele servia como um oficial suplente na cidade fortificada de Hitler, chamada Königsberg, no leste da Prússia. Durante aquele tempo, ele ficou fatalmente doente com tuberculose. Em seu desespero, ele buscou ao Senhor, converteu-se e foi curado da doença ao mesmo tempo.

Para ele, nada foi o mesmo novamente. Ele nunca perdeu uma oportunidade de contar às pessoas que Deus o havia salvado e curado. Tudo o que um dia parecia importante tornou-se sem valor diante do conhecimento de Deus. Ele queria deixar o exército e tornar-se um pastor de tempo integral, entretanto, ele era obrigado a terminar sua carreira no Exército Alemão. Nesse meio tempo, ele encontrou meios de servir ao Senhor como um ministro ajudante. Durante esse período, ele conheceu e casou-se com Meta Sheffling, uma organista da igreja vinda de Danzig, cidade hoje conhecida como Gdansk. Isso aconteceu em 1933.

Todos nós, filhos dos Bonnke, nascemos de Hermann e Meta entre 1934 e 1942. Foi um breve espaço de tempo prolífico em seu casamento de apenas oito anos. Nesses anos, nossa família vivia confortavelmente na pequena cidade de Stablack.

As primeiras cinco crianças que nasceram eram meninos. O mais velho era Mardn, então Gerhard e, após ele, um par de gêmeos Peter e Jürgen. A essa altura, mamãe pensou que havia terminado de ter filhos homens. Ela queria uma filha. Treze meses depois eu nasci e minha mãe clamou: *"Por favor, Deus, por que não uma menina?"*. Depois de mim, Deus foi misericordioso e Felicitas nasceu em 1942, a única filha dos Bonnke.

Ao crescemos, da infância à idade adulta, Felicitas e eu servimos ao Senhor. Os outros rejeitaram a fé de nossos pais.

Jürgen, Peter e eu éramos perto em idade e experiência. Lembramos de muitas coisas do mesmo modo. Jürgen tinha quase seis anos e eu, cinco quando fomos forçados a fugir do Leste da Prússia para salvarmos nossas vidas. Felicitas era apenas um bebê. Mamãe fez nossas malas e foi na frente, mostrando o caminho. Nosso pai teve que ficar e fazer o que fosse possível para atrasar o Exército da Rússia, que estava começando a invadir a região, ansioso por se vingar de todos os alemães.

Mamãe orou conosco para que Deus nos desse uma passagem segura para fora da zona de guerra. Após orar, ela garantiu nosso lugar em um caminhão militar de fuga que nos levou através do mar congelado até Gdansk. Nós estávamos sendo bombardeados e metralhados pela Força Aérea Russa no caminho. No dia seguinte à nossa travessia, milhares de outras pessoas foram imersas em um túmulo de gelo atrás de nós, já

que a estrada principal de gelo rompeu-se devido à força da rachadura do degelo acentuada pelas constantes pancadas do exército Russo.

Nós tínhamos, miraculosamente, atravessado por uma estreita janela de segurança. Estávamos horrorizados com o que havia acontecido com os infortunados atrás de nós. Eles também haviam orado? As orações deles não foram respondidas?

Mamãe orava e lia sua Bíblia todos os dias para buscar direção e proteção de Deus. Ela recebia confirmação das Escrituras de que Deus nos preservaria em nossa rota de fuga através do mar. Arrumamos uma passagem para a Dinamarca em um navio de refugiados, mas fomos negados a entrar no último minuto. Aquele navio foi atingido por um torpedo de um submarino Russo e afundou, matando três vezes mais passageiros do que haviam sido mortos no Titanic. Mais uma vez nós havíamos sido poupadados, mas e os mortos? Por que não a gente?

O navio que nós pegamos também foi bombardeado e metralhado no caminho. Eu me lembro de subir no convés e ver um avião russo em chamas caindo do céu em cima de nós. Em certo ponto, fomos balançados por uma enorme explosão ao atingirmos uma mina.

O navio começou a se inclinar terrivelmente para um lado e, então, inexplicavelmente, se endireitou. Nós continuamos até chegarmos a um seguro abrigo na Dinamarca.

Notícias de atrocidades nazistas começaram a chegar da Alemanha. O ódio por todos os alemães começou a crescer. Na Dinamarca, nós não fomos bem recebidos. Por segurança, fomos colocados em um campo de internamento até que nosso

destino fosse decidido. Essa ação nos poupou da morte nas mãos dos aglomerados que procuravam nos matar no amargo restolho da guerra.

Quatro anos depois, fomos repatriados para à Alemanha e, finalmente, reunidos com o papai. Eu tinha nove anos de idade e Jürgen, dez. Ao entrarmos no período de reconstrução da Alemanha, o clã Bonnke, mais uma vez, começou a vida como família. Nós oito dividíamos um único quarto na cidade de Gliickstadt, perto de Hamburgo. Nossa família pode ter sido pobre em bens materiais, mas éramos ricos em fé.

Nosso pai, liberado de suas tarefas militares, tornou-se um pastor de tempo integral. Sua paixão por pregar o Evangelho não terminou na porta da igreja. Os seus seis filhos escutaram todos os seus sermões pregados no curso da vida diária. Deus era coisa séria em nossa casa. Nossa família havia sido poupada ao fugirmos após a Guerra. Aquelas histórias de libertação eram freqüentemente recitadas para instilar em nós o conhecimento do poder e cuidado de Deus.

A princípio, todos os filhos dos Bonnke aceitaram nossa herança no Senhor sem questionamentos. Entregamo-nos completamente à fé de nossos pais. No entanto, à medida em que os anos se passaram, Martin, Gerhard, Peter e Jürgen começaram a questionar a fé da nossa família. Até mesmo as histórias de libertação foram questionadas. Eles encontraram outras maneiras naturais para explicar o nosso escape no final da Guerra.

“Não foi a mão de Deus”, eles diziam, foi chance, sorte, coincidência, destino, qualquer coisa, menos Deus. Eles afirmaram que até mesmo a cura do nosso pai de tuberculose

podia ser explicada em termos da psicologia e sintomas psicossomáticos.

Eu sei que isso é uma história conhecida, pois acontece em muitas famílias na fé. O livro de Juizes 2:12 nos traz uma triste frase acerca da história do povo de Deus, repetida muitas vezes no Velho Testamento: “e deixaram o Senhor, Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito”. Essa palavra tornou-se realidade diante dos meus olhos enquanto Jürgen e eu crescímos. Os meus irmãos mais velhos abandonaram o Senhor. Isso foi dolorido para mim. Mas para os meus pais, posso ver agora, que foi muito mais dolorido.

Minha irmã mais nova Felicitas e eu éramos parte da mesma família e guardamos a fé de nossos pais até que ela se tornou completamente real para nós. O que fez a diferença? Eu não sei, entretanto, há tantas explicações quanto há famílias.

Eu sei que, na Alemanha pós-guerra, houve muita culpa. Tudo que vinha da geração mais velha era criticado. As alegações dos nossos pais acerca do favor milagroso de Deus foram colocadas juntas com as descobertas sobre os campos de morte e outros horrores do tempo da guerra. “Onde estava Deus?”, perguntavam os jovens. “Será que pensávamos que os Bonnke eram Seus favoritos ou qualquer coisa assim?”. “Que bem fez a fé por todos os sem sorte que não escaparam da guerra vivos?”.

Com perguntas como essas, meus irmãos rejeitaram a fé e começaram a adorar o intelecto e a ciência. Eles estavam determinados a nunca cometerem os mesmos erros que a geração mais velha cometera. Eles viam a nossa fé no Senhor como algo facilmente manipulado e, erradamente, pensavam que, usando suas mentes, viveriam vidas superiores. Eles

investiram em escolaridade, enquanto eu comecei a investir nas atividades da igreja do nosso pai. Nossos caminhos foram um para o leste e o outro para o oeste.

Agora eu tinha dez anos de idade. Foi nessa época que eu recebi meu chamado para ser um missionário na África. Ao entrar na minha adolescência, levei esse chamado com toda a seriedade. Meus irmãos, inclusive Jürgen, se viraram contra mim. Eles começaram a desprezar abertamente o meu relacionamento com o Senhor. Isso é coisa de criança, eles diziam. Ridicularizavam esse relacionamento como se fosse algo para os simplórios. Eles me perseguiram como se eu fosse uma espécie inferior dos seres humanos. Essa atitude continuou até que me tornei um adulto.

Os meus irmãos freqüentaram universidades excelentes, aplicaram-se, diligentemente, a dominar suas matérias de escolha no mundo acadêmico. Jürgen tornou-se um engenheiro químico altamente respeitado. Os irmãos Bonnke riam da minha escolha em freqüentar uma humilde Escola Bíblica. Cada um deles, até mesmo Felicitas, que permanecia fiel, ganharam diplomas de doutorado em Medicina e outras ciências, enquanto eu começava os meus primeiros humildes esforços missionários com a Anni em Lesoto na África. Durante aqueles anos, desenvolvendo o ministério, de vez em quando, eu viajava para visitar a minha casa na Alemanha. Mamãe e papai, claro, estavam mais do que orgulhosos de mim. Eles observavam de longe o começo do ministério *ChristforslJSlations*, haviam visitado até mesmo nossas cruzadas na África, e ficaram abismados ao ver os resultados. Mas por muitos anos, os meus irmãos continuaram a ridicularizar o meu trabalho.

O meu coração doía ao ver milhões de decisões por Jesus Cristo ao redor do mundo e ao ir para casa ver que os meus próprios

irmãos ainda continuavam completamente endurecidos para o Evangelho de Jesus.

A casa do Jürgen havia se tornado o lugar que eu menos gostava de visitar. Ele havia se casado com uma secretária, que pensava ser uma pessoa altamente inteligente.

A fé cristã era algo para ser ridicularizada e atacada. Ela permanecia completamente hostil ao Evangelho. Quando eu os visitava, ela tornava-se agressiva, desafiando-me constantemente a responder perguntas acerca do fracasso da fé cristã. Ela me atacava com tanto vigor que deixava o Jürgen envergonhado. Eu podia ver que ele me amava como irmão, mesmo que menosprezasse a minha vida no ministério. Ele podia discordar de mim gentilmente, mas não queria que o conflito se tornasse tão cruel.

Ao visitar a casa do Jürgen, bem como a casa de todos os meus outros irmãos, eu escolhia a abordagem “a palavra branda desvia o furor”. Parei, então, de falar de coisas que eu sabia que exasperariam as suas emoções. Ao invés disso, eu falava de um modo mais geral e gastava mais tempo e esforço escutando. Uma vez que todos nós compartilhávamos da mesma infância cheia do Evangelho, eu cria que deveria ganhá-los com docura e não com confronto. Essa abordagem havia produzido algum fruto.

Meus irmãos e eu, incluindo Jürgen e sua esposa, estávamos juntos em meados dos anos 80 para uma reunião de família. Nós nos assentávamos todos os dias ao redor de uma mesa longa na hora da refeição e conversávamos.

Creio ter sido o meu irmão Martin que começara essa conversa em particular. Ele é o meu irmão mais velho e é doutor em

Química. Disse que, graças a mim, o nome Bonnke estava por todo lado nos jornais da Alemanha e que repórteres voavam para as minhas cruzadas ao redor do mundo para trazer relatório de volta para a Alemanha a respeito do que estava acontecendo. Os seus relatórios incluíam alguns relatos fantásticos de curas milagrosas. Ele disse que isso havia criado um problema para ele. O nome Bonnke era raro na Alemanha e agora pessoas estavam ligando para ele pensando que ele fosse eu.

“Como você sabe”, disse ele, “o meu nome está na lista de telefone da área de Frankfurt. Recentemente o meu telefone tocou”.

“Dr. Bonnke?”. Era uma voz de mulher.

Eu disse: “Sim, eu sou o Dr. Bonnke”.

Ela disse: “Dr. Bonnke, eu estou com câncer. Cure-me! O senhor poderia, por favor, me curar?”.

Eu disse: “Senhora, eu não posso curar ninguém, eu não sou um médico. Sou um Químico. Eu posso fazer remédios, mas não posso curar ninguém”.

Ela disse: “O seu nome é Bonnke? B-o-n-n-k-e?”.

Eu disse: “Sim, Bonnke”.

Ela disse: “Se você é o Bonnke, me cure! Por favor!”.

Eu disse: “Senhora, você está procurando por meu irmão Reinhard. Mas deixe-me dizer-lhe algo: ele também não cura ninguém. Jesus cura”.

Eu não pude conter meu riso: “Ó, Martin”, eu respondi, “agora você está pregando o Evangelho?”.

Foi um momento e tanto. A história do meu irmão havia quebrado e muito aquela velha tensão. Foi bom saber que ele estava achando uma maneira de me reconhecer na frente dos outros.

Mas o Martin ainda não havia terminado. Ele, então, disse que tinha um aviso para fazer. Disse que ele e os irmãos haviam avaliado a vida de todos os filhos Bonnke, e entre eles, haviam me eleito “o melhor cavalo do estábulo” e rapidamente acrescentou que essa honra era estritamente acerca do meu impacto no mundo, não por isso ser bom ou ruim.

Mesmo assim, esse foi um grande passo. Eles haviam, por muitos anos, ridicularizado todas as coisas que agora haviam feito de mim, em suas próprias palavras, “o melhor cavalo do estábulo”.

Isso me deu esperança de que um dia talvez eles tomassem o próximo passo e reconhecessem que a minha vida tinha impacto por causa de Jesus Cristo, e por nenhum outro motivo, e que, mais uma vez, eles aceitassem o Seu Senhorio em suas vidas. Por meio desse gesto, pude ver que a animosidade entre nós havia sido substituída por um afeto real, mesmo que nós não compartilhássemos da mesma fé viva.

Então, após acordar do meu sonho sobre o Jürgen, eu apresentei para o Senhor esse caso: “Senhor, o Senhor vê o progresso que fizemos com ternura e não com sermões? Por que o Senhor agora está me dizendo: ‘Se você não advertir o ímpio, Eu requererei o sangue dele de suas mãos?’ . O que o Senhor quer dizer? Eu devo pregar para ele o sermão que ele já ouviu

milhares de vezes? Ele vai aprender alguma coisa se eu agora lhe disser que ele é um pecador destinado ao Inferno? Eu não entendo”.

O Senhor me respondeu: “*Escreva uma carta para ele e lhe conte o que você viu no sonho* ”.

Tudo isso parecia como se Deus estivesse falando comigo. “Eu o farei, Senhor”, eu disse. Virei-me na cama e voltei a dormir.

O ano era 1985. Nesse tempo, em meu ministério, eu tinha começado a planejar mover *Christ for All Nations* de Johannesburgo para Frankfurt. Era uma mudança enorme. Nós perderíamos a maioria do apoio de oração e cooperadores que ganhamos na África do Sul em mais de uma década de ministério lá. Deus havia alargado o rio do *Christ for All Nations* através desse povo para que tivéssemos flexibilidade. Essa mudança parecia que iria estreitar nosso canal novamente, justo quando precisávamos nos lançar e fazer coisas maiores para Deus. Eu estava confiante de que O havia escutado corretamente. Muitas confirmações já haviam acontecido.

Uma coisa é certa, a política do “*Apartheid*” na África do Sul havia se tornado um risco para o nosso trabalho. Alguns países estavam trabalhando contra nós por causa disso. Estábamos sendo pintados com o pincel do racismo simplesmente por causa do nosso endereço. O Senhor me mostrou que um passaporte alemão permitiria que o meu time se movesse livremente em países que, diplomaticamente, opunham-se a nós naquela época. A direção de Deus, como sempre, é mais do que estratégica. Fico maravilhado ao olhar para trás e ver isso.

Então, ao me levantar da cama para começar o meu dia, continuei com o intenso planejamento para essa grande

mudança para a Alemanha. No meio do meu trabalho, escutei a voz do Espírito claramente em meu coração: “*Você não escreveu a carta. Vou requerer o sangue dele de suas mãos*”.

Eu parei com tudo. Escrevi aquela carta contando para o Jürgen o que eu tinha visto no sonho. Enviei a carta e não recebi uma resposta. Continuei a vida e esqueci a respeito disso.

Mudamo-nos para a Alemanha. A Anni e eu arrumamos nossa nova residência para receber os nossos filhos em uma visita da universidade. Havíamos preparado um jantar para recebê-los. Assim que estávamos nos sentando para comer, entregaram uma carta endereçada a mim por Jürgen.

Eu a abri e li:

Querido Reinhard,

"Minha esposa me deixou. O meu melhor amigo morreu de câncer. Eu estava tão frustrado que pensei que não valia a pena viver. Queria me matar, mas à noite, eu tive um sonho. Eu estava caminhando em uma ponte. Ela não tinha corrimão e eu caí, gritando. Eu acordei suando, com medo.

Pulei da cama e disse: Deus todo-poderoso, o Senhor sabe que eu não acredito em Ti, mas eu tenho um irmão que serve o Senhor. Se o Senhor falou comigo através desse sonho, fale comigo através do Reinhard'. Algum tempo depois a sua carta chegou. O seu sonho era o meu sonho. Entreguei a minha vida a Jesus e Ele me perdoou de todos os meus pecados. "

Até mesmo na frente dos meus filhos, eu me quebrantei e chorei como um bebê. Não pude me conter e ninguém conseguia comer por um tempo depois disso. Esse tipo de coisa faz a minha alma prostrar-se e deixa-me sem palavras diante do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Os laços que unem uma família, certamente devem significar mais no Espírito do que podemos entender na carne. Deus pode nos ligar apesar de estarmos a 5.000 milhas de distância, nos fazendo sonhar o mesmo sonho. Isso é muito mais do que coincidência. Deus falou comigo com voz baixa e calma. E se eu tivesse negligenciado Suas instruções para escrever o sonho para o meu irmão? Essa história é outra ilustração de Suas infinitas maneiras de buscar e salvar o perdido. Ah, como Ele ama a você e a mim.

Hoje, meu irmão Jürgen é salvo, mas também é um homem quebrantado. Sua saúde se foi e suas habilidades mentais quase desapareceram. Ele fica deitado num asilo, recebendo cuidados dia e noite. Mas em breve, talvez até você ler essa história, ele estará face a face com o Senhor, que todos nós ansiamos ver.

Eu estou tão feliz.



*Essa história revela uma lição importante.
Se você não obedeceu à voz baixa e calma
do Espírito Santo falando em
seu coração, ainda não é tarde demais.
Você pode começar hoje,
e amanhã de novo, e novamente depois
de amanhã. As Suas misericórdias
se renovam a cada manhã.*

CAPÍTULO 7

A COVA DOS LEÕES

Eu cheguei de avião em Kano, Nigéria, em 1991. As reuniões evangelísticas começariam em dois dias. Peter van den Berg, o diretor do meu ministério, e o evangelista Brent Urbanowicz, um dos meus futuros genros, voaram comigo. No aeroporto, descemos a escada do avião e encontramo-nos com o comitê patrocinador de pastores locais.

John Darku, o diretor da campanha evangelística, parecia preocupado. Ele me levou para o lado e disse: “Reinhard, você não pode ir para o terminal. Há atiradores que juraram matar você”.

Eu olhei para o terminal e pude ver soldados armados em pé perto das janelas.

“Vocês têm certeza disso?”, perguntei.

“Temos”.

Eu pensava que o John talvez estivesse exagerando. Talvez houvesse tido ameaças e ele estivesse dando um passo a mais. Mesmo assim, eu admirei a precaução dele. A minha preocupação principal, nesse caso, não era comigo. Eu já havia pregado sob ameaças de morte antes. Ao invés disso, senti-me terrivelmente responsável pelos cooperadores convidados dos Estados Unidos e Europa que chegariam em questão de horas. Eles estavam vindo para presenciar as maiores multidões já vistas na história das cruzadas do Christ for All Nations. Para o quê eu os havia trazido?

“Os atiradores terão que passar pelos soldados”, eu argumentei.

“Isso não será problema pra eles”, John respondeu. “Alguns dos soldados são mulçumanos. Com certeza eles vão poder contar com a cooperação deles”.

“Tudo bem, John. O que devemos fazer?”.

Uma fileira de carros e motoristas se aproximou do meio fio ao nosso lado. Obviamente um plano estava a caminho.

“O governo organizou o processamento do seu passaporte por canais não convencionais”, ele explicou. “As autoridades do aeroporto querem que você saia por meio de uma entrada secreta”.

Eu concordei, balançando a minha cabeça.

Nós três fomos rapidamente colocados em veículos separados. Eu fui colocado no carro da frente e o meu motorista acelerou rapidamente através da pista alcatroada do aeroporto. Os outros seguiram de perto. Os carros foram por trás de um hangar e, de repente, pararam. Os motoristas pularam de dentro do carro. Eles me pegaram do meu assento e com rapidez me trocaram com o Brent, que estava em um carro de trilha. Nós, então, saímos novamente.

“Por que você fez isso?”, eu perguntei.

“Os atiradores talvez não saibam como você é. Nós pensamos que, pelo menos, os confundiríamos”.

Ao acelerarmos, fiquei imaginando se o Brent entendeu que havia acabado de ser colocado como isca para os atiradores

que procuravam por mim. Tenho certeza de que ele não se alistou para esta tarefa ao pedir a minha filha em casamento.

Saímos da área do aeroporto e começamos a dirigir em uma rota errática por entre ruas pequenas e estreitas. Já era quase noite quando chegamos à casa que alugamos. Desfizemos as malas e nos acomodamos. Pelo telefone, e por meio de um transmissor-receptor portátil, minha equipe monitorava a chegada de todos os nossos convidados americanos e europeus. Grupo a grupo, eles conseguiram chegar até as suas acomodações em Kano sem que nenhum incidente ocorresse.

Eu escutava as notícias locais no rádio acerca da inquietação mulçumana com relação à nossa visita. Eu pensava que, por trás de toda discussão, eles estavam realmente irritados por saber que muitos mulçumanos se achegariam a Cristo em nossas reuniões, como eles haviam feito um ano antes em Kaduna. Nós então oramos a respeito disso, entregando nas mãos de Deus nossas vidas e a vida de cada um associado à cruzada.

Ao nos preparamos para irmos dormir, eu disse ao Brent: “Você passou no teste”.

“Que teste?”, ele perguntou.

“Você pode se casar com a minha filha”.

Ele parou por um momento e, então, riu. “Haverá mais testes como este?”.

“Eu oro para que não”, eu respondi.

Eu estava deitado no escuro, mas o sono não vinha. A distância, escutei o gemido persistente de um muezim chamando os

mulçumanos fiéis para orar. Será que eu realmente escutei? Ou eu agora estava imaginando coisas? Eu orei silenciosamente: Senhor, o meu zelo em alcançar a Nigéria me cegou? Eu agi sem sabedoria? Eu trouxe essas pessoas inocentes para o perigo. Senhor, protege-os.

Eu era zeloso pela Nigéria. Era a moradia de mais pessoas do que qualquer outra nação africana. Com uma população de 140 milhões de pessoas, classifica-se como um dos dez países mais populosos do planeta. Você não consegue imaginar quantas pessoas vivem nestas cidades espalhadas nas dez regiões geográficas desse pedaço de terra, estendendo-se desde o Golfo da Guiné, ao norte e leste, até o Lago Tchade. Essa é a própria essência dos sonhos desse evangelista.

No entanto, cerca da metade das pessoas na Nigéria são mulçumanas. A maioria delas vive concentradas no norte. O evangelismo cristão entre os mulçumanos é proibido. Por outro lado, os mulçumanos buscam converter “infiéis”, inclusive os cristãos evangélicos. Entre as crenças cristãs e mulçumanas, o objeto fabuloso impassível encontra a força que não se pode impedir. Algo tem que ceder. Eu digo aos meus amigos mulçumanos que Jesus morreu pelos mulçumanos, pagãos e cristãos. Eu proclamo o Evangelho e deixo o resto com o Espírito Santo. Entretanto, nos dias de hoje, o mundo mulçumano apresenta um desafio hostil a todos nós do Corpo de Cristo.

A fim de seguir a visão de Deus de uma África lavada no sangue de Jesus, eu sabia que mais cedo ou mais tarde o Christ for Ali Nations teria que penetrar as fortalezas mulçumanas na parte norte do continente africano, inclusive o Sudão, Líbia, Marrocos, Algéria, Chade e Egito. Por este motivo, a parte norte da Nigéria representava um estudo de caso para nós. Era o local do tipo

Ao invés de pularmos de uma vez no lado mais fundo da piscina, começamos na parte mais rasa, por assim dizer. Eu creio que Deus fez com que o menino Davi enfrentasse um leão e um urso antes que se deparasse com o Golias de Gate. Foi nesse espírito que nós realizamos a nossa primeira cruzada na Nigéria em 1985, na cidade sulista de Ibadan. Foi uma cruzada maravilhosa e nós fomos grandemente encorajados. Nos quatro anos seguintes, prosseguimos com uma série de reuniões nas cidades de Lagos, Onitsha, Aba, Porto Harcourt, Enugu e Warri - todas localizadas na faixa costeira ao longo do Golfo da Guiné. Perto do final de 1989, aventuramo-nos a ir ao grande platô central do país, na cidade mulçumana de Jos.

A reunião foi boa, mas podíamos sentir a tensão religiosa aumentar à medida que a nossa equipe ficou em pé, parada, olhando em direção à cidade de Kano. Era uma cidade mulçumana santa, uma fortaleza cercada por muros nos tempos antigos, construída por escravos.

Eu parei aqui e respirei bem fundo. Nós prosseguiríamos com cautela. Os membros da minha equipe concordavam que nós deveríamos testar as águas mais uma vez. Nós primeiro experimentaríamos fazer uma cruzada em uma fortaleza mulçumana mais branda antes de entrarmos em Kano. Então, em 1990, marcamos uma cruzada na cidade de Kaduna. A população de Kaduna era quase 70% mulçumana. Esse foi um imenso passo de fé que resultou no maior romper de barreiras que havíamos visto.

O tamanho da multidão que nos recebeu em Kaduna foi de tirar o fôlego. Pela primeira vez na minha vida eu vi uma

multidão de meio milhão de pessoas. Todo o meu prévio pensamento de usar a maior tenda do mundo, capaz de sentar 34.000 pessoas, tornou-se completamente inútil diante dessa massa humana. E pareceu-me significante vermos isso acontecer primeiramente em tão disputado solo mulçumano.

A nossa equipe sentiu uma enorme responsabilidade de entregar uma mensagem clara para cada alma participante. Os nossos técnicos já haviam preparado estratégias para fazer a minha voz efetiva para tal multidão. Em minha experiência, sabíamos que não poderíamos permitir um evento importante como este ficar à mercê do poder da população local. Nós trouxemos geradores para as luzes, som, computadores e qualquer outro equipamento essencial. Tampouco confiamos na meteorologia local. Uma pequena estação meteorológica foi montada para monitorar a umidade, o vento, o pólen, o ozônio e qualquer condição atmosférica que pudesse afetar o ouvir da Palavra. Essa informação era, constantemente, atualizada em um computador que ajustaria o sistema transmissor das caixas de som pelo campo de vinte e cinco acres da cruzada.

Tudo funcionou de modo fantástico. Deus rompeu as barreiras. Vimos milagres de curas para confirmar a pregação. Centenas de milhares de mulçumanos converteram-se ao Senhor. No palanque atrás de mim, os pastores cristãos que patrocinaram a cruzada naquela cidade estavam chorando de alegria. O sucesso do culto parecia essencial. Agora me parecia que uma cultura mulçumana dominante não seria uma barreira impossível para a promessa de Deus de que a África seria salva. Eu pedi à minha comitiva que marcasse uma cruzada para o ano seguinte em Kano.

À medida que o planejamento se desenrolava, eu entusiasticamente convidei cooperadores e amigos na Europa

e nos Estados Unidos para participar conosco. Eu esperava que as multidões em Kano fossem infinitamente maiores do que as que havíamos visto em Kaduna. Alguém havia profetizado para mim nos anos 80, quando estávamos vendendo multidões de 200.000 pessoas, que um dia nós veríamos 1.000.000 de almas em uma única reunião. Isso me parecia impensável naquela época. Após Kaduna, eu sabia que essa havia sido uma profecia verdadeira e que, pela graça de Deus, nós em breve veríamos o seu cumprimento. Eu pensei que talvez aconteceria agora em Kano. Eu queria compartilhar essa fantástica experiência com aqueles que tanto nos haviam apoiado e por tanto tempo.

Entretanto, nós experimentamos a nossa primeira dificuldade quando escolhemos uma área pública ao ar livre para as reuniões. No último minuto, um mulá local, um professor religioso mulçumano, declarou que aquela era uma área santa. Não compreendemos a conexão, mas, a fim de não ofendê-lo, concordamos em procurar um outro local.

Percebendo que talvez enfrentaríamos mais contratemplos, tomamos precauções. Ao invés de reservarmos quartos de hotel para mim e outros membros de alto escalão de nossa equipe, nós, secretamente, alugamos casas de hóspedes em áreas ao redor da cidade. Fizemos isso para os cooperadores europeus e também americanos que havíamos convidado; uma ação que estava começando a parecer ser divinamente inspirada.

Em tempo, nosso comitê da cruzada em Kano encontrou um estabelecimento católico que aceitou receber as nossas reuniões. Eles deram permissão para montar nosso palanque, geradores, luzes e equipamento de som em uma ampla área ao ar livre dentro da sua delimitada propriedade. Nenhuma declaração mulçumana poderia ser feita contra essa terra, uma vez que,

por décadas, havia sido claramente um encrave cristão. Nós ainda enfrentávamos o problema de termos toda a publicidade da cruzada, já enviada por carta para toda a cidade, direcionando o trânsito para o local onde não mais iríamos realizar as reuniões. Nós solucionaríamos aquele problema enviando líderes locais para redirecionar as multidões para o novo local. Se a publicidade funcionasse como sempre, Deus realizaria curas milagrosas que chegariam às manchetes locais, e as pessoas famintas espiritualmente em Kano nos achariam em números recordes.

Eu estava agora acordado em minha cama, imaginando se todo esse planejamento e pensamento havia, de alguma forma, errado o alvo. Mas, mesmo assim, eu sabia que Deus tinha uma visão mais ampla das nossas adversidades presentes do que qualquer um de nós jamais teria. Eu fui dormir nessa confiança, deixando nossa situação em Suas mãos onipotentes.

Na manhã seguinte, após nossa devocional, disse aos homens que eu gostaria de dirigir pela cidade como eu normalmente faço. Eu queria ver com meus próprios olhos o povo de Kano. Quando eu prego em um novo local preciso sentir a atmosfera. Preciso ver as atividades locais; isso me ajuda a ter uma idéia da cidade.

Nós pegamos um carro e Peter e Brent foram comigo. Ao dirigirmos, notei muito mais mesquitas do que igrejas em Kano. Durante o nosso tour, passamos pelo palácio local de Emir. Emir não é um líder religioso, ele é o líder político mulçumano de uma região. Do lado de fora do palácio dele, vimos uma multidão de milhares de homens jovens vestidos com vestes brancas. Eles haviam bloqueado a rua. Dirigimos bem devagar até eles, e eles se dividiram como o Mar Vermelho para que nós passássemos. Muitos deles se curvaram e olharam

atentamente para dentro do carro à medida que o carro passava pela multidão. Notei que todos os homens jovens pareciam estar com muita raiva, mas nós atravessamos sem nenhum incidente.

Ao meio dia chegamos de volta em nossa casa. Nossa anfitrião nos recebeu apertando suas mãos. “Kano está pegando fogo”, disse ele. “Uma comoção mulçumana se tornou violenta”.

Olhamos para trás em direção à cidade e podíamos ver colunas de fumaça subindo. Relatos chegaram a nós de que os homens jovens que havíamos visto no palácio do Emir acabavam de vir de uma mesquita onde um mulá lhes havia dito: “Bonnke não pode ter permissão de pregar na cidade santa de Kano”.

Como é que eles não nos perceberam? Nós havíamos dirigido direto no meio deles. Será que o Espírito Santo simplesmente os cegou? Se um daqueles jovens tivesse reconhecido o meu rosto, teríamos sido arrancados do carro e mortos ali mesmo. A cidade estava coberta com os nossos cartazes da cruzada. Minha foto estava exposta de forma proeminente por todo lugar. Como é que nós escapamos? Não conseguindo encontrar-me, o tumulto começou a ter como alvo as igrejas cristãs, residências, comércios e pedestres.

Na manhã seguinte, John Darku chegou à nossa casa com um oficial veterano da Força Aérea. O oficial disse: “O governador declarou estado de emergência. O senhor tem que fazer as malas e sair agora”.

“Para onde nós iremos?”, indaguei.

“Eu arrumei tudo para levá-lo para outro lugar”, disse John. “O aeroporto está lotado de desordeiros. Eles estão tentando

impedir sua rota de escape. Não podemos voltar para lá. Eles estão chegando perto demais dessa casa e você foi visto nessa vizinhança. Não será seguro permanecer aqui”.

“Quanto tempo nós temos?”, perguntei.

“Cinco minutos”, o oficial da Força Aérea disse. Ele parecia genuinamente amedrontado. “Pegue suas coisas. Nós temos que ir agora!”.

John nos levou de carro para outra casa, que pertencia a uma preciosa mulher cristã. Ao chegarmos lá, os filhos dela estavam vigiando. Eles vieram e nos contaram que haviam visto desordeiros mulçumanos a poucos quarteirões de lá.

“John”, eu disse, “nós não podemos ficar aqui. Eles vão vasculhar casa por casa me procurando. Eu não posso suportar a idéia de colocar essa mulher e seus filhos em tal perigo”.

John concordou. Ele nos levou em outra jornada altamente acelerada através de ruas estreitas. Chegamos à casa de um homem de negócios. Ele deve ter sido um cara muito corajoso para permitir que ficássemos em sua casa naquela noite.

Do telhado da casa, podíamos ver o reflexo do fogo movendo-se rapidamente através do céu à noite. Podiam-se ouvir explosões à medida que postos de gasolina pegavam fogo, formando nuvens gigantes de fumaça preta no ar. Tiros ocasionais causavam um estrondo na escuridão. Nós estávamos fora da vista deles, mas dificilmente removidos da zona de perigo. A cidade inteira estava sendo saqueada em uma busca louca por mim. Naquela noite, no jornal, ouvimos que o governo havia fechado o espaço aéreo sobre Kano. Isso me deixou por entender. O que eles sabiam? Os mulçumanos

fanáticos estavam planejando usar aviões de transporte de civis contra nós? Ou alguns dos próprios pilotos da Força Aérea estavam envolvidos em uma conspiração? Eu ordenei que a cruzada planejada para o dia seguinte não acontecesse.

Na manhã seguinte, mandei uma mensagem para que a minha equipe se reunisse onde eu estava para orar. Nós decidiríamos o que fazer em seguida. O nosso povo veio, mas contaram-nos que, ao se dirigirem para a reunião, viram corpos de pessoas mortas e destroços queimados alastrados pelas ruas. Centenas estavam morrendo. O tumulto estava totalmente fora de controle. A polícia local não foi capaz de contê-los. Os cristãos eram mortos ao serem encontrados.

O oficial da base da Força Aérea veio até o estabelecimento onde estávamos. Ele nos contou que o exército estava evacuando o aeroporto, tentando fazê-lo seguro para que pudéssemos sair. Eles providenciariam uma evacuação aérea de emergência. Ele nos advertiu a sair o mais rápido que pudéssemos. “Eles são como formigas”, disse ele. “Estão se aglomerando por onde quer que vão. Se eles encontrarem este lugar, virão em breve transbordando sobre esta propriedade”.

Pedi que todos os nossos convidados dos Estados Unidos e Europa pudessem ir embora primeiro. O oficial militar discordou. Ele me persuadiu dizendo que, uma vez que era o alvo dessa violência, deveria ir embora primeiro. Se a notícia espalhasse de que eu havia ido embora, o tumulto talvez se acalmasse e se dispersasse. Outros estariam em menos perigo ao serem tirados daqui por via aérea.

“Quanto mais você ficar, mais essa violência vai continuar”, ele disse.

Eu concordei em cooperar. Considerando que o aeroporto estava seguro, eles me acompanharia até um avião e anunciariam no jornal da televisão que eu havia ido embora. Eu pedi que todos os membros da minha equipe ficassem no estabelecimento e fossem comigo nessa evacuação. Parecia ser a única coisa que podia ser feita.

Ao esperarmos notícias do aeroporto, fui caminhar ao redor do terreno. Um sentimento de tristeza veio sobre mim. Todos os eventos em Kano se tornaram evidentemente reais. Cristãos estavam morrendo porque eu viera a esta cidade. No entanto, não — era muito mais que isso, Kano estava em chamas por causa do Evangelho de Jesus Cristo. “Se o mundo vos odeia”, Jesus disse em João 15:18, - “sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim”.

Olhei para a rua, imaginando o tumulto aglomerando-se em nossa direção. “O que eu vou fazer, Senhor, se eles aparecerem de repente, exigindo Reinhard Bonnke?”.

Em apenas um momento, soube a resposta e senti Sua paz repousar sobre mim.

Peter van den Berg caminhou para junto de mim.

“Peter”, eu disse, “se aquele tumulto aparecer antes que eles consigam fazer com que o aeroporto esteja seguro, eu me entregarei a eles. Quero que você saiba disso”.

“Eu não vou deixar você se entregar”.

“Você tem que deixar. Eu me identificarei como Reinhard Bonnke, um evangelista do Senhor Jesus e me entregarei a eles. Talvez isso salve os outros. A minha vida pertence a Ele”.

“Se eles aparecerem”, disse Peter, “eu vou pegar você e arrastar até aquele telhado ali. Nós dois pegaremos as telhas e lutaremos com eles até o último homem; isso é o que nós faremos!”.

Eu sorri para ele. Peter era um lutador. Havíamos passado por muitas aventuras juntos na busca de uma África lavada no sangue de Jesus. Eu o conhecia o suficiente para saber que ele realmente quis dizer o que disse. E ele me conhecia bem o suficiente para saber que eu também quis dizer o que eu disse - força que não se move e objeto que não se impede. Nós não falamos mais nada só voltamos para dentro da casa.

Nessa hora, Winfried Wendand, o predecessor da minha equipe encarregada de organizar o local da cruzada, se aproximou de mim. Sua esposa, Gabrielle, estava do seu lado. Winfried é um homem intenso e concentrado, um antigo soldado alemão de estrutura magra, mas resistente. Gabrielle, chamada de “Gaby”, é como ele. Se duas pessoas pudessem ver o fogo real no meio da fumaça de Kano, a missão de salvar almas, eram esses dois. Eles estavam comigo por doze anos na África.

“Gaby e eu acreditamos que devemos ficar aqui para levar o equipamento para casa”, disse Winfried.

As palavras dele me acertaram como tiros. Considerando o modo com que os eventos haviam saído fora de controle, isso estava fora de cogitação. Eu olhei para a Gaby, em seu nono mês de gravidez e simplesmente não podia acreditar no que estava ouvindo.

“Equipamento pode ser substituído, Winfried”, eu disse, “você e sua família não. Eu não vou nem pensar nisso”.

“Reinhard, eu tenho cinqüenta homens no estabelecimento. É meu treino como oficial não deixar ninguém para trás. Além disso, eles já arriscaram as suas vidas. Preciso terminar o que nós começamos juntos”.

Eu apreciei o argumento dele, mas não me convenceu. Os cinqüenta homens eram voluntários locais que ele havia recrutado, e agora supervisionados, na montagem do terreno da cruzada. Eu balancei a minha cabeça: “você pode enviar uma mensagem para os homens dizendo que você voltará quando a hostilidade terminar. Só isso faz sentido. Eles com certeza entenderão. Quero que você e a Gaby fiquem conosco na evacuação”.

“Reinhard”, ele continuou, “A Gaby, as crianças e eu oramos juntos por isso. Nós ouvimos de Deus e Ele nos deu perfeita paz. Olhe para nós, estamos em paz. Quer vivamos ou morramos, Deus nos conduzirá. Por favor, não nos mande desobedecer ao Senhor”.

Diante disso, eu não tive argumentos. “Eu terei que pensar a respeito”, eu disse e saí andando, perturbado demais para continuar. Ambos Winfried e eu sabíamos qual seria a minha resposta; e eu não queria contemplá-la.

Mas eu sou humano e tinha perguntas. Se Deus havia falado com os Wentlands, o que Ele tinha em mente? Eu não queria acreditar que Deus faria menos por nós do que Ele havia feito ao dirigirmos pelo tumulto no palácio do Emir. Entretanto, eu não podia ter certeza disso.

Ao servir a nossa equipe de cruzada, Winfried e Gaby viveram uma vida de aventura e risco todos os dias. Mesmo assim, eles eram uma família e insistiam em fazer tudo juntos, inclusive as

crianças. Tê-los em minha equipe me fez sentir abençoado pelo Senhor. Mas eu nunca teria pedido que eles retirassem o nosso equipamento de Kano debaixo dessas circunstâncias.

Eu comecei a orar. Senhor, dizem que o sangue dos mártires é a semente da igreja. Agora mesmo, eu não quis crer nisso. Nas Escrituras eu leio que a Sua Palavra é a semente. Jesus era o Verbo (Palavra) que se fez carne. Ele era a semente que caiu no chão e morreu; e Tu o ressuscitaste de novo, vitorioso sobre a morte. Senhor, deixe-nos produzir o fruto da Sua ressurreição em Kano. Deixe que o Seu Evangelho prevaleça e proteja Winfried e Gaby, e todos os que vieram servir-Te nessa cruzada.

Eu sabia que há uma semana atrás, Winfried havia dirigido nossa cruzada em uma carreta de dezoito rodas desde a sua casa em Lagos na Nigéria até Kano. Isso é o mesmo que dirigir setecentas milhas de Denver até Dallas em uma travessa de terra. As estradas africanas não são para os desanimados. O caminhão está equipado com tração nas seis rodas por uma boa razão. Gaby o havia acompanhado, como sempre fazia, dirigindo o seu

Land Rover em um comboio. Os filhos deles, Simon e Angelina, cujas respectivas idades são nove e cinco, tinham vindo juntos.

De repente, pude imaginá-los na estrada. O trailer que ele dirigia era uma propaganda rolante de uma África lavada no Sangue de Jesus. O trailer era vermelho, cor de sangue, com letras imensas ao lado soletrando: J-E-S-U-S. Com certeza havia criado um alvoroço nas vizinhanças mulçumanas no decorrer de sua rota. Eu comecei a desejar ter pintado ele de branco puro sem nenhum emblema qualquer que fosse.

Olhando para esses eventos pelo lado de fora parecia que Winfried e Gaby eram excessivamente aventureiros. Para alguns, eles, sem dúvida, pareceriam irresponsáveis. Mas isso não é verdade. Eles são cristãos comuns que estão atendendo ao desafio de seguir a Jesus, que sabem o que qualquer um de nós seria capacitado a fazer simplesmente por ouvir e obedecer ao Senhor, subjugando os seus temores.

Como Winfried explica, eles consideravam a missão em Kano rotina. A família havia compartilhado igualmente do chamado dele desde o princípio. Até o tempo dessa história, eles já conheciam bem a África e seus perigos. Eles haviam visto conflitos violentos em outras cidades onde haviam servido. Algumas cruzadas foram realizadas em zonas ativas de guerra. Eles sabiam como tomar precauções, mas também não tinham muitas ilusões, uma vez que sabiam que muitos dos fatores de segurança permaneciam fora de controle. Esses fatores tinham que ser deixados nas mãos de Deus.

No primeiro dia do tumulto, Winfried havia visto a fumaça do seu quarto no hotel. Ele havia pegado uma moto e corrido para o estabelecimento católico onde o palanque da cruzada havia sido montado. No lado de dentro, ele encontrou a equipe de cinqüenta homens cristãos que ele havia recrutado nas igrejas locais. Eles estavam preocupados, mas estavam agindo de modo a proteger o equipamento a ser usado na cruzada. Eles haviam fechado e trancado os portões no perímetro e colocaram homens estrategicamente posicionados para vigiar por todo lado e adverti-los caso o tumulto se aproximasse.

De fato, o tumulto chegou logo depois. Dentro do campo de visão do palanque da cruzada ficava um posto de gasolina que tinha dez bombas. As pessoas no tumulto o atacaram. Uma enorme bola de fogo foi lançada para o alto. O posto inteiro

começou a explodir e queimar. Uma fumaça preta envolveu toda a área.

Os voluntários cristãos convenceram Winfried a passar a noite no hotel onde ele estava hospedado. Considerando que a multidão estava à procura do Bonnke, qualquer homem branco visto no estabelecimento poderia atrair o tumulto para dentro. Eles garantiram para ele que vigiariam por toda a noite. Esta havia sido, até o momento, a experiência do Winfried acerca da situação em Kano.

Nesse momento, na casa onde minha equipe esperava, o oficial da Força Aérea chegou para nos avisar que havia vários ônibus se aproximando para nos levar ao aeroporto. Eu sabia desde o começo que eu não pediria ao Winfried que desobedecesse qualquer coisa que ele ouvira de Deus. Eu chamei a ele e à sua esposa para se juntarem a mim para um período de oração. Eu impus minhas mãos sobre eles e orei pedindo que Deus os protegesse. Eu orei especialmente por Gaby e pela criança em seu ventre. Eu pedi a Deus que ordenasse os Seus anjos para guiá-los e protegê-los até que eles chegassem novamente em sua casa em Lagos.

Ao terminar de orar, senti-me entristecido novamente. Eu verdadeiramente temi tê-los visto pela última vez. Os cristãos estavam sendo perseguidos e mortos nas ruas de Kano. Agora Winfried viajaria naquelas ruas levando um grande trailer vermelho, cor de sangue, com a palavra J-E-S-U-S soletrada com letras maiúsculas no lado. Isso seria como andar em uma zona de guerra envolto na bandeira do inimigo. Para mim, isso parecia ser um chamado ao martírio.

Naquele dia, a fim de retomar o controle da cidade novamente, a polícia local e os militares anunciaram um toque de recolher, com direito a atirar, das 6 horas da tarde até 6 horas da manhã.

Quando o toque de recolher já estava em curso, nossa retirada começou. Entramos em um comboio de ônibus militares, onde em cada janela havia um soldado.

Os canos das metralhadoras apontavam em todas as direções. Ao entrarmos nos veículos, sentimo-nos aliviados por ver que todos os nossos convidados, Americanos e Europeus, também haviam embarcado. Toda nossa equipe da cruzada estava lá, com exceção de Winfried e Gaby. Voamos para o aeroporto e logo estávamos indo embora nos jatos de resgate, respirando com mais facilidade.

Pensei em Winfried e sua família que ficaram. Como poderiam encarar o que enfrentariam por sua decisão de obedecer ao Senhor? Eu os conhecia o suficiente para saber que a resposta a esta pergunta era simples. Embora estivessem na folha de pagamento do ministério, eles nunca tinham trabalhado estritamente para mim. Ninguém além de Deus os teria dirigido a fazer esta decisão. Eles estavam obedecendo. Pessoas em obediência ao Senhor não se preocupam, e não precisam saber das consequências antes de se comprometerem. Eles encarariam Kano como qualquer um de nós faria - um momento de cada vez. Sem ter ansiedade quanto ao futuro, eles poderiam dar um passo de cada vez até a chegada deles — ou na sua casa terrena ou na sua casa celestial.

Antes de partirmos, havia planos para que um contingente de soldados guardasse o composto católico, enquanto Winfried dirigia seus homens fazia toda a desmontagem e empacotamento do nosso equipamento da cruzada. Naquela noite ele voltou com sua família para o hotel. Na manhã seguinte, às 6 horas, terminou o toque de recolher, e irrompeu a pior de todas as violências. Aparentemente minha saída da cidade não aplacou a fúria de ninguém, pelo contrário, parece

que foi jogado fogo na fornalha. Eles procuravam de qualquer modo uma oportunidade para atacar os infiéis. Seu desejo por sangue ainda não estava satisfeito.

Da sacada do hotel, Winfried e Gaby observavam o fogo subindo. Eles ouviram ainda mais explosões e tiroteio ao redor da cidade. No final da manhã, Winfried pegou o carro e foi até a área de armazenamento. Seus homens mantiveram o equipamento seguro. Entretanto, durante a noite, nosso equipamento foi descoberto por vários indivíduos suspeitos. Os homens que guardavam o caminhão deixaram estas pessoas sob custódia. Foram mantidos a sete chaves dentro de um edifício dentro da área de armazenamento, e isto foi feito para que eles não informassem a multidão onde encontrar o equipamento e a equipe de Bonnke.

Winfried agradeceu a seus homens por sua fidelidade e coragem. Disse-lhes que retornaria na manhã seguinte com alguns soldados para guardá-los enquanto o equipamento era tirado e preparado para a viagem de volta. Seus homens prometeram outros cinqüenta homens Cristãos, somando cem ao todo, para tornar o trabalho mais rápido. Winfried nunca tinha se sentido tão orgulhoso de um grupo de homens na sua vida.

Na sexta-feira pela manhã, Winfried foi escoltado por cinco soldados, pelas ruas, e ao chegarem ao composto encontraram cem homens Cristãos reunidos, como fora prometido. Eles esperavam pelas ordens de Winfried e a seu comando, começaram o processo de desarmar as plataformas, as torres de som e empacotar tudo no reboque.

De repente, uma enorme explosão sacudiu a área. Os soldados observavam os céus. Nada apareceu. Eles se amedrontaram, e

forçaram Winfried a entrar no seu carro e levá-los até suas barracas para pegarem mais soldados.

No quartel, logo ficou claro que os homens não tinham intenção de receber reforço. Eles foram ao oficial superior e insistiram de que o composto estava para ser invadido. ‘A multidão estava chegando’, eles disseram. Assim convenceram o oficial não mandá-los de volta.

Winfried pensou que talvez estes homens também não retornassem com ele. Estes soldados poderiam ter sido Muçulmanos que não queriam arriscar suas vidas nestas circunstâncias. No quartel, um soldado aproximou-se dizendo ser Cristão, e ofereceu-se para ir junto e prover qualquer proteção que ele pudesse. Com a permissão do seu comandante, Winfried retornou ao composto com este soldado Bom Samaritano. Neste meio tempo, os voluntários continuaram a desmontar os equipamentos e acondicioná-los, dando o seu melhor para isto. Winfried os orientou na conclusão da tarefa, e até o final do dia todos os contêineres estavam prontos e foram carregados para o caminhão. Apesar das reivindicações dos soldados, o composto não foi invadido.

Alguns do grupo local organizaram-se para permanecer e guardar o caminhão outra vez, durante a noite. Winfried e Gaby retornariam nas primeiras horas da manhã, para guiar o caminhão para fora da cidade. O soldado que os acompanhava prometeu que conseguiria outros soldados para escoltá-los, contanto que viajassem durante o toque de recolher. Winfried retornou ao hotel, esperando encontrar sua esposa e filhos, mas ao invés disto, ele abriu a porta de um quarto escuro e silencioso. Repentinamente, os piores temores surgiram. Ele acendeu as luzes. Todos os seus pertences desapareceram

juntamente com Gaby e as crianças. Ele correu escada abaixo até a entrada e encontrou com o gerente.

“Os soldados levaram sua esposa e filhos” ele disse. “Eles ficarão seguros no quartel”.

“A multidão veio aqui?”

“Não, mas eles descobriram que era aqui que você estava. Precisei lhes assegurar que você havia ido, e pedi ajuda aos soldados. De outro modo, meu hotel agora seria cinza e sua família estaria morta”.

Winfried agradeceu a ele pela informação e correu até o quartel dos soldados. Lá, para seu alívio, estavam Gaby e as crianças, exatamente como lhe fora dito.

Na manhã seguinte, eles se dirigiram até ao composto às 4:40 da manhã, tendo um veículo militar, com alguns soldados dentro, dirigindo o caminho. Os portões estavam destrancados, e Winfried silenciosamente abraçou o líder da equipe. Então ele subiu na cabine do caminhão, ligou o motor, e seguiu o carro militar pelas ruas, com Gaby logo atrás dirigindo a Land Rover.

O reboque vermelho sangue carregando o nome de Jesus começou sua jornada através da fumaça e escombros de Kano. Ao passarem pelas ruas, o Wentiands viu tanto à sua direita quanto à sua esquerda, corpos sem vida. Trezentas pessoas foram mortas. Ao longo do caminho, eles foram forçados a manobrar entre a polícia queimada e os militares. Os restos de fumaça das igrejas, empresas e postos de gasolina obscureciam cada curva.

Apesar do toque de recolher com “direito de atirar”, multidões de fanáticos eram vistos vagando pelas ruas procurando por eles. Aparentemente, o toque de recolher tem sido dominado por um. Mas alguém estava observando. Falando um com o outro por “walkie-talkis”, Winfried e Gaby louvavam ao Senhor por passarem seguros e facilmente bloqueio após bloqueio nos bairros. Para eles era como se fosse o Mar Vermelho estivesse se abrindo para que eles pudessem passar a pé enxutos. No limite da cidade, a escolta militar desapareceu, deixando-os viajar só 700 milhas sozinhos.

Logo, o grande caminhão e o trailer estavam na estrada. Nas cidades Muçulmanas à frente, todos falavam das notícias dos motins de Kano. Mas Winfried e Gaby se sentiam confiantes com sua paz sobrenatural. Eles confiavam que a viagem pudesse continuar como começou, pois eles estavam viajando em nome de Jesus. Eles passaram por Zaria, Kaduna, Ilorin e por dezenas de pequenas comunidades Muçulmanas sem um único desafio. Quando chegaram de volta a Lagos, no Golfo da Guiné, foram recebidos por uma diretoria que supunha que eles estivessem mortos. Vê-los chegar com as crianças e todo o equipamento foi motivo para uma enorme comemoração.

Ninguém estava mais feliz ou aliviado do que eu quando finalmente falei com Winfried por telefone. Foi quando então eu soube dos detalhes da sua fuga. Agradeci a Deus pelo miraculoso escape que Ele tinha em mente para eles. Na história de Cristo para todas as Nações, Kano se tornou nosso grande obstáculo. Reinhard Bonnke foi declarado ‘persona non grata’ na Nigéria, país mais populoso de toda a África. Havia rumores de que a culpa fosse nossa, embora em um extenso relatório, montado pelo governador local, exonerasse-nos de toda culpa pela epidemia de violência. Entretanto, para muitos, percepção é a realidade.

Bonnke havia trazido violência para Kano. Realmente ele serve ao Príncipe da Paz? Se estes resultados tivessem sido produzidos por uma firma de relações públicas, eles teriam sido demitidos e taxados como incompetentes. Nossa tremendo momento na Nigéria foi cortado no meio do caminho. Por muitos anos, parecia que Satanás havia vencido em Kano. e Jesus fora forçado a se retirar.

Não estamos contentes de que Deus não tenha uma firma de relações públicas? Ele não vê como o homem vê, e Ele tem o trunfo do Universo, onipotência.

Como qualquer um de nós poderia saber, que os sangrentos acontecimentos em Kano lançariam nosso nome tão alto na Nigéria? Como poderia alguém adivinhar que aqueles oito longos anos em que estivemos banidos de lá, abrisse um apetite irresistível entre as pessoas para a nossa volta? Quem poderia prever que através da violência em Kano, Deus fosse capaz de, no ano de 2000, reunir 1.600.000 almas que ouviriam o Evangelho em uma única reunião? E que, naquele dia fossem registrados 1.093.000 cartões de decisões por Cristo? Ou que, 3.450.000 poderiam aceitar a Jesus em seis dias de pregação?

A semente em Kano continua dando frutos e não é somente na África. Temos documentadas mais de 34 milhões de salvações nos últimos três ou quatro anos. No momento em que você lê este livro, este número estará completamente defasado. Fique ligado!

tXJ

*Ao seguirmos a Cristo somos levados
a momentos decisivos em nossa fé.
Muitos de nós fomos
levados ao limite nas ruas de Kano.
É um erro pensar que alguns
de nós escolhemos viver enquanto
outros bravamente escolhem
morrer. Todos nós simplesmente
escolhemos a Ele
e Ele é Vida Eterna.*

CAPÍTULO 8

CRUEL E INCOMUM

Em Agosto de 2001, eu preguei no terreno de Tata Raphael em Kinshasa, no Zaire. No final do sermão, um dos membros da minha equipe me disse: “Reinhard, antes de você ir embora, tem alguém que você deveria conhecer.” Ele disse isso ao me acompanhar até às escadas atrás do palco. Como de costume eu estava molhado de suor por pregar ao ar livre, nos trópicos.

Meu sangue estava fervendo. Eu ainda estava meio sem fôlego.

“Quem seria essa pessoa?” Eu perguntei.

“Um pastor local. Ele é de uma das igrejas que estão apoiando financeiramente a cruzada.”

“Por que eu ainda não o havia encontrado? Nós tivemos a Conferência de Fogo para os pastores locais.”

“Havia gente demais. Ele não podia chegar perto de você. Além disso, no início eu não sabia de quem se tratava. Ele é alguém especial.”

Nós chegamos a uma área que tem sido isolada para reuniões privadas. Mesmo atrás do palco de nossas cruzadas, o controle da multidão é essencial. Quando entramos no local, vi um pequeno grupo dos membros da minha equipe junto com um pastor Africano de boa aparência.

Percebi instantaneamente que havia visto aquele homem antes, mas eu não pude me lembrar quando.

Ele me era familiar, mas diferente do que eu me lembrava. Seus olhos eram grandes, castanhos e brilhantes. Seu sorriso parecia com o teclado de um acordeão velho. Exceto que, seu teclado tinha uma tecla de ouro, um grande dente de ouro brilhando na frente. Ele vestia um terno marrom bem passado, com uma gravata marrom dourada. Tremeu ao me ver, ainda assim, eu não podia me lembrar do nosso encontro anterior.

Ele não pôde mais se conter. Venceu depressa a distância entre nós e se lançou ao chão, abraçando bem apertado as minhas pernas. Beijou meus pés e chorou em voz alta. Sua aparência de dignidade desaparecera, mas ele já não se importava.

“Bonnke,” ele chorou, “eu estou aqui por sua causa. O senhor salvou a minha vida.

O senhor salvou a minha vida.”

“Quem é você?”, perguntei.

Eu me abaixei e tomei-o nos meus braços, libertando minhas pernas do seu aperto. “Fique de pé e deixe-me olhar para você.”

Ele levantou-se e olhou-me, lágrimas correram dos seus maravilhosos olhos castanhos. Ao me dizer uma palavra, então, o reconheci:

“Bukavu.”

“Richard,” eu cochichei, “você é o Richard?”

Minha memória voltou no tempo. Eu o havia visto doze anos atrás e não podia crer na mudança.

“Richard,” eu falei, “a última vez que o vi, você não tinha dente de ouro, somente um buraco. Você não podia falar Inglês e estava imundo. Você fedia, desculpe-me, como um banheiro ao ar livre.”

Peguei os seus braços, levantei as mangas do palitó do seu terno marrom e vi a evidência que mais me lembrava. É, este era o mesmo homem. E agora meus olhos estavam com lágrimas. Eu o abracei.

“Richard, o que Deus fez por você! O que Deus fez!”

Por onde posso começar a história de Richard? É tão especial que temo não fazer justiça a ela. Mas tenho que tentar. A última vez que o vi foi em Bukavu na fronteira oriental do Congo. E, foi em Bukavu em 1989. Como foi que chegamos lá, tão longe, fora da cidade? Nossa jornada havia começado, como bem me lembro.

Um dos nossos caminhões afundou-se em um rio no Congo. Depois de 30 anos de cruzada não me lembro qual era o rio. Também não me lembro exatamente em que ano foi. De qualquer modo, o grande e velho Congo, conhecido hoje como Zaire, é o país mais fabuloso da África. Ele forneceu o cenário para a clássica história de Joseph Conrad, “Coração de Trevas.” Missionários contaram histórias do Congo desde os dias de Stanley e Livingston. Era uma vasta terra, três vezes maior do que o Estado do Texas, cheio de rios, grandes o suficiente para engolir um caminhão.

Lembro-me de que o caminhão estava carregado de equipamento para uma cruzada. Ele foi colocado em uma barca e começou a travessia. A estação das chuvas veio mais cedo. No meio do rio a barca começou a encher-se de água e afundou

com o motorista dentro. Ele conseguiu chegar até uma janela aberta e nadar até a superfície da torrente. Nadou até a praia, orando para que não houvesse crocodilos. Esse era apenas um outro dia a caminho de uma África lavada pelo sangue.

Por causa de incidentes como esse, nós decidimos mandar nossa equipe de desbravadores. Eles criariam mapas adequados para que o nosso comboio da cruzada utilizasse mais tarde. Quando nossa equipe viajasse para uma cidade em particular, eles usariam os mapas e evitariam perigos semelhantes.

Nossos desbravadores viajaram em Land Rovers, equipadas de serras para abrir caminho entre as árvores caídas. E como não havia nenhuma placa de loja de ferramentas alguma em nenhum lugar naquela região, eles levaram aquelas concebíveis de consertar problemas mecânicos nas estradas africanas. Eles são especialistas em resolver problemas, e podiam contar histórias que encheriam um livro muitas vezes maior do que este aqui, pode acreditar.

Quando viajam, eles investigam mais do que as condições das estradas. Investigam as áreas em potencial na cidade para montarmos nossa plataforma para a cruzada. Registram informações sobre energia, água, esgoto, polícia local, controle da multidão e quaisquer outros detalhes que possam beneficiar nossa equipe de planejamento. Existem muitas maneiras de dar tudo errado quando se dirige uma cruzada na África, e por muitos anos temos detectado todas elas. Simplesmente tentamos não repeti-los. Aprendemos muito e nossos desbravadores são alguns dos mais experientes e fascinantes membros da nossa equipe. Pouparam-nos uma miséria incontável, e não afundamos outro caminhão em outro rio.

No final do ano de 1980, a equipe procurou as estradas do longínquo oriente do Congo. Quando chegaram aos limites com a Ruanda, passaram por uma cidade que não estava na nossa lista de local em potencial para a cruzada. Nossos planejadores simplesmente a tinham examinado. Além do mais, a equipe de frente havia confirmado que as estradas para a cidade eram transitáveis no verão. A cidade era Bukavu, e ela tinha perto de meio milhão de habitantes que nunca haviam visto uma cruzada evangelística. Muito entusiasticamente, Stephen Mutua, um dos membros da equipe ligou-me no nosso quartel general na Alemanha e disse:

“Ninguém vem aqui em Bukavu, Reinhard,” ele disse. “Nós vamos presenciar resultados tremendos. Será glorioso!”

Nada faz meu coração pulsar mais forte do que pregar o Evangelho onde ninguém mais quer pregar. Isso tudo começou quando tive minha primeira missão no “país de coração duro” do Lesoto, em 1969.

“Comece a planejar a cruzada em Bukavu,” eu ordenei: “Stephen, você será o responsável.”

As reuniões foram marcadas. Em Julho de 1989, eu fui para pregar. Encontrei a equipe que me levou para o hotel onde ficaríamos. No dia seguinte, como eu faço em todas as cruzadas, pedi para dar uma volta pela cidade. Stephen tinha estado lá por meses preparando esse evento, e eu queria que ele me mostrasse as pessoas para as quais estaria pregando. Queria ouvir tudo que ele havia aprendido sobre a história e o povo de Bukavu. Trouxemos um intérprete conosco. Ele me auxiliou para que eu pudesse entrevistar pessoas nos mercados e vizinhanças que atravessamos.

Em um ponto da excursão viemos até uma prisão. Era simplesmente uma jaula para seres humanos, aliás, na periferia da cidade. Não havia celas, era apenas um lugar enorme feito de tijolos com o terreno da prisão acoplado, cercado por grades e arame farpado. Muitos dos prisioneiros estavam no terreno tomado sol ou fazendo exercícios ao ar livre. Uma multidão de pessoas ficou de pé na grade do terreno. Stephen parou o carro e desligou o motor.

“Há uma história aqui, Reinhard,” ele falou.

“O que aquelas pessoas estão fazendo do lado de fora do terreno da prisão?” eu perguntei.

“Aqueles são os familiares dos prisioneiros. Se eles não alimentam os homens, eles morrem famintos. O governo não providencia alimentação para os homens que eles intencionam matar.”

“Todos estes prisioneiros vão morrer?”

“Todos os que você vê algemados estão condenados à morte.”

Eu pude ver um grande número de homens andando ao redor, arrastando pesadas correntes algemadas a seus braços e pernas.

Stephen suspirou profundamente e disse: “A cada mês, vem um carrasco de Kinshasa. Está vendo aquela árvore lá?”

Realmente, do lado de fora da prisão havia uma árvore com enormes galhos.

“Todos os meses,” Stephen continuou, “todos os homens condenados são trazidos para a árvore. Uma corda é lançada sobre um grande galho com a força do carrasco dependurada

na ponta. As pessoas da cidade são convidadas a assistir, e muitos vêm. Para alguns, este é um local de demonstração de horror. O carrasco ganha a vida dessa velha maneira. Não há nenhum andaime. Esta não é uma força misericordiosa como nos velhos filmes ocidentais, onde passa longe o quebrar o pescoço. Cada condenado nesta prisão deve andar pra frente, um a um, quando a força é colocada ao redor do seu pescoço. Então, o carrasco usa o tronco da árvore para levantar o homem, e amarra a corda até o ponto da pessoa não reagir mais, e parar de agitar os pés e o corpo em desespero. Por fim, ele deixa o corpo no chão e vai para o próximo homem.”

“Você tem visto isto?”, perguntei.

“Tenho.”

“Você pode se imaginar sendo um dos condenados, forçados a assistir o que vai te acontecer?”

“Isso não é tudo. Quando o homem está morto, o carrasco corta fora suas mãos e pés com um machado para que as algemas possam ser removidas. A menos que a família venha a requerer o corpo, este é jogado em uma carroça, e despejado em uma tumba qualquer.”

“Por que o carrasco simplesmente não abre as algemas? Por que chegar ao extremo de cortar mãos e pés?”

“Porque não tem fechadura. Quando um condenado é trazido aqui, ele é levado até uma ferraria. Suas algemas são soldadas diretamente nos seus braços e pernas.”

“Aquilo não pode ser feito adequadamente. Como podem fazer isso sem queimar a carne?”

“Os homens recebem terríveis queimaduras. Isso faz parte do castigo. Eles já são considerados mortos, e ninguém se importa em cuidar deles. Alguns na realidade morreram de queimaduras infectadas antes de serem enforcados. As algemas tiradas de um homem morto são abertas com um maçarico e preparadas para o próximo condenado. E por aí vai. Bem-vindo a Bukavu.”

Tenho visto isso em outros lugares. Novamente, eu percebi que uma prisão africana era um lugar para ser temido. Ao contrário de prisões nas nações ocidentais, nesta remota parte do mundo, os direitos dos prisioneiros eram desconhecidos. Havia muito pouca fiscalização pública do sistema judiciário. Todos os principais líderes políticos eram indicados e não eleitos. Esperava-se que as pessoas no poder dominassem a população por medo e por intimidação. Eu encontrei muitos líderes na África que usavam do sistema presidiário para se livrarem de rivais em potencial ou de inimigos políticos. A justiça era freqüentemente injusta. Isso me fazia lembrar como a vida na prisão devia ter sido nos tempos bíblicos de Paulo e Silas.

“Tenho uma boa notícia”, disse Stephen. “Tenho visitado aqui e muitos dos homens condenados aceitaram a Jesus. Por algumas semanas eu tenho estudado a Bíblia com eles.”

“Louvado seja Deus, Stephen,” eu disse. “Quero encontrá-los. Leva-me lá dentro para encontrar meus irmãos no Senhor.”

Saímos do carro. Imediatamente, ouvi um som estranho. Era um selvagem ritmo de correntes misturados com o canto de vozes masculinas africanas.

“Está ouvindo?” Stephen perguntou, com um sorriso conhecido. “São seus irmãos.”

“Meus irmãos? O que estão fazendo?”

“Eles estão cantando canções de louvor a Jesus. Canções que eu lhes ensinei. Estão usando os únicos instrumentos musicais que têm.”

“As correntes,” eu cochichei. Fiquei de pé e ouvi, e enquanto ouvia, senti que Alguém Mais estava ouvindo junto comigo. Enquanto esse som de caçada crescia no ar úmido, senti uma porta aberta, diretamente da sala do trono de Deus. Quase senti os grandes arcangels no Portal do Céu, de pé para receber o sacrifício de louvor. Meu espírito voou como um pássaro voando de uma gaiola. Algo maravilhoso estava por acontecer.

Enquanto isso, Stephen aproximou-se dos guardas, explicando quem eu era. Aparentemente eles já conheciam Stephen. Permitiram-nos entrar. A música continuou.

Eu estava horrorizado com as condições das celas. Os homens dormiam em colchões imundos espalhados no chão desse imenso quarto de tijolo de cimento. O lugar estava infestado de vermes. Todos os baldes de imundícia estavam reunidos em um lado. Nuvens de moscas os cobriam. Nenhum de nós pôde escapar do fedor debaixo do calor escaldante. E a música, aquele maravilhoso canto de louvor, continuava sendo elevado ao Senhor com a barulhada das correntes.

Saímos para o terreno. Imediatamente, vários homens com suas algemas nos rodearam. Stephen falou na língua deles, explicando quem eu era. Eu os saudei rapidamente, mas eu estava procurando os homens que cantavam.

Eu os vi, sentados em um círculo, cerca de 30 ao todo. Eles estavam cantando e se balançando com a música. O líder era

um homem de estatura média com um grande sorriso e faltando um dente da frente. Ele chocava as correntes com um real esplendor, como um líder de coral de uma grande igreja. Se eu verdadeiramente tivesse visto com os olhos do Espírito, eu poderia tê-lo visto vestido com um bom terno marrom.

No minuto em que o vi, o Espírito Santo me falou: *Fale com aquele homem que ele será liberto.*

Senhor, me perdoe, mas seria cruel e incomum dizer qualquer coisa se eu O ouvi erradamente neste momento. Por favor, diga novamente. Mais devagar agora.

Fale com aquele homem que ele será liberto.

Fomos apresentados ao grupo de homens condenados. Eu saudei os irmãos que haviam aceitado o Senhor em nome de Jesus e entreguei uma mensagem de salvação a todo o grupo, através do intérprete. Alguns deles responderam, aceitando Jesus pela primeira vez. Então, eu os encorajei no Senhor, e me virei para o Stephen e disse:

“Fale àquele homem que está liderando a música que eu gostaria de conversar com ele em particular.”

Stephen foi até o homem, explicando meu pedido. Ele o trouxe a mim, com o intérprete. Fomos até uma área livre no terreno.

“Reinhard,” Stephen disse, “o nome deste homem é Richard.”

Era uma honra cumprimentar sua mão algemada. “Fale ao Richard que o Senhor tem falado comigo hoje. O Senhor disse que ele será liberto.”

O intérprete hesitou.

Eu fiz um sinal com a cabeça. “Repita exatamente as minhas palavras,” eu disse.

Ele limpou sua garganta e falou com o homem na sua língua nativa. O homem reagiu, olhando em direção à árvore usada para execução. Quando ele me olhou de volta, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele falou através do intérprete:

“Três vezes eu esperei preparado. Três vezes o carrasco ficou muito cansado para me enforcar. Da última vez que ele estava aqui, eu era o próximo homem a morrer. O carrasco me olhou de modo feroz como quem queria me ver morto, mas ele jogou suas mãos pra cima e foi pra casa.”

“Jesus tem guardado sua vida, Richard,” eu disse, “e agora Ele diz que vai libertá-lo.”

Richard ouviu. Eu poderia dizer que ele continuava com muito medo para tomar posse da minha palavra. A esperança pode ser muito cruel para um homem condenado esperando para ser executado. Um homem que viu o fim de sua vida jogada fora, graficamente, uma e outra vez. Um homem que usa algemas soldadas nos seus braços e pernas, algemas que ele viu retiradas somente de uma maneira.

“Qual é o seu crime, Richard? Do que você é culpado?”, dirigi-me a ele.

“Assassinato.”

“Você não parece ser um assassino. A quem você matou?”

Ele falou o nome do homem.

“Como aconteceu?”, continuei.

“Estávamos em um bar, e começou uma briga.”

“Você começou a briga?”

“Eu não. Mas eu matei o homem.”

“Richard, se o que você diz é verdadeiro, nós não chamamos a isso assassinato, mas defesa própria. Você tem um advogado?”

Richard fez uma longa pausa. Ele olhou novamente para a árvore, mas não disse nada.

Então o intérprete falou:

“Se o homem que você matou em defesa própria é de família rica, Reverendo Bonnke, há muitos em Bukavu desejando jurar em testemunho, por dinheiro.”

Deixamos a prisão e eu nunca mais vi Richard. Eu preguei por vários dias em um estádio de futebol com capacidade para uma mulüdão de 90.000 pessoas. Isso criou uma enorme agitação na área. Bukavu nunca havia visto na história multidões como essas. Quase todo mundo da região compareceu pelo menos em uma das reuniões. O número de salvações registrado excedeu a tudo que havíamos esperado e orado. Estábamos estáticos.

Ao me preparar para ir embora, eu pedi a Stephen Mutua para me conseguir mais uma reunião. Eu citei o nome de um político local. Não vou falar o nome do homem, nem do seu escritório, por causa da natureza da história a seguir.

Quando chegamos à mansão do político, fomos conduzidos a uma área de espera, onde ficamos esperando durante um longo

tempo. Esperar por pessoas poderosas na África é algo que eu aprendi que devo fazer. Finalmente, uma secretária surgiu lá de dentro e nos falou que o político que gostaríamos de ver não estava disponível.

Agora, se isso é verdade, eu pensei, eles deveriam ter-nos falado antes, em tempo de pouparamos essa vinda. Ou isso era mentira, ou eles decidiram que o grande evangelista deveria provar seu Cristianismo demonstrando paciência quase infinita na sala de espera.

Falaram-nos que o político estava viajando para Kinshasa. Ao invés devê-lo, deveriam nos ter permitido ver brevemente sua esposa. Ela teria transmitido tudo a seu marido depois de sairmos.

Depois de mais espera, uma mulher alta entrou na sala. Ela estava vestida com roupas e acessórios elegantes. Eu achei que ela tinha em si mesma a dignidade imperial da Rainha de Sabá. Quando ela entrou, um intérprete foi trazido, e eu podia, por fim, falar com ela.

Depois das formalidades, eu lhe falei o motivo que me levou a pedir para ver seu marido. Eu tinha vindo para implorar pela libertação de um homem condenado na prisão de Bukavu, um homem chamado Richard. Eu o descrevi para ela e repeti a história do crime pelo qual estava sentenciado a morrer. Sugerir a ela que um advogado competente seguramente teria o defendido como um caso de auto defesa. Ao menos, um bom advogado teria achado um meio de evitar a pena de morte para Richard. Depois contei a ela sobre a conversão de Richard, e a maneira como ele liderou os cânticos entre os homens condenados na prisão.

Ela ouviu cuidadosamente tudo que eu disse. Então, levantou-se e desculpou-se. Ela disse que poderia ver o que seria possível fazer, mas prisioneiros condenados nunca eram libertados da prisão de Bukavu, uma vez que a corte havia decidido.

Novamente, depois de longa demora, ela voltou. Pediu que todos os outros convidados saíssem da sala. No final éramos somente nós dois. Ela ficou de pé na minha frente, muito perto.

“Reverendo Bonnke,” ela disse, baixinho, “o senhor é um homem muito poderoso da Alemanha. Sua organização é grande e o que o senhor segue também é grande. Você quer que meu marido faça alguma coisa por você. Gostaria que fizesse algo por mim. Está entendendo?”

“Certamente”, eu disse, “farei o que puder.”

“O senhor tem filhos, Reverendo Bonnke?”

“Sim, eu tenho.”

“Tenho dois filhos preparando-se para a universidade. Aqui, temos somente a Universidade Nacional do Zaire.” Ela se encolheu, como se eu pudesse entender seu problema. “Não é a excelência educacional que você queria para suas crianças, estou certa? E ainda, meus filhos não tinham sido capazes de receber a bolsa de estudos necessária para as escolas que escolheríamos no estrangeiro. Eu gostaria que o senhor providenciasse essas bolsas de estudos, Reverendo Bonnke. Pode fazer isso por mim?

Eu estava entristecido, apesar de não verdadeiramente surpreso. Em uma terra onde o dinheiro poderia comprar uma sentença de morte, certamente um suborno pode obter liberdade.

“Eu sinto muito,” eu disse, “isso eu não posso fazer. Eu sou um homem de Deus. Eu não vou fazer um acordo para obter justiça de qualquer espécie. Minha resposta a você deve ser não.”

A mulher instantaneamente se virou para deixar o lugar. Eu temi grandemente por Richard. Quando ela alcançou a porta, eu quase gritei seu nome. Ela parou e olhou de volta pra mim por um momento. Eu apontei meu dedo para ela.

“Deus me falou que Richard vai ser liberto. Deus falou. Não se ponha no Seu caminho.”

Ela deixou a sala, batendo a porta com força atrás de si. Meu encontro havia terminado.

“Ó Senhor”, eu orei, “salve Richard pelo Seu poderoso poder, não pelo poder de subornos e deslealdade.”

Tenho que confessar que deixei Bukavu com o coração pesado. Eu temi ter deixado Richard como o encontrei, um homem morto-vivo. Minha esperança era de que a esposa do político temesse a Deus em algum lugar do seu coração, e que o Espírito Santo fizesse com que minhas palavras tivessem efeito.

Dois anos se passaram. Eu estava na Alemanha quando alguém me falou que Richard tinha sido liberto. Eu gritei de alegria ao ouvir isso. Até hoje eu não sei o que aconteceu, nem o que desencadeou a sua libertação. O que sei é que toda a glória pertence a Nosso Pai no Céu.

Enquanto isso, Richard começou uma nova vida como homem livre em Bukavu. Ele falou com o pastor da igreja local onde está freqüentando que ele gostaria de ir para Faculdade

Teológica no Quênia. Queria ser pastor, e estava determinado a aprender a falar Inglês. Quando isso chegou a mim — bem, essa era uma bolsa de estudos que eu mais que desejava providenciar. *Cristo para todas as Nações* pagou pelos gastos de Richard na Faculdade Bíblica. Anos mais tarde, ouvi as notícias da sua ordenação. Eu enviei a ele meus cumprimentos e aquilo pareceu um final digno.

Doze anos mais tarde, em agosto de 2000, ele estava diante de mim em Kinshasa, um pastor responsável pela *Cruzada de Cristo para todas as Nações*. Ele estava vestindo seu terno marrom, falando um bom Inglês, seu dente de ouro brilhando, seus olhos brilhando com a alegria do Senhor.

Nós o abraçamos novamente. Eu lhe falo que este evangelista dormiu muito bem aquela noite.

tti

*Dois longos anos se passaram dessa história
antes que eu soubesse sobre esse final feli%.*

Como eu agüentei isso nesse meio tempo ?

*Eu aprendi que quando nós
falamos as palavras que Deus cochichou
em nossos corações, não temos que fa^er nada
sobre isso — Ele fa% A Escritura di^
que Ele cuida da Sua palavra para
que ela seja cumprida.*

Nós podemos facilmente descansar.

CAPÍTULO 9

UMA TEOLOGIA MUITO IN SIGNIFICANTE

Por sete anos, após deixar Lesoto, eu dirigi cruzadas no sul da África, Botswana, Swaziland, Zimbabwe e Zâmbia. Vimos centenas de milhares vindo ao Senhor e muitos notáveis milagres de cura. Deus havia falado que nosso ministério se estenderia além das fronteiras da África. Então, eu dei o nome de Cristo para todas as Nações à nossa organização.

Em 1980, eu me aventurei a realizar uma campanha em Birmingham, na Inglaterra. Essa foi minha primeira cruzada fora da África. Depois, no início de 1983, outro convite veio para uma cruzada na cidade de Perth, na ensolarada costa oeste da Austrália. Nossos amigos daquela cidade haviam conseguido o Centro de Divertimento com 8.000 lugares. E, então, fomos lá.

Na primeira noite, o corredor estava completamente lotado. A equipe de notícia do Canal 4 chegou para fazer uma reportagem para a sua última edição. Ao vir para o palco, eu comecei uma conversa com o Senhor: “O que o Senhor vai fazer aqui hoje à noite?”. Meus olhos se dirigiram para longe, do lado direito do auditório, onde uma senhora de vestido azul estava sentada em cadeira de rodas. O Senhor me falou: “Hoje à noite Eu vou curar aquela mulher de vestido azul.”. Isso, porém, não foi uma coisa audível. Foi uma mensagem no meu coração. Eu a aceitei.

No início da reunião, me levantei para saudar o povo, peguei o microfone e anunciei, com grande entusiasmo: “Hoje

acontecerá um grande milagre aqui em Perth, Austrália, exatamente neste Centro de Divertimento.” Eu apontei para a mulher de vestido azul. “Aquela mulher ali será curada, e ela está saindo da sua cadeira”. A equipe de notícia do Canal 4 logo agarrou a notícia.

Quando fiz esse anúncio, esperava criar uma expectativa na multidão. Eu aprendi que isso pode ajudar a criar uma atmosfera de fé. Até esse dia em Perth, eu sabia que a menos que a fé estivesse presente, milagres não aconteceriam. Baseei-me na minha própria experiência, e também nas Escrituras.

Nos Evangelhos de Mateus e Marcos, lemos que o poder miraculoso de Jesus era limitado pela descrença do povo de Nazaré. Certamente que se uma falta de fé pode limitar o poder de Jesus para fazer milagres, também pode limitar o meu. Em outras ocasiões, encontramos Jesus dizendo ao povo que fora curado: “Sua fé te curou”. Se Jesus creditou milagres de cura à fé da pessoa enferma, então eu também credito. Essa era minha teoria de fé em uma casca de nozes. Neste caso, eu aprendi que Deus gosta de quebrar nozes teológicas.

Ao fazer meu arrojado anúncio sobre Deus curando a mulher, não pareceu que fora criada uma atmosfera de fé no ambiente. Aliás, aconteceu o oposto. A mulher não recebeu meu anúncio como uma boa notícia. Ela enfiou a cabeça nos seus braços e tentou se esconder. Eu devo ter parecido para aquelas pessoas como um insensível pregador sul africano, que havia exposto a doença de uma senhora. Parecia que ela queria que se abrisse um buraco no chão, e por um momento, eu também. A multidão não respondeu positivamente. A atmosfera esfriou e eu sentei.

O que eu não sabia é que essa mulher veio como uma mera convidada. Ela não era religiosa de forma alguma e também não tinha conhecimento nem expectativa de cura. É claro que nem eu conhecia sua condição.

Eu contando somente no que eu havia ouvido do Senhor no meu espírito. Soube-se que a mulher tinha uma doença degenerativa chamada "*brittle bone*". O ato de levantar-se poderia causar quebra dos ossos. Os médicos disseram que ela não andaria nunca mais.

Ao esperar pelo momento da pregação eu disse a mim mesmo: “Oh Senhor, ela não tem fé. Como isso vai funcionar?”

Por um momento, o Espírito Santo falou a mim: “Hoje não é a fé dela, é a sua fé. Você vai ver um grande milagre”.

Essa idéia era muito grande para a minha teologia fechada. Ela não tinha fé, mas será que a minha fé era suficiente para o milagre dela? Imediatamente minha mente correu através das Escrituras. Poderia eu achar um exemplo no Novo Testamento que pudesse demonstrar que Jesus curou alguém baseando-se na fé de outro?

Repentinamente veio à minha mente a história do homem paralítico que foi levado até Jesus através do telhado. Na história, o homem mostra não ter fé por ele mesmo. Seus amigos o trazem a Jesus, mas não podem entrar na casa onde Ele está pregando. No entanto, era tão grande a certeza do poder de Jesus para curar, que eles tiram o telhado e abaixam o homem para dentro da casa, próximo ao Senhor. A Bíblia fala que quando Jesus viu a fé deles, perdoou os pecados daquele homem e curou o seu corpo. Este foi claramente um presente de fé dado por seus amigos através de Jesus.

A história é encontrada no segundo capítulo de Marcos. Quem eu era para dizer que isso não poderia ser feito em Perth, na Austrália, no ano de 1983?

Agora eu tinha o meu texto para a noite. Quando me levantei para pregar, eu o fiz para mim mesmo, tanto quanto para qualquer outro. Minha própria fé foi aumentada por essa história bíblica, que quando chegou a hora de orar pela mulher, eu não esperaria que a fé dela estivesse presente.

Ao final do sermão, eu anunciei que naquele momento eu oraria pela mulher na cadeira de rodas, como havia prometido. No palco estava comigo um pastor amigo do sul da África. Ele cochichou: “Reinhard, agora é por sua conta.” Com isso, ele queria dizer que havia visto a falta de fé da mulher, e que não iria compartilhar comigo daquele embaraço.

Eu fui com a voz do Espírito. Desci da plataforma e andei até à cadeira de rodas. O pessoal da TV se posicionou para registrar o acontecimento.

“Qual o seu nome?”, eu perguntei.

“Eu sou a senhora McKelt”.

“Senhora McKelt, Deus me disse que você será curada hoje.”

Ao me preparar para impor minhas mãos sobre ela eu senti um toque no meu ombro. Era meu amigo sul africano. “Um perseguirá mil,” ele cochichou, “mas dois podem perseguir dez mil.” Ele estava falando agora de juntar sua fé com a minha nessa oração. Eu teria orado sem ele, mas estava contente por vê-lo lá.

Eu impus minhas mãos sobre sua cabeça e ordenei: “No nome

de Jesus levanta e anda!”

Lentamente e vacilante, ela ficou de pé. Parecia que as pessoas tinham parado de respirar. O Canal 4 estava filmando tudo.

“Agora anda.”, eu disse.

Ela começou a andar como Frankenstein — piam, piam, piam, pelo chão, e se moveu como se estivesse usando botas de chumbo.

“Corra, em nome de Jesus!” eu gritei. “Corra!”

De repente, ela saiu como um tiro. Começou a correr, gritando, rindo e pulando. Ela agiu como uma pessoa que acabara de receber uma extrema transformação do Criador do Universo, sem dor, e em dez segundos.

O Canal 4 transmitiu a história e foi até à casa dela com sua câmera. Quando ela abriu a porta, a câmera mostrou sua cadeira de rodas dobrada em um canto da entrada. Desnecessário dizer que, nossas reuniões em Perth a partir daí foram tão lotadas, que todos tinham de assistir de pé por falta de espaço.

Anos mais tarde, a senhora McKelt foi ao banquete dos parceiros da *Cristo para todas as Nações* em Perth. Ela veio para me mostrar que estava completamente curada. Não havia mais ossos quebrados. Para mim, ela era outro exemplo do amor e da surpreendente graça de Deus. Eu louvo somente a Ele.

Através da senhora McKelt, eu aprendi a ser cuidadoso ao tentar colocar Deus em uma caixa teológica. Mas, mesmo quando eu o faço, sei que posso ser livre, ouvindo e obedecendo à voz do Seu Espírito. Hoje, quando eu oro por alguém e a pessoa não é curada, eu não a culpo na minha mente por uma falta de fé.



*Quanto mais eu vivo, menos eu pretendo
saber sobre a mente de Deus. Eu não sei por que
alguns são curados, quando
outros não são. Eu só sei que algumas ve^es
é o presente da fé de outra pessoa
que pode fa^er uma pessoa completa.*

CAPÍTULO 10

UMA PROMESSA CONFIÁVEL

Durante toda a sua vida, Sulamith Mòrtzschke viu crianças pequenas crescerem. Ela era professora do jardim de infância, amava o seu trabalho, mas este lhe trouxe dor porque ela queria desesperadamente ter um filho.

Seu marido, um jovem advogado próximo a Frankfurt, estava começando a carreira. Nos finais de semana, ele era líder do louvor na sua igreja. Ele era um homem bom e respeitado, e ela queria agradá-lo mais do que qualquer um, que ela jamais conhecera. Ambos sentiram chamado para serem pais religiosos, criando seus filhos para servir ao Senhor. Mas depois de cinco anos tentando engravidar, ela viu que havia algo errado.

Sulamith começou a culpar-se. Sentiu que sua inabilidade para conceber, de alguma forma, a fez menos mulher. No fundo do seu coração, ela percebeu que seu marido teria feito melhor negócio se tivesse escolhido outra companheira. Cada mulher que ela encontrava parecia ser melhor candidata.

Cada dia no jardim de infância era um doloroso drama que se repetia, quando mães vinham buscar suas crianças. Um bebê podia repentinamente gritar o nome de sua mãe e correr para a porta para um largo abraço. Para Sulamith assistir a isto era quase insuportável, pois temia nunca ouvir esses sons vindos de seu próprio filho, nem conhecer o presente de verdadeira maternidade. Sua dor era tanta que ela mal podia cruzar o olhar das mães as quais servia. Ela sentia-se inferior e indigna na sua auto estima.

Desesperados, ela e seu marido visitaram o médico da família. Depois de muitas consultas sem sucesso, ele os encaminhou para uma Clínica de Fertilidade. Era uma clínica que possuía os recursos mais recentes em medicina na Alemanha, onde eles viviam. Todas as mais novas técnicas de reprodução eram usadas lá todos os dias. A combinação de conhecimentos em todas as especialidades médicas que poderiam ajudá-los, estava disponível, mas havia um preço. E esse preço era alto. Iniciaram uma série de testes, com extensivas entrevistas. Muitas perguntas pessoais sobre o passado da família e sobre a vida pessoal deles.

Então, os exames médicos foram feitos. Seria mau funcionamento dos seus ovários ou seria a contagem dos espermas dele? Os médicos usaram todos os métodos disponíveis para determinar a causa. Alguns dos exames eram humilhantes para ambos. Algumas vezes eles se sentiram como ratos de laboratório. Quando voltaram para casa estavam entristecidos. Parecia errado estar investigando um presente de Deus com métodos tão intrusivos. E mais, eles não sabiam o que fazer.

Naquela mesma época, eu planejei uma *Conferência de Fogo da Cristo para todas as Nações* em Böblingen na Alemanha. A igreja deles cooperou com nosso ministério nesse esforço. Eu estava tão empolgado. Era 1999, e estávamos comemorando 25 anos de um organizado esforço evangelístico. Os parceiros que viviam em Böblingen tinham estado entre os primeiros a me apoiar quando começamos. Agora, eu posso comemorar nossa longa parceria ao trazer a Conferência do aniversário de 25 anos na sua cidade.

Como em todas as conferências, estou focado em inspirar a cada crente ao seu chamado como testemunhas para Jesus

Cristo. Eu não somente prego, mas convido preletores especiais que sentem que, nesse ponto, podem fazer um claro desafio. Na noite final, o evangelista Steve Hill falou. Seu sermão tocou no ponto. Era um final apropriado para uma maravilhosa conferência com oficinas e seminários.

Na audiência naquela noite, Sulamith e seu marido foram profundamente tocados. Nos seus corações fizeram novos compromissos para testemunhar de Jesus. Ao retornarem à sua vida cotidiana, eles procurariam pregar o Evangelho a todos que o Senhor trouxesse ao seu caminho.

Eu vim até ao pódio para orar, finalizando a reunião. Pedi que todos abaixassem suas cabeças, e eu comecei a ministrar a bênção e o poder de Deus nas vidas de todos os presentes. Eu comecei a visar as cruzadas do ano seguinte. Nossa comitê de planejamento chamou-a “*A Colheita do Milênio*”. Eu creio que durante aquele ano especial de 2000, Deus faria grandes coisas através de nós, com um número de almas, sem precedentes, tiradas do inferno e registradas no Céu. Eu derramava todos esses pensamentos em oração como uma fonte de água fresca.

Enquanto eu orava no pódio, Sulamith se sentiu oprimida por um sentimento de desespero. Nada significava mais para ela, uma alma vencedora, do que ajudar sua própria criança a crescer, dedicada a Deus desde o seu ventre. Ela começou a pleiteá-la a Deus. “Querido Senhor, por favor, fale com Reinhard sobre a nossa necessidade. Por favor, deixe-o saber algo sobre nosso desejo por um bebê.”

No pódio, repentinamente, eu parei de maneira brusca. O Espírito estava falando ao meu coração. Meu diretor de ministério, Peter van den Berg e outros que estavam comigo na plataforma ainda se lembram desse momento.

“Sinto que não devo ir até que eu ore pelos doentes.”

Ao começar a orar, o Espírito colocou essas palavras no meu coração e na minha mente, e eu as falei em voz audível: “Alguém aqui tem um desejo muito intenso no coração de ter um filho. Conte a partir de hoje, nove meses, e você terá um bebê.” Senti isso tão fortemente, que repeti: “conte a partir deste dia, nove meses, e você terá um bebê.”

Enquanto isso, Sulamith quase não podia se conter. *Essas palavras são para mim, Senhor?*, perguntava-se.

A reunião terminou e não ouvi nada para confirmar o que eu tinha ouvido do Senhor sobre essa maravilhosa promessa sobre um bebê nascer. As pessoas foram embora, retornando para suas casas.

Naquela noite, Sulamith conversou sobre isso com seu marido enquanto caminhavam para casa. Ela contou como havia orado secretamente para que Deus falasse comigo enquanto eu fazia a oração final. Sua fé havia sido acesa assim que eu parei de falar. Essa promessa simplesmente tinha que ser para eles, ela creu.

Seu marido lutou para ter esperanças e crer que Deus havia interrompido aquela grande reunião somente para entregar uma mensagem para eles. Mas ele não podia negar que eu havia falado aquelas surpreendentes palavras. Ele conversou sobre isso com sua esposa por todo o caminho, tentando decidir em aceitar e tomar essa profecia dos nove meses para eles mesmos. Se Deus tinha falado a eles por minhas palavras, eles decidiram, isso viria a acontecer.

Dez dias após a conferência um membro da Clínica de Fertilidade telefonou a eles com más notícias. Os médicos peritos da clínica examinaram todos os dados de suas provas de fertilidade e chegaram à seguinte conclusão: não havia esperança para eles em conceber e ter um filho. A clínica recomendava que nada mais fosse feito. Os médicos determinaram que fertilização artificial não funcionaria no caso deles. Nem mesmo cirurgia faria diferença. Um dos membros do apoio disse que os médicos sugeriram que eles pensassem na possibilidade de adoção. Essa era a única esperança que tinham.

Sulamith estava atordoada. Todas as suas esperanças, que cresceram tanto com as minhas palavras na conferência, vieram abaixo como uma taça de cristal quebrada. O Senhor falou para ela contar nove meses. Os médicos estavam falando para ela não contar nada.

Sentimentos de inferioridade tomaram conta dela como uma negra nuvem. Tinha suspeitado de que era um fracasso como mulher, agora ela tinha a confirmação. A dor de nunca carregar uma criança como mãe biológica voltou como uma vingança. Ela não podia pensar em adoção, não agora. Ela podia ouvir simplesmente o silêncio do berçário que havia idealizado na sua mente para uma criança que nunca seguraria.

Ao desligar o telefone ela irrompeu em um estouro de raiva. Afinal de contas eles investiram em aprender tudo sobre *Child Wish Center*. Como podia uma notícia tão sensível e devastadora ser entregue em uma ligação telefônica tão impessoal? Esse insulto adicionou um nível ainda maior de dor à sua ferida.

Dias mais tarde, uma carta chegou da clínica, confirmando tudo o que havia ouvido ao telefone. Quando ela compartilhou

isso com seu marido ambos souberam que a sua decisão anterior de aceitar a palavra de Deus para eles, tinha tido um peso adicional. Agora eles souberam quão impossível seria para eles conceberem uma criança por algum meio natural. A fé deles foi sacudida, mas também fortalecida de maneira estranha. Se eles pudessem ter um filho, somente Deus poderia fazer isso acontecer.

Sulamith voltou ao seu jardim de infância. Ela viu crianças de outras pessoas brincarem, os ajudou a aprenderem sobre Deus e Seu amor por eles. Ela se deu para ajudar a esses pequeninos crescerem na educação e na admoestação do Senhor. Na presente circunstância, seu coração oscilava entre a repentina esperança da promessa de Deus na *Conferência de Fogo* e a cruel decepção que veio através do relatório médico. A cada dia ela continuava buscando o impossível. E a cada dia ela pensava se Deus falara com outra mulher — não ela — sobre a profecia de Reinhard Bonnke na *Conferência de Fogo*. Nesse meio tempo, seu marido se dedicou ao trabalho, deixando somente um pequeno tempo para pensar e falar sobre o assunto.

Sete semanas se passaram. Sulamith sentiu que alguma coisa estava diferente nela. No princípio preferiu não dizer nada, mas seu corpo estava definitivamente mudando. Por fim, ela compartilhou esses novos sentimentos com seu marido que, imediatamente, marcou uma consulta médica.

O médico fez seu exame e não podia crer nos resultados. Sulamith estava grávida de sete semanas. Impossível!

Dez semanas depois da conferência, eu recebi um e-mail me contando que uma gravidez tinha sido resultado da promessa falada na *Conferência de Fogo*. A mãe e o bebê estavam normais e saudáveis, e o nascimento com data para 23 de Fevereiro de

2000 — exatamente nove meses depois que Deus declarara a promessa.

Hoje, os Mörtzschkes estão criando duas crianças no temor e na admoestação do Senhor. Uma criança vai ao jardim de infância onde sua mãe é professora. Sulamith recebeu o que seu coração desejava.

Eu lhe digo que, o mesmo Espírito que cochichou no meu coração em Böbkingen naquela noite, tem bons planos para você. Pode ter certeza disso.

txi

*Nós, algumas vezes, pensamos nos médicos
como inimigos da fé. Isso só é verdade
se permitimos que o seja.
Deus é Senhor sobre a mediana também.
Ele pode usar os médicos para fazerem
o seu trabalho consciente ou inconscientemente,
em Seu propósito divino.*

CAPÍTULO 11

O GRITO SILENCIOSO

Eu tenho um pequeno papel de suporte nesta maravilhosa história de amor. Então, eu vou me colocar de lado, e contá-la como David e Rita o fazem. David Attah cresceu em uma família muçulmana, na Nigéria. Ele tinha estatura mediana, de belas formas, um rosto sensível e agradável. Usando óculos para miopia, com aro de metal, ele trazia em si mesmo um ar de um homem de suave inteligência.

Por dentro, tinha feridas de muitos anos. Filho único, ele havia perdido sua mãe quando ainda era menino. Nunca tinha sido querido por seu frio e severo pai. As amizades tinham sido poucas. Mas ele chegou ao seu limite e, um dia, ele simplesmente decidiu não mais ser solitário.

Mudou-se para Makurdi, para uma casa com um grupo de estudantes, matriculou-se em Comunicação na filial local da Universidade do Estado da Nigéria. Colocou um sorriso no seu rosto e um caloroso cumprimento na sua boca, para cada um que encontrava. Logo conseguiu seu objetivo. Ele estava cercado por amigos. Havia perdido sua solidão.

Quase quatro anos de diligente estado se passaram. A dor de seu passado foi enterrada, pois ele gozava a companhia que tanto ansiou. Quando seus amigos tinham problema, ele estava lá para ouvir e cuidar. Quando tinham problema financeiro, ele pegava sua própria carteira e fazia empréstimos. Alguns deles nunca eram pagos de volta. Algumas vezes, ele os considerava como presentes.

David gostava de ajudar. Com tais qualidades, ele tornou-se popular. Estudantes, professores e até mesmo o pessoal da manutenção — todos amavam David Attah.

Um evangelista veio na cidade. David foi às reuniões com um colega chamado Jonas. Ele sempre acreditou em Deus. Para David, a grande pergunta era, “Que tipo de Deus é Ele?” Sua família muçulmana o havia ensinado que Alá era absolutamente soberano; ele planejou tudo antes de acontecer. O melhor que cada um pode fazer é aceitar o seu destino. “Alá quer isso.” Mas David tinha sido fadado a ser um rapaz solitário, e ele rejeitou aquela solidão. Ele estava pronto para receber o Deus Cristão, que disse: “Você tem que nascer de novo.” Ele amou a linguagem cristã do novo nascimento, do recomeço e da segunda chance.

O sermão da cruzada apresentava um Deus de amor que havia morrido pelos pecados do mundo. Todas as ásperas crenças muçulmanas que ele havia assimilado pelo caminho, pareciam com a personalidade do seu pai terreno: sem amor, inflexível, indiferente. Ao contrário, Deus revelou-se um Pai de amor Celestial, enviando Seu Filho para morrer pelo mundo. A escolha pareceu clara. Ele levantou sua mão e repetiu a oração de confissão de pecados, abraçando a Cristo como seu Salvador. Agora sua nova vida de amigos e companheirismo duraria eternamente.

De repente, tudo mudou. Quando estava indo para a escola, uma mulher veio em velocidade por uma intercessão perto do campus e o atropelou. A polícia chegou, a mulher foi presa e multada por dirigir embriagada. David não sabia de nada. Ele continuava inconsciente, com sérios ferimentos na cabeça, ossos quebrados, e uma possível hemorragia interna. Uma ambulância o levou.

Quando abriu seus olhos novamente, estava em um quarto de hospital. Ele ouviu uma voz familiar dizer: "Você esteve inconsciente por dois dias." Através da visão turva, ele viu que seus braços e pernas estavam engessados. Sua cabeça latejava e estava envolta em compressas. Ele lutava para se lembrar do que havia acontecido com ele.

Ele estava indo para a aula. Repentinamente, todo mundo estava correndo para fugir de um carro veloz, mas alguém bloqueou sua passagem. David lembra-se de que ele parecia estar fora do seu corpo em um silencioso e sinistro vácuo. Ele observou seus óculos de aros de metal voarem no azul, viu seu corpo dar um salto mortal em câmera lenta, e então ouviu um ruído surdo de um carro batendo nele. O tempo estava fora de sincronia na sua mente. Coisas que deveriam acontecer primeiro, aconteceram depois; coisas que deveriam ter acontecido depois, aconteceram primeiro. Houve um lampejo de luz e tudo mergulhou na escuridão durante quarenta e oito horas.

Agora ele estava aqui em um quarto de hospital. Ele discerniu a silhueta de Jonas perto, ao lado da sua cama. Havia sido a voz familiar de Jonas que ele ouvira ao acordar. Eles eram companheiros de quarto e estavam se preparando para se formarem juntos. Os exames finais começariam em poucas semanas. Pela extensão das suas feridas, David sabia que não se recuperaria a tempo de terminar o ano com seus amigos. Seu sonho de começar a carreira em Comunicação tinha tido um enorme atraso. Como Deus poderia ter escolhido agora para decretar um destino tão ruim para ele? Talvez Alá fosse Deus afinal de contas.

Ele fechou seus olhos. Cada batida do seu coração envia uma pulsação de dor através das suas pálpebras. Era como se

uma bigorna de ferro tivesse sido derrubada sobre o seu peito. Cada respiração era dolorosa e sentia fisgadas na sua caixa torácica. Ele só queria dormir, mas disse a si mesmo que iria acordar às 3 horas da manhã, assim poderia orar. Aquela era uma hora mágica. Da obscuridade da infância ele lembrou o credo: nós cremos no que o Mensageiro nos contou, que Ele descende do céu, antes da terceira hora de cada noite e diz: “Quem ora a mim e eu vou responder as suas orações? Quem me pede e eu darei?”. Enquanto seu corpo espancado adormecia, David perguntou-se por que Alá fez perguntas às 3 horas da manhã. Por que ele não respondeu?

Quando acordou novamente, o sol estava alto. Ele tinha perdido sua oportunidade de orar. Uma enfermeira checou seus sinais vitais. Ele decidiu perguntar a ela a extensão de seus ferimentos, mas quando tentou falar, nenhum movimento ou som saiu da sua boca. Isso o assustou. Ele havia desenvolvido a habilidade de expressar bondade e gratidão para com os que o rodeiam, o que em troca, fazia as pessoas desejosas de ajudá-lo. Mas as palavras na sua cabeça não podiam forçá-lo a qualquer movimento da sua língua. Era como se a conexão tivesse sido cortada.

Pensou que as ataduras na sua cabeça estivessem apertadando demais a sua mandíbula, restringindo a sua fala. Mas seus braços estavam engessados, assim, ele não podia checar as ataduras. Ele lutou para falar com a enfermeira novamente. Esquece a fala - pensou, e tentou fazer um som, um grunhido, um gemido — nada aconteceu. A enfermeira olhou para ele com compaixão, e saiu do quarto. Ele começou a se sentir estranhamente desconectado. O medo tomou conta da sua mente como um fogaréu.

Ao lado da sua cama estava sua Bíblia. Jonas deve tê-la deixado para ele, concluiu. Essa visão lembrou-lhe de que, diferentemente de Alá, o Deus da Bíblia estava sempre pronto para ouvir as orações, vinte e quatro horas por dia. Ele não teria que se levantar às 3 horas da madrugada para impressioná-lo com sua devoção. Afinal de contas, talvez ele devesse orar para seu Pai celestial, orando em nome de Jesus. Mas o que oraria? Oraria por proteção contra danos e acidentes? Era tarde para isso. Poderia orar por cura? Ele pensaria sobre oração mais tarde. Por agora, sua fé estava tão machucada quanto o seu corpo.

Nos meses seguintes, o duro trabalho de terapia começou. Durante aquele tempo, o neurocirurgião do Hospital Geral de Makurdi testou a fala de David. Ele descobriu que continuava com maravilhosas habilidades de linguagem e era capaz de escrever. Mas David perdeu totalmente sua habilidade de fazer sua boca proferir, ou mesmo cochichar uma simples palavra. O médico consultou revistas médicas. Ele retornou para contar a David que aquilo era uma desordem resultante da ferida na cabeça. Era chamado de afasia. Havia muitos tipos diferentes de afasia, mas o tipo de David era notado claramente na literatura.

Nas semanas de reabilitação que se seguiram, David recuperou os movimentos da sua mão direita. Ele comunicava seus pensamentos através de sua caderneta de anotações. Médicos e funcionários do hospital desenvolveram afeição pelo seu brilhante e sensível paciente. Eles fizeram esforços especiais para encorajá-lo, disseram-lhe que um dia sua habilidade para falar talvez retornasse tão misteriosamente quanto foi. Mas David achou difícil sustentar esse tipo de esperança. Para ele, parecia tudo fora totalmente produzido. Ele queria um claro

diagnóstico físico e uma verdadeira cura médica. Do contrário, ele não ouviria tais mentiras condescendentes.

Nesse meio tempo, as contas do hospital eram bastante reais. A quantia era além da razão. Nada havia sido gratuito no Hospital Geral de Makurdi. A medicação para dor e o sangue ficaram em 250 naira por dia, não incluindo quarto e comida, mais os exames médicos. Dentro de poucas semanas, seu dinheiro acabou. Ele estava se endividando profundamente.

O hospital exigiu que os pacientes pagassem pelas refeições. Ele não tinha mais recursos para comprá-las. Para diminuir as enchentes de dívidas, ele começou a pedir pedaços e restos dos seus companheiros de enfermaria. As pessoas gostavam tanto dele, que deixavam um pouco de comida para ele. Ele conseguiu ter esse tipo de ajuda temporariamente.

Enquanto isso, seus colegas da universidade formaram-se. Ele foi visitado por Jonas e outros colegas nos primeiros dias do acidente. Depois, ficaram muito ocupados procurando nova vida e carreira.

Depois de passarem algumas horas ao seu lado, eles tornaram-se impacientes. O David que conheciam era perspicaz e tinha conversa brilhante. Agora, todas as suas respostas tinham que ser escritas, pois ele parecia ter perdido sua habilidade de responder. A conversa tornou-se difícil. Frustrado, Jonas o acusou de se fingir de bobo. “Porque você simplesmente não supera isso?”, ele disse, e deixou o quarto para nunca mais ser visto.

David decidiu vender seus pertences para pagar a conta dos medicamentos. Mandou alguém pegar suas coisas na casa que ele havia compartilhado com seus colegas. Mas, quando

chegaram lá, seu quarto estava vazio. Parecia que seus velhos amigos tinham roubado tudo. Talvez eles tenham vendido suas coisas para pagar seu aluguel vencido. Qualquer que fosse a razão, eles não se incomodaram em compartilhar seus planos com ele. Ele nunca mais viu seus colegas de universidade.

Isso o chocou bastante. A nova vida que havia feito para ele mesmo em Makurdi, cercado de amigos, havia sido uma visão. Afinal de contas, talvez ele estivesse fadado a ser solitário, e nada jamais tivesse mudado. As coisas velhas não passaram. Todas as coisas não se tornaram novas. Ele começou a ter ataques de depressão.

Sem lugar para ir, sem familiares próximos para o receberem, David ficou no hospital. Semanas tornaram-se meses. Um dia, uma equipe da televisão nacional veio e filmou a sua história. O neurocirurgião local descreveu o caso para a audiência. Isso foi transmitido em rede nacional, e o nome e rosto de David foram vistos por toda a Nigéria. A publicidade foi usada para angariar dinheiro para o hospital. Depois disso, ele tornou-se conhecido afetuosamente como “moderador” do conselho do hospital. Funcionários e pacientes tratavam-no como se ele fosse o dono do lugar.

Mas ele não tinha ilusões. O hospital era dono dele e de cada tostão que ele fizesse pelo resto da sua vida. Além disso, ele já havia gozado desse tipo de adulação por parte dos seus muitos amigos da universidade. Ele sabia que aqueles que hoje eram devotos a ele, poderiam negá-lo amanhã.

Um dia, o neurocirurgião pediu para que uma ressonância magnética fosse feita na cabeça de David. Pelos resultados, ele sugeriu que uma cirurgia poderia ser feita, para remoção de alguns tecidos de cicatriz da parte de trás da sua cabeça que

estavam fazendo pressão no seu cérebro. Ele disse que essa operação delicada poderia trazer resultados positivos para ele. Sem promessas, ele via que a possibilidade de recuperar a fala era seu maior desejo. Ele queria arriscar tudo por isso.

Ele concordou com a cirurgia. Ao mesmo tempo, a situação política da Nigéria passou por uma revolta repentina. O médico voou para fora do país com sua família. Todos os planos para a cirurgia de David foram abandonados.

Isso foi o suficiente e David decidiu acabar com a dor. Aproveitou seu livre acesso à farmácia, roubando um estoque de veneno. Preparou uma dose letal para si. Se Deus determinou para ele a solidão, dívida, fracasso e estupidez, ele não queria isso. Ele iria ver esse Deus face a face, e pedir a Ele que designasse esse futuro para outra pessoa.

Ele sentou-se e escreveu uma carta. Agradeceu aos funcionários do hospital por todo seu esforço. Tornou claro de que a sua morte havia sido por suas próprias mãos. Na carta, descreveu as razões que o levaram a se matar. “Não vale a pena viver,” ele escreveu. “Eu sempre vou ser sozinho. Nada importa.”

Ele colocou a carta dentro da Bíblia, a qual colocou no criado-mudo. Depois deitou-se. Seu plano era esperar que todos estivessem dormindo, então ele tomaria o veneno. Ninguém o encontraria até que fosse tarde demais.

Ele sentiu um estranho sentimento de paz com sua decisão. O constante tormento que o afligiu dia e noite simplesmente cessou. Mais tarde, ele percebeu que o autor da morte, o inimigo da sua alma, coopera com aqueles que decidem ajudar sua causa do mal.

Ao se deitar, resolvido a suicidar-se, Alguém tinha maiores e melhores planos para ele. Uma bonita moça com grandes e bondosos olhos, entrou no seu quarto. A princípio David pensou que estivesse sonhando. Ela não era membro do corpo de enfermagem. Ele conhecia a todos no Hospital Geral de Makurdi, e se lembraria dessa adorável criatura.

“Posso falar com você?” ela perguntou.

Sua voz era suave e calorosa. Ela falou com um tom constante que parecia estar na terra embaixo dela. Ele pensou, será que ela é um anjo? Ele a encarou.

“Sei que você não pode falar,” ela disse. “Mas eles me falaram que você escreve muito bem.”

Ele se sentou e acenou. Pegou sua caderneta e escreveu:
“Quem é você?”

Ela chegou perto e se curvou para ler o que ele escrevera. Ele pôde sentir seu delicado perfume floral. Sua cabeça encheu-se da idéia de que, se ele não tivesse razão para viver por ele mesmo, poderia viver por outra pessoa.

“Meu nome é Rita. Estou treinando para ser enfermeira,” ela falou.

“Então, eles a mandaram para praticar em mim?” ele escreveu.

“Não, estou curiosa sobre você. Eu o vi na televisão e quis virvê-lo. Falei com os funcionários aqui. Disseram que você está deprimido.” Ela alcançou a Bíblia de David. “Você é cristão?”

Ele acenou afirmativamente.

“Eu sabia!” ela exclamou. “Eu também sou.” Seu sorriso era cheio e amável. Ela abriu a Bíblia e viu o bilhete que ele acabara de escrever. “Posso ler isso?”

David gelou por dentro. Ele não tinha certeza se queria dar a ela permissão para ler seu bilhete de suicídio, mas uma parte dele queria. Ele concordou e viu sua expressão mudada para uma expressão de alarme.

Ela olhou para ele, com as sobrancelhas cerradas. “Você nunca, nunca deve fazer isso!”, ela disse. “Quero que me prometa que não vai fazer essa coisa terrível.”

David desviou seu olhar. Ele não podia prometer a ela, não podia prometer a si mesmo. Ele sacudiu a cabeça. Ela se ofendeu, e falou rispidamente. “Você realmente crê em Deus, David?”

Ele assentiu.

“Deus te deu vida?”

Ele pensou em Alá e no Deus cristão. Em qualquer caso a resposta era sim. Ele assentiu.

“Então Ele não vai perdoar-lhe se você tirar esse precioso presente com suas próprias mãos.” Ela andava para frente e para trás com olhar penetrante. “A. vida não é sua para ser tirada, David; é d’Ele. Você vai para o Inferno se você se matar. E eu não quero que você vá para o Inferno.”

David pensou se o Inferno era tão solitário quanto sua vida. Ele pegou sua caderneta e escreveu: “Minha família se foi. Meus amigos me traíram. Perdi tudo o que tenho. Minha educação

tornou-se imprestável. Não posso pagar minhas dívidas. Estou sozinho, e nem mesmo Deus se importa.”

Ao ler isso, Rita ouviu uma voz falando ao seu espírito: “*Se você quer que ele faça essa promessa, você tem que fazer a promessa de ser sua amiga.*” Rita falou vagarosa e deliberadamente: “Deus importa-se muito com você, David. Ele me mandou aqui hoje. Se você me prometer que nunca vai tirar sua vida, em troca eu vou prometer-lhe algo. Isso é justo.

David não podia crer que ela estava falando isso. Nunca na sua vida ele ouvira alguém fazendo uma proposta tão íntima a um total estranho. Ele pegou sua caderneta e escreveu: “Como você pode me prometer alguma coisa? Você não me conhece.”

“Você também não me conhece. Se você me prometer que você não vai tirar sua vida,” ela disse, “então eu vou prometer apoiá-lo, não importa no que for. Eu serei sua amiga.”

“Ninguém pode prometer isso,” ele escreveu.

“Essa não é uma promessa a você, David, mas uma promessa que fiz a Deus, no meu coração. Ele vai me ajudar a mantê-la. Mas não vou fazer de jeito nenhum para alguém que planeja se matar. Você está me entendendo?

Nas suas palavras, David ouviu o que ele mais esperou ouvir — uma promessa de lealdade incondicional. Mas ele não podia crer que aquela bonita garota, viveria com tal promessa. Além disso, Rita estava na idade de se casar, e muitos homens gostariam de tê-la como esposa. Se ela se casasse, o marido dela nunca toleraria tal promessa de apoio a outro homem.

“Me promete,” ela disse.

Ele não tinha nada a perder. Poderia ser que Deus a tivesse mandado para tirá-lo da prisão do silêncio? Ele saiu de si mesmo e decidiu fazer a promessa. Pegando suas anotações, ele escreveu: “Eu lhe prometo, Rita, não tirar minha própria vida.”

“Assine o seu nome,” ela disse.

Ele assinou seu nome.

“Date isto,” ela exigiu.

Ele adicionou a data.

Ela se abaixou e pegou o papel das mãos dele. Segurando-o, ela leu novamente. Cuidadosamente ela o dobrou e colocou na sua bolsa. Depois pegou a nota sobre o suicídio da Bíblia aberta.

“Prometo a Deus e a você, David,” ela disse, cortando o bilhete até estraçalhar, que vou ser sua verdadeira amiga a partir de hoje.”

No dia seguinte, Rita veio até o quarto do hospital com a comida preparada. Ela veio no dia seguinte e no outro. Ela se incumbiu dele. Lavou sua roupa. Eles começaram a ter longas horas de conversa, ela falando e ele escrevendo suas respostas. Ela realmente apreciava a sua maneira de usar as palavras, então trouxe fichários para manter a escrita dele.

No hospital pacientes e funcionários começaram a brincar com David: “Aí vem sua esposa,” eles diziam sempre que Rita se aproximava. David estava lisonjeado. Ele dificilmente merecia tal esposa.

Suas dívidas estavam mais altas. David decidiu processar a mulher que o havia atropelado com o carro. Rita o ajudou com o processo legal ao longo dos meses. No final do julgamento, um júri compassivo concedeu a ele 1.000.000 de naira pelos estragos. Ele estava feliz em pensar que esse dinheiro poderia pagar suas contas do hospital, e prover para sua contínua medicação. Com o passar dos meses, entretanto, tornou-se claro que a mulher culpada tinha muitos meios para evitar o pagamento da indenização. Apelos legais e interpelações ao veredicto foram muitos, atrasando o desfecho. O estado emocional de David foi abalado com a luta legal.

Nesse meio tempo, Rita foi aceita na escola de enfermagem em Enugu, centenas de milhas de distância. Ela prometeu que não o negligenciaria, mas que retornaria a Makurdi. Enquanto isso, ela localizou um ministério local que servia a viúvas e órfãos. Eles concordaram em aceitar David como um projeto do ministério enquanto ela estivesse fora. Enquanto estava estudando em Enugu, Rita continuou sua conversa com ele através de cartas, escrevendo todos os dias como os meses dos seus estudos seguiam.

No tempo certo, ela se graduou. Sua família estava feliz e emocionada por ela. Queriam que ela procurasse emprego em Lagos ou em outros locais mais atrativos na Nigéria. Ela seria aceita em qualquer lugar que escolhesse. Como ela já falava inglês, podia até mesmo encontrar um trabalho na América. Mas recusou-se a aceitar uma designação fora de Makurdi. “Eu fiz uma promessa a Deus de ser amiga de David,” ela disse. “Eu pretendo mantê-la.”

Os membros de sua família não estavam felizes com isso. Eles começaram a desprezar David. Aconselharam-na dizendo que ela já tinha mais do que cumprido sua promessa a ele. Ela

poderia manter uma amizade, a longa distância, de qualquer cidade que possuísse serviço de correios. Rita ouviu, mas sentiu que não devia deixar David. A promessa que ela havia feito a Deus e ao David, não a deixaria seguir com sua própria vida. Ela veio trabalhar no Hospital Geral de Makurdi, onde David morava.

Dessa vez, no entanto, ela viu que o hospital o estava roubando. Ela o aconselhou a sair e ficar por conta própria. Ele não queria sair, dizendo não ter lugar para ir. Mas ela ficou atrás dele até que ele achou um meio disso acontecer. Ele encontrou trabalho em uma farmácia que estava disposta a fornecer sua medicação em crédito. O proprietário tinha uma cabine de um quarto no qual ele poderia viver sem pagar aluguel. Agora ele podia começar a se sustentar, e pagar, pelo menos, parte da sua dívida.

Rita continuou a visitá-lo, a trazer comidas, e a encorajar sua fé no Senhor. Um bom homem cristão começou a ligar para a casa de Rita. Os pais dela se agradaram dele como marido em potencial para sua filha. Ela percebera de quem fora a idéia disso e acabou com a história. Falou ao homem que não havia possibilidade para ela se casar enquanto durasse sua promessa de cuidar de David.

David soube disso e superou com emoção. Ele não tinha nada para oferecer a ela, mas um dia ele escreveu: “Rita, você quer se casar comigo?”

Ela hesitou. “Deus vai deixar bem claro se nós devemos nos casar,” ela respondeu, “pois em primeiro lugar, meus pais não aprovariam. Eles são pais religiosos. São os pais que Deus me deu, e eu creio que devo ter a aprovação e a bênção deles.” Ela ficou muito pensativa. “David, eu acho que quando você falar

novamente, tudo vai mudar. Creio que você vai falar algum dia.”

O coração de David gelou. Ele queria crer que iria falar novamente, mas simplesmente não podia. Sua confiança em Deus estava frágil, no melhor dos casos. Agora, estava quebrada. Ele continuava com sua mente oscilando entre as imagens de um Deus de amor e um Deus de condenação. Freqüentemente, ele se esqueceu de contar suas bênçãos e raramente, falhou em contar suas maldições. Amar tornou-se algo difícil para ele.

Esses foram os anos mais longos de provações para ele. Sua vida tornou-se limitada e definida por sua desordem. Fora do seu trabalho na farmácia, muito da sua energia era colocada em tentativas de receber 1.000.000 de nairas da mulher que o havia atropelado com seu carro. Todas as demoras com seus apelos legais foram finalmente exauridas. A indenização dnhha sido sustentada pela corte. Tudo o que faltava era receber, mas ele não recebeu nada.

Foi preciso que a corte intervisse para que o patrão dela anexasse o seu contra-cheque. Quando foi o momento disso acontecer, ela foi demidda. Secretamente, ela arranjou outro emprego. Quando ele descobriu, tentou o processo novamente e ela fez a mesma coisa. De alguma forma, nada havia mudado do dia em que ela o atropelara com o carro. Ela continuava evitando ser responsável. Ele continuava sendo derrubado.

Como Deus podia permitir isso? Como Ele podia balançar um milhão de naira na sua frente — tão perto, mas tão longe?

A mulher declarou estado de miséria. Se David tivesse feito linha dura e a polícia a tivesse prendido, toda sua esperança de receber alguma coisa dela desapareceria. Ele não podia fazer

nada e ficou cansado de ir atrás de justiça. Todos os seus esforços para que o sistema funcionasse para ele, ficaram piores pela sua desvantagem. Ele encontrou poucas pessoas, se é que achou, que foram pacientes com ele na sua inabilidade de falar. Como indignidade final, o governo deu a ele uma licença para tornar-se pedinte para poder viver. Eles também haviam desistido.

Enquanto isso, Rita continuou como sempre, verificando suas condições, trazendo comida ocasionalmente, cumprindo sua missão. Continuou incentivando-o em sua vida espiritual. Freqüentemente ela orava com ele e o levava a igrejas e cruzadas em Makurdi. Levou-o a conselheiros cristãos. Contudo, ele continuava lutando com sua fé e emoções. Altos e baixos, altos e baixos.

Oito longos anos passaram-se. Por agora, todo mundo que conhecia David, sabia que sua afasia era uma desordem real. Também, neste tempo David viu que Rita era uma dádiva, e que ele era totalmente indigno dela. O exemplo da sua fé constante perto da sua que era inconstante, tornou-se insuportável para ele, às vezes. Ele até sentia um certo alívio enquanto estavam afastados.

Eu não sabia nada a respeito da história de David e Rita quando nossa equipe veio à cidade. Em Fevereiro de 2003, *Cristo para todas as Nações* fez uma cruzada em Makurdi. Um grande campo foi separado para nossas luzes e sistema de som. Estávamos preparados para ver uma multidão de 200.000 pessoas.

Quando Rita ouviu sobre o encontro, ela chamou David e o intimou a ir. Ela contou a ele que na sua vida cristã, nunca havia visto um milagre, mas ela tinha ouvido que muitos milagres aconteciam em nossas cruzadas.

Nossos cartazes prometiam que eu oraria pelos enfermos, como sempre faço. Ela não foi ao encontro com David. Por alguma razão, ela sentiu que isso era algo que ele deveria fazer sozinho. Secretamente, ela estava perto do desesperar pela falta de melhora da parte dele.

David também sentiu-se desesperado. A capacidade em manter sua promessa à Rita estava chegando ao fim, e ele sabia disso. Pensamentos de suicídio o estavam atormentando novamente. Alguma coisa tinha que mudar. Era o bastante. Pela última vez, ele poderia esperar cura de Deus. Desta vez ele não poria sua confiança em médicos ou remédios. Ele não procuraria ajuda das cortes ou do governo. Ele jejuaria e oraria, pedindo a Deus que o curasse na cruzada de Bonnke. Se isso falhasse, ele encontraria um meio de liberar Rita da promessa.

Na nossa noite de abertura em Makurdi, 180.000 pessoas lotaram o local. Milhares de enfermos vieram para perto da plataforma. David colocou-se de pé na área e calculou que suas chances de receber oração pelo Reinhard Bonnke eram zero. No final do sermão, eu fiz uma oração geral pelos enfermos, ele se voltou e se foi.

Ele deveria aceitar seu destino, ele pensou. Deus não se preocupa o suficiente para curá-lo e ele nunca seria suficientemente bom para merecer isso. Bonnke tinha fé para a cura, mas ele não. E Deus não o deixaria chegar perto o suficiente para que Bonnke impusesse as mãos nele. Ele voltou para casa e sentou-se na sua cama no escuro. O relógio na sua mesa brilhou com a hora, 23 horas.

Ele sentiu uma gota de sangue quente fluir da sua narina. Levantou-se e achou uma toalha a fim de estancar o sangramento. Mas não parava. Continuou por uma hora, e

depois mais uma. Ele não tinha mais trapos para parar o sangramento. Depois de três horas que o sangramento começou, ele percebeu que estava morrendo. Talvez seu sangramento tinha vencido sua persistência.

Entretanto, sentiu que havia uma última chance de se comunicar. Ele não tinha telefone porque não havia necessidade de um. No canto do seu quarto estava o último caderninho que Rita havia preparado para seus escritos. Ele achou sua caderneta de anotações e caneta e começou a escrever sua última vontade e testamento, deixando seus pertences para Rita. Expressou seu amor por ela e sua profunda gratidão pela sua amizade.

Agora ela seria livre da sua promessa para com seu amigo, ele escreveu, e ela poderia encontrar um homem religioso para ser seu marido. Ele escreveu que Deus iria certamente cuidar de alguém tão fiel quanto ela. Escreveu também que ele seria livre, e que estava pronto para sua provação acabar. Com lágrimas e sangue caindo na página, ele disse adeus, assinou seu nome e datou 3 de Fevereiro de 2003.

Ele deixou a porta do seu quarto aberta, assim seu corpo seria encontrado pela manhã. Então, o jovem homem que havia lutado para perder sua solidão, deitou-se para morrer.

Mais uma hora passou-se. O sangramento continuou sem diminuir. Estranhamente, David se sentiu bem. Por que ele não se enfraquecera com a perda de tanto sangue? Ele se levantou e olhou no relógio. Eram 4 horas da manhã. Seu nariz ainda fluía um fio constante de sangue.

Pegou sua caderneta de anotações e foi para fora. A cidade estava escura. Sobre ele, as estrelas enchiham o céu noturno.

Elas olhavam para baixo com fria indiferença. Se ele nunca tivesse vivido, essas estrelas continuariam brilhando. Se ele parasse de respirar, elas não se importariam. Elas se parecem demais com o Deus que as fez.

Ele começou a andar. Ao fazê-lo, começou a soluçar com seus ombros sacudindo silenciosamente. Ele nunca havia se sentido tão só. Se jamais tivesse necessitado da sua voz, agora necessitava. Ele poderia gritar para as estrelas: “Por que me abandonaste?! Por quê?” Ele veio até um banco público e se sentou, com a alvorada começando a brilhar no leste. Ele ainda não podia controlar o seu choro ou seu sangramento.

Por volta de 5 horas alguém a caminho do trabalho o encontrou. Sua voz estava alarmada. “O que aconteceu com o senhor?”

David percebeu que sua blusa estava ensopada de sangue. Seu rosto estava uma desordem. Essa pessoa poderia chamar a polícia. Ele apontou para sua boca e balançou sua cabeça para que soubessem que ele não podia falar. Então, ele escreveu em sua caderneta: “É só um sangramento de nariz, eu estou bem.”

“Então por que você está chorando?”

David decidiu contar a verdade para o estranho. Ele escreveu: “Parece que o Senhor me abandonou. Por que o Senhor me abandonaria? Ele não se importa?”

“Como você sabe quando Deus o abandona?”, o estranho perguntou.

De repente, David podia ver a si mesmo. Ele estava sentado no banco do parque porque Deus o havia preservado, não porque o havia abandonado. Ele havia estado sangrando

constantemente por seis horas e continuava forte. Ele agora deveria estar inconsciente ou mesmo morto, mas ele podia se levantar e andar. Ele continuava com energia. Ele quase podia ouvir a voz de Rita, dizendo: “Deus te ama, David. Ele nunca vai deixá-lo ou abandoná-lo.” Aquelas palavras da sua boca eram tão poderosas, porque ela as vivia mais do que qualquer um que ele jamais conhecera.

Ele abaixou-se e escreveu novamente: “Não, eu estou errado. Deus não está me abandonando. Ele tem sido bom comigo. Eu creio que Ele vai fazer algo ainda maior por mim. Eu devo firmar minha fé.”

David voltou para casa e descobriu que o sangramento havia parado. Ele se limpou e foi trabalhar. Queria conversar com Rita sobre sua estranha provação. Ela era sua melhor amiga, mais que todos os outros. Mas ele reconsiderou. Ela já tinha estado lá o suficiente. Ele terminaria isso sem ela.

Pediu a seu chefe para ligar para seu primo John, que era cristão. Ele havia se mudado para Makurdi recentemente e sabia das condições de David. John concordou em vir até à farmácia. David pediu para que fosse com ele até à cruzada naquela noite. Contou a John como a multidão era muito densa e que ele precisava de ajuda para chegar até à frente. Ele estava determinado a aproximar-se de Bonnke. Ele pedir-lhe-ia para impor as mãos sobre ele e orar por um milagre de cura. John concordou em ajudar.

David então escreveu seu pedido de oração para Bonnke ler. Para comprovar sua história, pegou seus documentos médicos e a licença do governo para mendigar, presenteada a ele por causa da sua condição. Certamente com essa informação

Bonnke ficaria cheio de compaixão para pedir a Deus para fazer algo por ele.

Às 19 horas, eles vieram para o local da cruzada. David carregava sua Bíblia e sua caderneta. Alguns da multidão estiveram esperando por todo o dia. Juntos, David e John forçaram seu caminho em direção à plataforma. Era uma longa e difícil luta. Mas quando eu comecei a pregar naquela noite, eles já haviam chegado aos degraus ao lado da plataforma. No pé da escada, de pé, estava Jason Beder, um membro da nossa equipe.

David cutucou-o no lado para chamar sua atenção. Ele escreveu na sua caderneta e colocou na frente dele. “Eu tenho estado incapacitado de falar desde um acidente há oito anos atrás. Eu gostaria de um momento pessoal com Reinhard Bonnke. Eu quero que ele ore por mim, assim eu poderei falar.”

Jason podia ver que David estava desesperado. Seu coração se compadeceu dele. “Eu sinto muito,” ele falou, “mas tem gente demais aqui que quer ver Reinhard. Nós não podemos marcar uma hora especial para você. Mas se você ficar, Reinhard vai orar por todos os enfermos no final da reunião.”

David não queria isso. Ele escreveu novamente que queria que Bonnke orasse por ele pessoalmente. Na sua mente, ele estava lutando contra sua sina. Ele viu todas as pessoas na multidão como se resignado ao seu destino. No tempo da oração das massas, Reinhard oraria sobre toda a audiência e Deus curaria somente aqueles que Ele escolhesse para curar. David queria melhor vantagem do que essa. Ele queria tumultuar os portões dos Céus e pedir, até mesmo exigir, uma cura de Deus.

Na sua mente, se Reinhard, o homem de fé, pudesse orar por ele, isso aconteceria. Dessa maneira, ele pensou que romperia as garras do destino. Mas ao continuar com a tentativa de marcar uma hora, Jason continuou recusando.

Isso jogou David de volta para um perpétuo padrão emocional. A velha dor da solidão voltou ao seu coração com força total. Como Jason se recusou a ouvir o seu pedido, então David sentiu que Deus recusou-se a dar-lhe acesso ao Seu poder curador. Mas nesta noite, David pensou, alguma coisa nesse padrão familiar tinha que mudar. Cedendo a esse sentimento focado em si mesmo, tinha somente produzido mais sofrimento. Ele já tinha tido o bastante disso. Era tempo de ir por um novo caminho. Ele poderia ir contra seus sentimentos e dar um passo de fé, crendo que Deus ainda tinha o melhor para ele em Seu coração, embora se sentisse rejeitado.

Ele e John andaram cerca de 28 metros na multidão de forma que Jason continuasse vendo-os. Jason lembra-se de que David estava usando uma camisa vermelho brilhante, e era fácil acompanhá-lo.

Depois da oração de salvação, dirigi-me às pessoas enfermas na multidão como geralmente faço. Pedi que colocassem suas mãos na parte do corpo que precisavam de cura. Então, eu comecei a orar.

Jason descreve que viu David colocar sua mão na parte de trás da sua cabeça, e imediatamente cair no chão como se alguém o tivesse apagado.

David experimentou o que Jason viu, mas de maneira diferente. Seu testemunho é de que ele colocou sua mão na cabeça e sentiu o calor de uma forte luz vinda de cima, brilhando nele.

Pensou que fosse a luz do local da cruzada. Alguma coisa dizia para ele olhar para a luz. Quando ele olhou para cima, a luz iluminou ao seu redor. Ela era tão poderosa que o envolveu. Ele olhou para fora do facho de luz, para seu primo John. Obviamente John não viu a luz, porque estava olhando para o palco. David tentou alcançá-lo e agarrá-lo pela manga para que ele olhasse para a luz, mas ele não podia alcançar além da luz. Ele pegou sua caderneta para escrever uma nota para o John, mas sentiu sua mão fraca para escrever uma simples carta. Sentiu-se estranhamente fora da realidade.

Olhou para outras pessoas ao redor dele. Ninguém mais pareceu perceber a luz também. Estava sozinho nessa experiência, mas ele dificilmente sentiu-se sozinho. Estava sozinho com Deus, e sentiu-se emocionado com o Seu amor. Uma mão desceu pelo facho de luz e tocou na parte de trás da sua cabeça. Alguma coisa foi removida. Ele imediatamente sentiu-se livre de uma grande opressão.

A luz começou a desaparecer, e ele encontrou-se no chão do local da reunião da cruzada. Como ele foi parar lá? Sentiu-se confuso e pensando se havia realmente experimentado aquela luz, ou se isso havia sido um sonho. Sentiu-se como se continuasse em um sonho. Ao recuperar completamente seu sentido, pensou que talvez tivesse desfalecido pela perda de sangue, ou pela falta de dormir, ou mesmo pelo jejum dos dias anteriores — ou por uma combinação de todas essas coisas.

John rapidamente o ajudou a levantar-se. “O que aconteceu com você?”, ele perguntou.

David não tinha resposta. Ele nem mesmo pensou em usar sua caderneta. John continuou falando, mas David não podia se concentrar nas suas palavras. Continuava dominado pela

experiência da luz, e pela mão que havia removido algo da sua cabeça.

Nesse momento, Jason Beder relata que viu David alcançar a parte de trás da sua cabeça novamente e cair no chão como se tivesse sido derrubado. Essa era a mesma ação que acontecera antes.

Mais uma vez, David experimentou o que Jason viu, mas de maneira diferente. Ele disse que repentinamente a luz voltou. Desta vez, ela era mais poderosa. Ele olhou novamente para seu primo John, mas de novo, John não viu a luz. A mão voltou, tocando a parte de trás da sua cabeça. Mais uma vez algo foi removido, e David sentiu-se mais leve. Agora, entretanto, sentiu outra sensação também; ele havia recebido algo de Deus. A luz desapareceu, e ele encontrou-se no chão.

John ajudou-o a levantar-se. Ele parecia desconcertado e com um pouco de raiva. A multidão estava surgindo ao redor deles. As pessoas orando atentamente com suas mãos levantadas. “Quem o empurrou para o chão, David?”, ele perguntou. “Quem fez isso com você?”.

David olhou para John e, pela primeira vez em oito anos, uma palavra em sua cabeça achava poder para fazer sua boca responder: “Jesus, ele me tocou”.

O queixo de John caiu. Ele arregalou os olhos. “Você disse alguma coisa?”

“Jesus,” David repetiu. Ele sentiu como se estivesse apaixonado. Nunca entrou no seu coração o falar nenhuma outra palavra, do que o precioso nome do Filho de Deus: “Jesus”.

John disse: “David, eu o ouvi”.

“Jesus, Jesus, Jesus”, David repetia. Ele começou a dar voltas dizendo isso. Era um cochicho rouco, mas era um milagre. Ele parou, olhou para seu primo novamente, pegando nos seus ombros, “Obrigado, John,”, ele disse.

John o agarrou em um abraço apertado. “Deus curou meu primo!”, ele gritou para as pessoas em volta dele. Ele pode falar pela primeira vez em oito anos!”

Do palco eu pedi para quem havia recebido cura se aproximar da plataforma. Eu queria compartilhar com aquela vasta multidão o que Deus havia feito naquela noite. John correu com David de volta até onde Jason Betler estava. Ele lhe contou que David não podia falar por oito anos, desde seu acidente. Agora ele estava falando.

“Jesus”, David repetiu com lágrimas correndo dos seus olhos, “Jesus.”

Jason trouxe-o com John, escada acima, para me encontrar na plataforma. Mais uma vez, John explicou a história de David.

Eu falei à multidão: “Este homem chama-se David Attah, não tem podido falar por oito anos,” eu disse. Havia uma agitação na audiência. Eu não sabia que David era bem conhecido por muitas pessoas em Makurdi. Alguns o estavam reconhecendo. Coloquei o microfone perto da sua boca, “Vamos deixar David fazer algo que não tem feito por oito anos”, eu disse. “Conte comigo, David, diga ‘um’”.

“Um”, David resmungou.

“Dois”.

“Dois”, ele repetiu.

“Três”.

“Três”.

“Quatro”.

“Quatro”.

Repentinamente, David caiu de joelhos, chorando de gratidão. Ele havia superado, e não tinha idéia de como agradecer a Deus por Seu maravilhoso presente de cura.

Poucos meses depois, retornamos à outra cidade, na região costeira da Nigéria, para uma cruzada. David veio para nos ver. Ele estava sorrindo de orelha a orelha, e agora falou fluentemente com voz cheia. Eu o convidei para vir na plataforma e contar sua história. Ele o fez alegremente. Mais tarde nos contou que a força da sua voz continuou a voltar. Ele continua caindo no cochicho a qualquer hora que sua voz se cansa.

Meses mais tarde retornamos para outra cidade da Nigéria. David veio de novo, e desta vez, ninguém o faria parar de falar. Sua face tinha uma nova luz. Ele nos apresentou uma bonita mulher por nome Rita, sua noiva, ele disse. Vendo-a, nós pudemos facilmente entender sua alegria.

Pedi à minha equipe para levá-los ao lado e gravar toda a história deles. Foi quando eu soube que depois da sua cura, Rita levou

David para ver seus pais. A mãe de Rita os encontrou na porta. Ela conhecia David muito bem, e não estava feliz por vê-lo.

“Oi, mãe”, ele disse a ela, tendo em sua face um maravilhoso sorriso.

Os olhos da mãe de Rita se arregalaram. Suas mãos voaram para seu rosto: “David? Você fala?”

“Jesus me curou”, ele falou. “Deus é tão bom!”

Rita perguntou à sua estupefata mãe se poderia convidar David para entrar. Sua mãe acenou com a cabeça. Tantas emoções estavam escondidas atrás do seu pálido olhar: choque, raiva, frustração, ressentimento, confusão e aqueles sentimentos pioraram com o senso de culpa por ter sentido aquelas coisas por David — alguém a quem Deus havia obviamente amado tanto. Rita sabia o que fazer.

Ela levou David pela mão para dentro da sua casa, até o quarto dela. Lá, ela tinha uma prateleira de livros. Estava cheio de oito anos de conversas. Até agora, eles tinham sido suas memórias. Ela começou a empilhar as cadernetas nos braços estendidos de David. Encheu os braços da sua mãe também. Quando a prateleira estava vazia, ela os levou até à porta de trás, para fora no quintal. Um barril vazio foi colocado lá. Ela pegou as cadernetas, uma por uma, e começou a jogá-las dentro do barril. Depois, ela as encharcou com gasolina e colocou fogo.

Enquanto os livros tornaram-se chamas, uma enchente de lágrimas saíram da sua alma. Ela o abraçou. “Eu quero te ouvir falar, David”, Rita disse.

“Eu estou falando”, ele disse.

“Mas nunca pare. Nem mesmo pare de falar comigo, David. Promete-me.”

“Eu prometo”, ele disse.

Hoje, senhor e senhora David Attah estão na Faculdade da Bíblia, em preparação para uma vida de ministério. A cura de David tornou-se largamente conhecida nos círculos médicos da Nigéria, como também na maioria das igrejas naquela região da África. David e Rita viajam juntos e nunca perdem uma oportunidade de contar o que Deus tem feito por eles.

Então de quem é essa história? É a história da cura de David, da promessa de Rita, e mais. Essa é a história do amor de Deus. Seu amor capacita cada um a testemunhar da Sua graça salvadora e também do Seu poder curador. Que Deus possa receber toda a glória.

Eu estava chocado por ouvir Rita dizer aquilo antes de David ter sido curado, pois ela nunca tinha visto um milagre. Eu teria que discordar. Por oito anos, ela tornou-se um espelho humano do amor de Deus. Aquilo também, era um milagre.

r^J

Gênesis estabelece a lei da semeadura e da colheita.

Essa história lembra-nos de que, algumas vezes,

há um longo, longo tempo

entre as duas. Depois de a semente cair no solo

e morrer, nós continuamos em fé — é,

mesmo com uma fé vaálante —

crendo que a semente da Sua Palavra

não vai falhar em produzir

uma generosa colheita.

CAPÍTULO 12

CAFÉ DA MANHÃ NO BISMARCK

Eu o chamarei de Nathan, mas poderia ser Natasha, Johann ou Kersten. Ele é um dos muitos homens e mulheres que atendem a um apelo para receber o Senhor como Salvador. As pessoas perdem a sua individualidade quando a multidão é muito grande. Penso que deveríamos encontrar uma forma de falar apenas de uma pessoa; uma pessoa entre milhões de outras. Por isso, vou falar sobre o Nathan.

Ele queria conseguir um trabalho de supervisor em sua cidade natal. Seu falecido pai, que ele amava muito, havia trabalhado naquele cargo antes. Nathan sabia que se conseguisse o trabalho que pertecera a seu pai um dia, poderia se casar com o amor de sua infância. Ele queria tanto aquele cargo que foi pego colando num dos testes de qualificação. Aquele fato tornou-se público e, como consequência, Nathan perdeu sua reputação, seu trabalho e sua noiva.

Ele tentou se reerguer depois daquela tragédia, mas todo mundo sabia do fato vergonhoso que havia acontecido e ninguém parecia querer dar a ele uma segunda chance. Sua vida estava presa no lixo da iniqüidade e ele era o único culpado de tudo aquilo. Essa é a mais conhecida história de pecado.

Mas eu não sabia nada daquilo. Como, pois, poderia me importar com o Nathan? A minha alegria é saber que o Espírito Santo não é limitado como eu. Ele conhecia cada detalhe do fracasso de Nathan e se importava muito com ele. O Espírito Santo preocupa-se com todos os “Nathans” do nosso mundo. Ele não se esquece de ninguém. Se queremos ser

verdadeiros evangelistas, devemos crer nisso de todo nosso coração.

Quando tudo isso aconteceu, os feitos dos primeiros anos em Lesoto haviam ficado para trás. Reinhard Bonnke era, antes de tudo, um evangelista e poucos se lembravam dele como missionário. Eu havia criado em Johannesburgo a organização *Christ for all Nations*, que seria o canal para a concretização da visão de Deus para uma África lavada pelo sangue de Cristo, mas meu espírito estava inquieto.

Os resultados eram muito bons. Os estádios ficavam cheios e víamos dezenas de milhares de decisões para Cristo nas nações do sul da África. Armamos uma grande tenda para que milhares de pessoas pudessem se reunir para ouvir o Evangelho, enquanto outras milhares apertavam-se do lado de fora. Mesmo assim, o sentimento de inquietação continuava dentro de mim. Qual seria o significado disso?

Uma noite tive um sonho. Vestia um uniforme de capitão e estava na cabine de comando de um grande navio. Podia sentir as fortes vibrações dos motores ao segurar o leme em minhas mãos. O convés movia-se por debaixo dos meus pés à medida que aquele gigante em movimento dividia toneladas de água. Era uma cidade flutuante. Parecia tão grande como o infame Bismarck, o navio de batalha alemão usado na Segunda Guerra Mundial. Percebi, porém, que o navio não estava em mar aberto, onde se esperava que ele estivesse. Eu conduzia o navio, durante a noite, contra a correnteza de um rio sinuoso na África. Examinando atentamente naquela escuridão podia ver uma curva. Olhando para cada lado, vi que as margens estavam se estreitando à medida que o navio subia o rio. Aos poucos percebi que meu grande navio estava condenado. Ele nunca passaria por aquela curva. Estávamos em águas perigosas.

Olhei para ver se podia retornar para evitar o desastre, mas não havia espaço no canal. Não havia retorno. Arrepiei quando percebi que tampouco havia jeito de seguir. Que dilema!

No meu sonho, eu suava muito. De repente, tudo estava em risco. Minhas mãos tremiam sobre o leme ao ver o imenso navio aproximando-se cada vez mais do inevitável desastre. No desespero, desliguei os motores e eles ficaram em silêncio. Mas agi muito tarde, pois devido à força da velocidade em que estávamos fomos levados para frente.

De repente, ouvi um terrível barulho de aço chocando-se contra as pedras. Furos enormes rasgaram o casco do navio. O enorme navio, do tamanho do Bismarck, foi sendo levado, naquela noite africana, até ser parado e imobilizado bruscamente pelas margens estreitas do rio. Fiquei paralisado, absorvido pelo barulho da correnteza e dos muitos insetos na escuridão.

Acordei e vi que o lençol estava encharcado de suor. Não era necessário ninguém me dizer que tinha acabado de ter um sonho vindo de Deus. Mas o que ele significava?

“Senhor”, eu clamei, “o que é isso?”

“O navio”, disse o Senhor, “é a sua organização evangelística, *Christ for all Nations*”.

“Senhor, vamos encalhar?”, perguntei.

“Não”.

Ao ouvir aquilo fiquei muito aliviado, mas, mesmo assim, sabia que estávamos em águas perigosas. Devia ouvir cuidadosamente o que o Senhor tinha a dizer para evitar o naufrágio.

“Um grande navio de guerra precisa mais do que armamento”, ouvia-o em espírito, “ele precisa de mobilidade”.

“Sim, sim”, concordei. Ainda podia me recordar do momento terrível quando percebi que não podia virar o navio para evitar que ele ficasse preso. O navio inteiro, com todo seu armamento, tinha ficado preso, completamente imóvel, por duas simples margens de um rio.

*“Sua base é muito estreita e pequena”*¹ o Senhor me disse. *“O navio de batalha está bom, mas vou alargar o rio para que você possa passar. Acrescentarei intercessores para orarem pela Chist for ali Nations. Cada intercessor irá alargar o rio aos poucos.*

Agora eu entendia o sentimento de agitação em meu espírito. Deus estava me prevenindo sobre um problema que eu não sabia que existia. Em seu grande amor e sabedoria, Ele tinha me mostrado seu plano para evitar o desastre. Em obediência, encontraria maneiras de agregar novos intercessores para expandir o rio. Esse seria o foco da minha atenção agora. Ao caminhar nessa direção, não sabia que a vida do Nathan havia encalhado de uma forma bem diferente. Os sonhos dele em ser um supervisor e um respeitado pai de família tinham se desmoronado. Ele não sabia como se reerguer de sua própria vergonha, apesar de todos os seus esforços. Sua família e seus amigos o tinham abandonado. Ele já não tinha razões para viver.

Não vi o Nathan pegar uma faca na gaveta da cozinha. Todos os dias ele imaginava como poderia colocar fim às suas dores. Ele lera um livro que descrevia como as pessoas cortavam os pulsos e dormiam para sempre. Para alguém com uma vida arruinada como a dele, aquilo soou como o paraíso.

Eu não podia ouvir o Nathan chorando, so./inh<>< m .su *)u w i, □ segurando aquela faca contra o seu pulso. Só tonsi jMii,i i >m ir o barulho dos motores daquele grande navio d<> giutra. S<> nn ouvia repetindo a frase: “Toda a África será salva”. Ksri.vi entusiasmado demais ao ver o navio movendo novamente no rio daquele continente. Minha missão era conduzir o ministério *Christ for ali Nations* e ver uma África lavada pelo sangue de Cristo. Eu não ouvi o Nathan chorando — mas o Espírito Santo ouviu. Ele se importou com o Nathan em seu sofrimento, da mesma forma que se importou em alargar o meu rio.

Fui convidado para participar de um café da manhã, patrocinado por um outro evangelista. O que vi lá me abriu os olhos. Aquele homem de Deus havia convidado as pessoas para um café da manhã especial, onde ele iria apresentar sua visão e convidá-las a tornarem-se seus intercessores. O Espírito Santo falou que eu deveria fazer a mesma coisa.

Carleton era o melhor hotel que eu poderia me lembrar em Johanesburgo. Queria o melhor para os meus intercessores. Enviei convite para os mais conceituados líderes cristãos de todo o sul da África. Queria que eles participassem de um café da manhã do ministério *Christ for ali Nations*, pois ali Deus iria alargar o meu rio.

E eles realmente vieram! Meu coração encheu-se de gratidão, assim que me sentei na cabeceira da mesa e vi que todas as cadeiras daquele grande salão estavam ocupadas. Olhei os rostos dos amados líderes cristãos de todas as denominações e organizações ministeriais da região. Alguns críticos, pessoas que no passado haviam dito coisas ruins a meu respeito, estavam lá. Mas agora eles queriam apoiar nosso ministério. Vi empresários cristãos, políticos, pastores, amigos e diretores de ministérios. Pensei que certamente *Christfor ali Nations* tornar-

se-ia um grande navio de evangeüsmo, se pudesse gozar da ajuda daquela abençoada multidão.

O café foi servido aos convidados, seguido de um caloroso tempo de comunhão. Ainda posso ouvir o maravilhoso zunido de conversa naquela sala, juntamente com o tinir dos copos e dos talheres nos pratos. Fiquei emocinado ao ver que toda aquela movimentação era para apresentar a visão de salvar milhares de almas através da *CfAN* nos anos seguintes.

Então, chegou a hora de apresentar a visão. Fiquei de pé e andei até à plataforma. De novo o meu coração transbordou. Agradeci a presença dos meus convidados. Disse a eles que era uma honra eles terem atendido ao nosso convite e apresentei o plano de Deus para aumentar nossa mobilidade. Tinha chegado a hora de pedir que eles pensassem na possibilidade de juntar-se a nós como intercessores.

De repente, o Espírito falou ao meu coração, “*Faça um apelo evangelístico*”. Parei de falar na plataforma. Com certeza tinha ouvido errado, pois aquela não era uma multidão de pecadores, e sim de líderes cristãos. Eles poderiam ficar ofendidos se eu fizesse um apelo. E caso uma pessoa, de grande reputação, de alguma forma, ainda não fosse salva? Se fosse à frente, sua hipocrisia seria exposta.

“*Faça um apelo.* ”, ouvi a mensagem claramente naquele momento. Não havia engano. “Meus amigos”, eu disse, “ouvi o Espírito Santo me dizer que deveria fazer um apelo. Devo dizer que não planejei fazer isso numa reunião como essa, mas irei simplesmente obedecer ao Senhor. Por favor, abaixem agora suas cabeças”.

Muitas pessoas começaram a limpar a garganta e a tossir. Podia se ouvir o barulho das cadeiras e das roupas das pessoas se preparando para lentamente abaixarem suas cabeças. Agora, eles esperavam em silêncio.

“Gostaria de pedir que todos se examinassem honestamente nesta manhã. Se você morresse hoje, saberia onde passaria a eternidade? Você tem essa certeza? Se você tiver recebido Jesus como seu Salvador, com certeza estará com o Senhor. Mas se você não aceitou Jesus como seu Salvador, então você ignorou o presente da Salvação que Deus mesmo deu para você. Como você pode se salvar se rejeitou tão precioso presente? Pediria que aqueles que desejassem aceitar Jesus como seu Salvador levantassem suas mãos agora.”

Sempre em um apelo há um momento em que as pessoas que aceitam a Jesus tornam-se conhecidas. Esse momento vem quando elas abaixam suas cabeças em oração, e então ouvem o pastor ou o evangelista dizer, “Sim, estou vendo aquela mão.” Essas palavras significam que no grupo reunido, alguém não é salvo e que aquela pessoa reconheceu isso levantando sua mão. Essa pessoa tornou pública sua condição de perdido. Seria justo dizer que entre aqueles líderes cristãos, cada um estava muito curioso para saber se alguém naquela multidão responderia ao apelo. Sem dúvida, eles ficariam chocados se alguma mão fosse levantada. E, francamente, eu também. O silêncio era total quando pedi que as pessoas levantassem suas mãos.

“Sim, eu vejo aquela mão”, eu disse. “E a sua, a sua, a sua, a sua, e outra, e outra ainda. Sim, sim, sim, sim, sim....eu vejo aquela mão”. E havia mais ainda. Podia-se sentir algo como uma corrente elétrica no ambiente. Mas o que nenhum de meus amigos cristãos sabia era que eu estava recebendo uma grande revelação do amor e da graça de Deus.

Isso estava vindo a mim de uma forma que eu nunca poderia imaginar. Cada pessoa naquela multidão estava, sem dúvida, se perguntando, como líderes cristãos tão maravilhosos não conheciam Cristo como Salvador. Algumas pessoas até mesmo pararam de orar para ver quem estava levantando a mão.

“Esse é um momento solene,” eu disse. “Peço que vocês continuem em atitude de oração. O Espírito está falando a muitos corações aqui nesta manhã. Não queremos perder o que Ele está fazendo”. Depois de um momento, eu disse, “gostaria de pedir aqueles que levantaram suas mãos para vir à frente. Não demore. Se você precisa receber Jesus esta manhã, venha agora.”

Nunca esquecerei isso. Dezessete pessoas foram à frente, algumas delas correndo. Elas rapidamente se juntaram numa fila em frente à plataforma onde eu estava, algumas chorando, outras tremendo, todas movidas pelo Espírito Santo para aceitar Jesus como seu Salvador.

Então, eu disse à multidão, “você pode abrir seus olhos agora e ver o que Deus fez”.

Os líderes cristãos levantaram suas cabeças. Eles agora tinham recebido a mesma revelação que veio a mim. As dezessete pessoas na frente vestiam o uniforme do hotel Carleton. Aquelas eram as pessoas que tínhamos esquecido na nossa busca por intercessores. Aqueles eram os servos, os garçons que não havíamos lembrado enquanto desfrutávamos nosso café da manhã. Dezessete garçons queriam conhecer a Jesus.

Olhei para a multidão de amigos cristãos e disse, “Creio que foi para isso que viemos aqui. Devemos todos hoje ir para casa com muita alegria. Vindo a esse café da manhã da CfN,

ajudamos a tomar possível esses dezessete divinos encontros”. As pessoas começaram a chorar. Havia um silêncio santo no ar. Nada que eu dissesse ou fizesse ilustraria melhor a natureza do nosso chamado em sermos testemunhas e evangelistas das Boas Novas.

Um jovem pastor estava totalmente transformado naquela manhã. Ele prometeu que daquele dia em diante sempre que falasse para algum grupo faria um apelo. Tal fidelidade evangelística irá sempre produzir frutos. No caso dele, sua igreja mais tarde cresceu tanto que formou uma congregação de 40.000 membros naquela cidade.

Continuei conduzindo aqueles dezessete garçons à oração de arrependimento. Então, os cumprimentei. Apertei a mão de cada um e os fiz saber que aquilo não era o fim da relação deles com o Senhor — mas apenas o começo.

Cheguei ao último garçom da fila, um jovem. Apertei sua mão.

“E qual o seu nome?” Perguntei.

“Nathan.”

“Nathan”, eu disse, “bem-vindo à família de Deus.”

Ele balançou a cabeça e sorriu para mim com lágrimas escorrendo no rosto. Ele segurou minha mão com suas duas mãos e continuou segurando-a por um bom tempo. Ele não a soltava. Eu podia dizer que ele estava profundamente comovido. Não tive tempo de perguntar, mas sabia que uma longa e importante história ficava para trás naquele momento de decisão na vida dele. Há uma história como a de Nathan atrás de cada uma das milhares de decisões para Cristo que

registramos. O céu não será maravilhoso? Teremos tempo suficiente para ouvir cada uma delas, do começo ao fim.



*Não somos apenas agentes da onipotência,
somos também agentes da onisámença.*

Não precisamos saber de tudo — Deus sabe.

Confie em seu perfeito conhecimento.

Se sintonizarmos em Sua voz[^] e a obedecermos,

*Ele verá com isso que somos usados
em seu objetivo de assolar o inferno e trazer
mais pessoas para o céu.*

NOSSOS SONHOS,
COMO A INOCÊNCIA DE UMA CRIANÇA SÃO,
EM ESSÊNCIA, MUITO FRÁGEIS -
LINDOS DE SE CONTEMPLAR,
PORÉM FACILMENTE DESACREDITADOS.



Apesar disto, Deus é maior que um sonho, mais forte que o medo, e maior que nossas expectativas. *Coisas Ainda Maiores* conta histórias dramáticas de pessoas ao redor do mundo, as quais certamente lhe edificarão. Conta histórias de pessoas como eu e você, vidas nas quais Deus fez maravilhas apesar de nossos sonhos frustrados, falhas e fraquezas.

A Sua Graça é dada gratuitamente...

VOCÊ SE SENTIRÁ TOCADO...

INSPIRADO...

VOCÊ SERÁ TRANSFORMADO ...

E FARÁ OBRAS AINDA MAIORES PARA DEUS!



Deus fará coisas ainda maiores através daqueles que estão sinceramente dispostos a crerem em Sua Palavra. Reinhard Bonnke é um grande servo de Deus, que vem, através deste livro, *Coisas Ainda Maiores*, acender em você uma paixão interior que o levará a realizar "coisas ainda maiores" para Deus do que se pode imaginar! Joyce Meyer é pregadora da Palavra e autora de vários best-sellers.



BELLO PUBLICAÇÕES
WWW.BELLOPUBLICACOES.COM

ISBN 978-85-61721-33-6

9 788561 121336